BIBLIOTHECA DE LIVROS UTEIS

VIII

PORTUGAL

NA

EPOCHA DE D. JOÃO V

TYPOGRAPHIA E STEREOTYPIA MODERNA

Beco dos Apostolos, 11—LISBOA

PROLOGO

> ...Enfin D. Juan V ne forme des desirs, ne conçoit des projets qui ne tendent tous qu'à l'honneur de la nation.
>
> *La Clède:* Histoire de Portugal, vol. VIII, pag. 537.

Ao assumir a direcção dos negocios d'este paiz, o marquez de Pombal, o grande reformador, achou-se no meio que o longo reinado de D. João V, com todos os seus defeitos e todas as suas virtudes, havia creado. É por isso que me parece indispensavel, para bem se apreciar o valór e a opportunidade das reformas operadas por aquelle ministro, fazer-se a historia verdadeira e imparcial do reinado de D. João V. Affigura-se-me que essa historia ainda está por escrever, e por isso resolvi eu tambem, amantissimo dos estudos historicos, acarretar algumas pedras com o fim de ajudar, quanto coubésse nas minhas forças, o architecto que se resolvesse a erigir tal edificio.

Horrorisam-me as calumnias historicas. O marquez de Pombal não era tão santo como querem seus ingenuos admiradores, nem tão cruel como dizem seus implacaveis inimigos. Era um homem do seu tempo. Deveria forçosamente ser influenciado pelos usos e costumes da sua epocha, quer bons, quer máus.

Queria, porém, reformar o paiz, e jamais o poderia fazer sem ser rigorosissimo, porque tinha clero, nobreza, e,—permitta-se-me que diga tambem—o povo, fanatico até ao excesso, contra elle. Tinha tão sómente a seu favor el-rei D. José

Era muito; mas n'aquelle tempo, em que o clero e nobreza, eram as classes que verdadeiramente dominavam —isso era insufficiente, sem o indispensavel acompanhamento d'um esquadrão de carrascos.

Quem desejar escrever conscienciosamente ácerca de D. João V, deve estudar a fundo o viver fanatico do povo portuguez d'aquella epocha, e deve tambem fazer algum estudo no viver dos outros povos durante o reinado do monarcha que tanto fez, ou para fallar com mais rigor historico, que mais trabalhou para que a fama com o seu clarim apregoasse nos mais distantes e occultos logares do globo o nome da nossa querida nação. Rei verdadeiramente amantissimo de tudo quanto era glorioso para Portugal, emprehendeu e levou a cabo muitas obras grandiosas, convencido de que assim o nome portuguez echoaria triumphantemente nas mais remotas regiões.

Os seus defeitos são os defeitos do seu tempo. Sejamos justos: se eu houver de biographar um individuo do seculo XIV, por exemplo, não devo ir comparal-o com um Napoleão, que viveu cinco seculos depois, mas sim com um contemporaneo. Para se apreciar imparcialmente, é indispensavel que o historiador estude a fundo os costumes e o viver até mesmo domestico da epocha, ácerca da qual escreve, e sem isto não ha justiça possivel. Entre o seculo em que vivemos e aquelle em que viveu D. João V e o marquez de Pombal, ha um abysmo incommensuravel. Entre o anno de 1884 em que escrevo estas linhas, e aquelle em que, por exemplo, nasceu D. João VI, existe outro abysmo.

Ainda sou do tempo da fôrca permanentemente armada no caes do Tojo: e do terço cantado em côro nas ruas da cidade; e de se beijar a mão a qualquer padre que passasse junto de nós; e das resas depois do jantar; e do *agua-vae* ao anoitecer, nas ruas de Lisboa. Tambem ain-

da sou do tempo em que os professores tinham estudos solidos e profundos.

Hoje o homem que não póde ganhar a vida n'outro qualquer mister, intitula-se professor, e vae ensinar. No tempo de D. João V exigiam-se-lhe habilitações, aliás não o deixavam intitular-se professor. O mestre desmoralisador da mocidade não era admittido ao ensino: hoje ha exemplo de professores expulsos de lyceus, terem sido readmittidos, dando-se-lhes—talvez para os premiarem,—cadeiras vitalicias. N'outro tempo não se passava certidões de approvação senão áquelles individuos que na realidade tinham feito exame. Hoje temos dezenas de individuos, que na realidade os não fizeram, mas que teem certidões de approvação, como se os houvessem feito.

Antigamente. isto é. em tempo de D João V, D. José e mesmo no de D. Maria I, para as disciplinas de que não havia no paiz bons professores, mandavam-se contractar ao estrangeiro. Hoje entende-se que os professores de Humanidades não necessitam saber.

Vae para trinta annos que em Portugal as cadeiras de instrucção secundaria são dadas tão sómente por empenhos! A posteridade não ha de acreditar uma tal asserção, mas para nós, os que vivemos actualmente, ella é infelizmente uma triste verdade.

Os que nasceram no principio do seculo actual sabem quão venerados eram ainda n'essa epocha os professores. Os que vivem hoje sabem perfeitamente quanto essa classe se tem desprestigiado aos olhos dos estudantes e de todo o publico, resultado das suas proprias culpas.

Em summa, o ensino no tempo d'el-rei D. João V era uma cousa séria, e são quasi innumeraveis os portuguezes distinctos nas lettras, tanto em Portugal como no estrangeiro. Então, encontravam-se compatriotas nossos fazendo observações astronomicas, tanto na Tartaria, como em Pekin, e n'outros muitos pontos. Então, um grande numero de portuguezes estavam ensinando nas universidades estrangeiras. Então, muitissimos compendios feitos por portuguezes, eram espontaneamente adoptados nos outros paizes para o ensino! Hoje, porém, o homem

estudioso pratica uma verdadeira loucura consumindo annos na elaboração d'um bom compendio, embora d'ahi advenha honra para o paiz, pois o livro não lhe será adoptado, se n'isso não houver lucro para um ou outro professor, commerciante de compendios.

A narrativa d'estes factos pertence, porém, áquelles que escreverem ácerca dos tempos que vão correndo, e não a mim que escrevo relativamente a D. João V. Taes costumes não eram proprios d'este reinado, e só incidentemente n'elles toquei, para fazer sentir o contraste que n'estes pontos se observa entre aquella epocha e a nossa.

Não deixarei porém de fazer votos para que haja em Portugal um governo energico que, antepondo a quaesquer outros negocios, a Instrucção Secundaria, trate de a reformar seriamente, não se deixando dominar por interesses e considerações pessoaes, e valendo-se do concurso dos homens competentes para os quaes não ha mysterios em taes assumptos, de modo que os estudos assentem em base solida, e os estrangeiros em vez de metterem a ridiculo os nossos trabalhos, os exaltem, estudem e engrandeçam, como succedia na épocha que vou historiar.

Lisboa, dezembro de 1884.

Manuel Bernardes Branco

I

O dia 19 de outubro de 1739 ficará sempre notavel, tanto nos annaes litterarios de Portugal, como nos annaes cruentos da nefanda inquisição!

N'esse dia, um dos mais bellos e gentis espiritos, a quem o solo brazileiro dera o berço, impellido pelas crepitantes lavaredas de uma fogueira inquisitorial, fôra elevado ás regiões aereas, participando assim da mesma sorte que tinha cabido a tantos e tantos illustres varões, que, dotados com o condão da intelligencia, tinham tido a desdita de haverem nascido n'um paiz de fanaticos e de intolerantes!

Um tal dia fôra anciosamente desejado, tanto pelo povo de Lisboa, como pelo das povoações circumvisinhas e distantes. Foram contadas com impaciencia as semanas, os dias e as horas, tão demoradas no seu curso, que iam faltando para essa occasião, em que o povo de Lisboa e do paiz inteiro tinha de assistir uma vez mais a esse espectaculo tão predilecto e tão querido do povo portuguez, ou para melhor dizer, dos fanaticos e hypocritas d'aquelles tempos, em que parece se não pensava nem discorria.

Vestuarios garridos e deslumbrantes haviam sido destinados para se estreiarem em tão santo dia. As reclusas do Senhor, essas santas esposas do Cordeiro Immaculado, na linguagem d'aquelles tempos, impacientes haviam feito promessas aos Santos da sua devoção, para que as deixassem chegar a esse dia, em que a Divindade ia ser vingada mais uma vez dos ultrages feitos diariamente por aquella geração reproba, que insistia emperrada em não comer carne de porco e em continuar sempre na pratica dos preceitos de Moysés.

Reprobos immundos, perseguidos em todos os paizes, sem rei nem reino, mas que odiavam os filhos da Egreja Catholica! Reprobos malditos

que a occultas, e em toda a parte cumpriam os preceitos da sua lei! Reprobos mofentos, tão odiados de Deus, que até junto d'elles não se podia estar, pois impestavam os logares com o fetido pestilente que seus corpos exhalavam![1]

Explendidas promessas haviam sido feitas para que não chovesse, ao Senhor dos Passos de S. Domingos, ao da Graça, á Virgem Madre de Deus, ao Beato Antonio de Xabregas, aos Santos da Egreja da Annunciada, e ao Padre Santo Antonio. Que déssem elles dia de sol para ainda mais uma vez se gosar d'esse brilhante espectaculo, nem todos os annos visto, mas agora muito mais appetecivel, porque o Judeu, isto é, o Antonio José da Silva, esse homem tão popular e conhecido não só em Lisboa, mas até no paiz inteiro, ia dentro em pouco apparecer n'um auto de fé conjunctamente com sua mãe sexagenaria, e com sua mulher Leonor Maria de Carvalho, de 27 annos de edade!

Infelizmente para as almas piedosas d'aquelles tempos, alguns annos consecutivos ás vezes se

[1] Era crença geral que os Judeus deitavam de si um fetido insupportavel. Veja Cataldo Siculo, Opera, Olisipone, 1500; e as Voyages do P. Labat, vol. II, pag. 134, etc.

passavam, sem haver um auto de fé, falta esta que redundava em detrimento da santa Religião, e em prejuizo das arcas e dos cofres da santa Inquisição. Alguns havia que asseveravam, tendo visto um auto de fé, nada mais appetecerem, e seus desejos, quaes os do velho Simeão, estarem plenamente satisfeitos! E satisfeitos de tal modo, que logo depois o Senhor os poderia levar para a sua divina presença! Outros havia, porém, incomparavelmente mais felizes: eram aquelles a quem o Senhor tinha permittido mais do que uma vez terem assistido em sua vida a tão edificante acto! Oh! Como era delicioso ver aquelles malvados Judeus, aquelles avarentos, aquelles enganadores dos Christãos, aquelles mofinos, estorcerem-se por alguns minutos, e depois serem reduzidos a torresmos! [2] E as caretas e tregeitos que elles faziam sobre as chammas!...

---

[2] «Devo advertir aos estrangeiros que forem a Portugal, e quizerem assistir a esta cerimonia, que devem andar com a maior prudencia no dia do Auto de Fé, de modo que nada façam, ou digam, que possa escandalisar a superstição dos portuguezes.

E' difficil que um estrangeiro passe por entre a chusma de que as ruas estão apinhadas, sem que as pessoas do povo baixo deixem de resmungar por entre os dentes injurias que significam em geral: *Que bem ficava uma*

Agora, porém, os familiares do Santo Officio tinham andado açodados, e, (graças ás denuncias, ás quaes todos eram obrigados, quer fossem dadas pelo filho contra o pae, quer pela esposa contra o marido, pois tudo isto não só era licito, mas até mesmo obrigatorio n'aquelles tempos, para maior gloria de Deus [3]) os carceres da Inquisição achavam se bem povoados de presos, e lá iam uns 58 figurar n'esse auto, entre os quaes se encontravam para morrerem um pae e uma

carocha a este hereje! Proferem de ordinario mil maldições contra os desgraçados, que vão morrer, e, se vêem algum espectador tristonho, não deixam de lhe dizer: *Está triste por levarem seus irmãos a queimar na fogueira!*—MÉMOIRES INSTRUCTIFS POUR UN VOYAGEUR DANS LES DIVERS ÉTATS DE L'EUROPE. Amsterdam, 1738.

[3] Pode-se affoutamente asseverar que o fanatismo e a inquisição foram os maximos motores da decadencia dos portuguezes nas regiões orientaes. Um arcebispo de Gôa teve o arrojo de mandar queimar o rei d'Ormuz, o qual tinha ido áquella cidade! O viajante Pyrard de Laval, diz nas suas *Viagens* impressas em Gôa, que seria impossivel dizer que numero de pessoas aquella inquisição fazia morrer diariamente.

Os estrangeiros, porém, ainda assim não estavam tão arriscados a cahir debaixo das garras da inquisição como os nacionaes. E eis a razão por que as prédicas diurnas e nocturnas poucos proselytos grangeavam. A inquisição vigiava principalmente os actos dos catholicos, era a mantenedora e zeladora da fé. No em tanto não havia que fiar e o medico francez Dellon é um triste exemplo.

filha, tendo de ouvir antes o sermão do afamado orador fr. Manuel da Silveira. Não é pois para admirar que houvessem sido offerecidas grandes quantias com muita antecipação para se obter um logar, máu que fosse, nas hospedarias e albergues da cidade, nos sitios d'onde se podesse disfructar o espectaculo. Muitos, porém, apesar das exorbitantes quantias offerecidas, viram-se obrigados a passar ao relento a noite anterior ao espectaculoso dia, ou, quando extraordinaria-

---

«Haverá difficuldade, diz elle nas suas Viagens, impressas em Colonia no anno de 1711, em acreditar que uma cidade, cujos arrabaldes são tão bellos, contenha em seu ambito com que causar admiração aos que a vêem. Com effeito, apesar de seus dominadores se acharem em decadencia pelos prejuizos soffridos, superiores a tudo que se possa imaginar, e do commercio já não ser nem a sombra do que foi n'outro tempo, Gôa ainda é uma das mais bellas e mais sumptuosas cidades do Oriente.»

Dellon foi estabelecer-se em Damão, e aqui foi denunciado á inquisição por um visinho, e immediatamente preso. As causas apparentes da prisão eram simples suspeitas de heresia. Mas a causa verdadeira fôra, segundo diz o auctor, o desejo que o governador da cidade tinha de o vêr d'ali para fóra, cheio de ciumes da affeição que Dellon mostrava a uma dama a quem o governador fazia a côrte.

O pobre viajante padeceu horrorosamente, e por vezes se quiz suicidar.

Não havia comida determinada para os presos (conta elle); os magistrados descançavam na caridade das pes-

mente muito felizes, debaixo dos alpendres ou nos pateos das egrejas e dos mosteiros. Os generos indispensaveis á vida, de encontro ás estivas, haviam subido extraordinariamente de preço, e as leis ainda mais uma vez haviam sido despresadas. Não só porém as pessoas que não tinham podido obter logar nas hospedarias, (e não poucas eram estas então) perdiam a noite; as damas, tanto as da mais alta aristocracia, como aquellas que brilhavam na sociedade elegante, não tinham dormido em camas mais macias. Ataviadas com suas mais donairosas e deslumbrantes galas feitas na França, na Inglaterra, na Italia e em Flandres, depois de longas horas ao toucador,

soas que os quizessem socorrer; e, como apenas havia duas pessoas na cidade que lhes remettiam comida regularmente duas vezes por semana, não recebiam na maior parte dos dias coisa alguma, e viam-se reduzidos a uma miseria digna de lastima. Alguns dos que viviam na sala pequena, chegavam a ponto de procurarem a subsistencia em seus proprios excrementos. Contaram-me que alguns annos antes, tendo os portuguezes aprisionado 50 corsarios malabares, e tendo-os encerrado n'esta mesma prisão, passaram tão grande fome, que uns quarenta, cheios de furor, se estrangularam com os seus proprios turbantes.»

Dellon sahiu finalmente ao cabo d'um longo captiveiro mas reduzido ao extremo da miseria, pois a inquisição lhe confiscara todos os seus haveres!

achavam-se com seus elegantes penteados entrelaçados de modo tal que o mais leve toque deitaria a perder um trabalho de longuissimas horas. E, alem d'isso, era mister procurar com antecipação d'algumas horas logar nas janellas, das quaes pendiam riquissimas colchas e cobertas de damasco. O prestito era magestoso e brilhantissimo, e nada havia que se podesse deixar de ver. A chegada da tropa, a passagem das cadeirinhas dos numerosos magnates, dos ministros estrangeiros e do corpo diplomatico, que todos, todos estes concorriam, pois a festa, (ou mascarada, como lhe chama um estrangeiro), era funcção luzida a mais não poder, e em pompa e magestade talvez só comparavel com a de Corpus Christi... Mas talvez não, porquanto um auto de fé era mais interessante e edificativo para as almas piedosas e timoratas d'aquelle tempo.

Abbreviemos, porém: Antonio José fora condemnado á morte, pois a sentença resava — relaxado em carne, morto, queimado como convicto, negativo e relapso. Tinha já sido levado para o oratorio, e de lá saira para a grande festança no templo de S. Domingos. Aqui entrou ao aclarar a manhã do dia 18 de outubro de 1739. A egreja estava esplendidamente armada, mas apinhada

de povo a mais não poder ser. O cardeal inquisidor-mór D. Nuno da Cunha e os conselheiros achavam-se na sua tribuna, deslumbrantes de magestade e de riqueza. Nem tudo porém poude ser acabado n'este dia!

Assim que o inquisidor mór appareceu no adro do templo, dobraram os sinos, e logo a procissão principiou a caminhar. Tudo aquillo era admiravel. O estandarte do Santo Officio, os dominicanos, os inquisidores, as estatuas dos hebreus ausentes, as carochas, os sambenitos, os diabos pintados, os caixotes com os ossos d'aquelles que tinham morrido nas torturas...

A agonia, porém, d'Antonio José tinha de prolongar-se, pois só foi a morrer no dia seguinte!

Mataram aquelle grande genio, do qual diz Fernandes Pinheiro, que ninguem se approximou mais de Aristophanes pela originalidade da invenção, acrimonia em satyrisar os ridiculos nacionaes, facilidade no dialogo, e perfeição na pintura dos caracteres.

Manes do grande comico, estaes vingados! Todos á porfia vos exaltam e engrandecem, ao passo que todos unanimemente vituperam e mettem a ridiculo esses governos imbecis e fanaticos, que davam liberdade aos barbaros inquisidores para

queimarem n'uma fogueira o sangue de um rei de Hespanha, ou para tirarem do caixão o cadaver de um D. João IV de Portugal, por não terem estes dois monarchas os corações empedernidos á vista das torturas dos padecentes quando se achavam sobre as fogueiras, onde ás vezes os tormentos eram prolongados de proposito!

Mas era sorte! O theatro portuguez tinha de ser em todas as epochas perseguido ou despresado n'este paiz!

«As peças de Antonio José, diz o escriptor prussiano Wolf, teem um comico tão vigoroso, tantas idéas picantes e engenhosas, que ainda hoje interessam aos leitores portuguezes e até aos estrangeiros. (Le Brésil Littéraire, Berlin, 1863).

«Le génie comique et bisarre d'Antonio José ne se soumit à aucune loi, on eût dit même qu'il se plairait à les enfreindre. Malgré l'imperfection de son talent, ses pièces ont été trop nombreuses et trop gaies pour qu'on se contente de le mentionner» (Ferdinand Denis, *Histoire de la Littérature Brésilienne*).

Este escriptor no seu *Theatro Estrangeiro* tambem traduziu para francez o *D. Quixote*, de Antonio José. E Sismondi fallando do pobre Judeu tece-lhe elogios, e exclama:

«Une vraie gaieté, mais une gaieté populaire animait pour la première fois la scène portugaise: on sentait de la verve, et dans les sujets et dans le style: de 1730 à

1740 le public se portait en foule au spectacle, et la nation semblait sur le point de fonder son théâtre, lorsque le juif fut brulé, et le spectacle tomba.»—«Regénérateur du théâtre portugais tombé en decadence!» exclama Ernest David, no seu livro *Les opéras du Juif A. J. da Silva*, publicado em 1880.

Grande poeta! Grande comico! Teu nome passou á posteridade, sympathico e applaudido, tanto na prosa como no verso, tanto nas composições theatraes, como no romance! Camillo Castello Branco sempre que a ti se refere faz derramar lagrimas a todos quantos teem coração para se sensibilisarem com os infortunios dos martyres das sciencias e das lettras. E os nomes de teus carrascos, e de teus verdugos sejam para todo o sempre amaldiçoados e anathematisados! Malvados que em todos os tempos declararam guerra á intelligencia, e quizeram reduzir o genero humano a automatos impensantes!

Estás vingado grande poeta; e quem te vingará a ti condignamente, ó Francisco Xavier de Oliveira, a ti que eras um dos poucos pensadores d'aquella epocha! Queimaram-te em estatua no mesmo auto de Fé, em que o demente Malagrida perdeu a vida, e por isso exclamaste quando te levavam a noticia: Que nunca tinhas sentido tanto frio como n'esse dia!» Não zomba-

rias assim, se te não houvesses refugiado em paiz estrangeiro. Teus escriptos [4] publicados por occasião do terremoto de Lisboa despertaram as iras da Inquisição. Pozeste-te a salvo fugindo para os paizes estrangeiros, nos quaes havia liberdade de escrever, e de pensar. Mas perdendo todos teus haveres, dentro em pouco te viste reduzido ao extremo da miseria!

E quão grande não foi o numero d'aquelles desventurados que n'este paiz foram alvo dos furores da Inquisição, com o cavalleiro d'Oliveira

---

[4] Eis alguns trechos dos mais frisantes:

«Os mysticos são capazes de crer em tudo, e alguns têm sido tão loucos que dizem que o sol deve luzir, e apparecer constantemente todos os sabbados, porque a egreja determinou, e consagrou este dia á Virgem Nossa Senhora... «Carta de 20 de julho de 1736 a Mr. de M***

«Deus é o que é. Nós não sabemos o que elle póde, ainda quando sabemos que póde tudo. Este tudo encerra alguma coisa que vossa paternidade não sabe dizer o que é. Para o saber creia vossa paternidade o que crê a gente de bem, e confesse que Deus não sómente póde salvar aos que fallam no diabo, mas aos que fallam com elle. Como cuida o padre fr. Henrique que eu lhe fallaria, e lhe escreveria, se não tivesse esta certeza, e se não estivesse n'esta esperança? Persuadir a mademoiselle Antonieta que não diga que o *Diabo vos leve*, n'isso faz vossa paternidade a sua obrigação, porém enchel-a de escrupulos, dizendo-lhe que Deus a não póde salvar, n'isso não mostra vossa paternidade o seu juizo. Elle é

e o pobre Judeu, «o mais desventurado e talentoso homem que a religião de S. Domingos matou» segundo a phrase de Camillo Castello Branco! Damião de Goes! José Anastacio da Cunha! Ribeiro Sanches! Antonio Vieyra! Antonio Vieira Transtagano! Bartholomeu Lourenço de Gusmão! Bernardo José de Abrantes e Castro! Antonio Homem, esse pobre lente de Coimbra! Francisco Manuel do Nascimento, a quem todos os bens foram confiscados, tendo de se refugiar na França, reduzido ao extremo de penuria, embora cantado por Lamartine, e comme-

tal que se póde dizer que o *Diabo vos leve*; porém, eu não digo outra coisa senão que Deus me guarde de vossa paternidade por muitos annos.» Carta de 25 de agosto de 1736, a fr. Henrique sobre as pragas.

«Frade que frequenta a côrte por seu gosto, que passeia em carroça por exercicio, que falta aos votos por politica, que governa o mundo por theologia, que trata os grandes por decoro, que communica as damas por civilidade, que se enche de furor contra os donaires e de meiguice por quem os traz: que contende com os seus companheiros, que ameaça e se vinga dos seculares, e persegue a muitos d'elles correndo atraz de suas mulheres, tudo isto é ser frade como fr. Henrique, e sendo um homem assim peor do que o diabo, vós bem sabeis que se o diabo póde ser frade, não póde nem poderá ser jámais religioso. À vista da minha rasão, fazei-me justiça' e deixae-me em paz; e á vista do merecimento do frade, fazei-lhe tambem justiça, dizendo-lhe como eu digo, *vade retro Satana!* (Idem, de 6 de setembro de 1736.)

morado por Sané, e por outros distinctissimos escriptores estrangeiros.

Só n'um auto de fé em 1667 sahiram 237 pessoas, entre as quaes 2 raparigas de 15 annos, 5 de 16, 6 de 17, 3 de 18, e outras de 19, 20 e 21 annos!

E no emtanto lemos as seguintes palavras na Historia da vida do papa Ganganelli:

«Os papas para se não apartarem da moderação Evangelica, fecham os olhos aos delictos que não teem outro principio senão a imprudencia e o prejuizo, e os quaes não obstante, ainda em alguns paizes se castigam com muita aspereza. Do mesmo modo se pode dizer em verdade que a Cidade em que são menos inquietadas as pessoas por negocios de Religião é a Capital do Mundo Christão: n'ella se respira aquella doçura, aquella paz de que o Supremo Legislador nos deu exemplo; n'ella só se conhece o meio da persuasão!

De modo que temos a Inquisição em Roma incomparavelmente mais branda do que em Portugal!

II

Uma curiosa figura d'essa epocha é a do celebre e popular frade xabregano, fr. João de Nossa Senhora, vulgo o poeta de Xabregas. Permitta-se-nos a este respeito extractar o que d'elle nos diz Ribeiro Guimarães no *Summario*, recommendando porém ao leitor, que mais a fundo quizer conhecer a interessante biographia do celebre frade poeta, que leia a sua *Vida* escripta por fr. Jeronymo de Belem e publicada em Lisboa, em 1743:

Fr. João de Nossa Senhora todos os dias percorria as ruas de Lisboa com uma imagem da Virgem que elle chamava a *Senhora Pequenina*, em contraposição de outra que era de mais de tamanho natural. Todos conheciam o frade, uns lhe chamavam o poeta de Xabregas,

porque, mesmo nas ruas poetava, e muitas vezes respondia em quadras e decimas ás perguntas que lhe faziam. Seguia-o sempre uma turba-multa de rapazes e de mulheres, e, se muitos o ouviam com attenção, outros lhe dirigiam chufas. A cada canto prégava um sermão, e soffria com paciencia os dicterios, e ás vezes insultos e gargalhadas com que o acompanhavam.

Quando havia grandes reuniões de povo, ou pelo entrudo, sahia com a sua *Senhora Pequenina* a prégar, e, com uma pertinacia digna de melhor causa, vociferava contra os desvarios do tempo, inculcando sempre o culto á Senhora Mãe dos Homens. Onde via uma rixa, logo lá apparecia, procurando distrahir os bulhentos com suas prédicas.

Teve dias de prégar doze sermões, nas egrejas e nas ruas, porque era muito procurado, por ter fama de excellente prégador; chamavam-lhe o *prégador Marianno*, porque o culto da Virgem era o principal assumpto de todos os seus discursos.

Fr. João era tambem um agitador. Tinha grandes pensamentos para commover o povo, e attrahil-o por artes engenhosas ás suas prédicas. Mandou fazer uma imagem de Santa Barbara, e no dia em que foi collocada no seu altar, prégou elle; mas antes fez annunciar o sermão por editaes publicos, d'este modo: *Trovão de Santa Barbara sobre toda a cidade de Lisboa, na egreja de Xabregas.* Causou isto grande agitação, mas d'outra vez foi o caso mais serio.

Tinha de prégar o sermão annual da mesma Santa, e assim o fez annunciar por cartazes impressos: *Esmola que se dá no dia de Santa Barbara no real convento de Santa Maria de Jesus de Xabregas, da ordem de S. Francisco* e depois concluia assim: «*Venham cedo, que das dez horas até ao meio dia, pouco mais ou menos, se hão de repartir as esmolas*».

Isto causou uma revolução em Lisboa. Entendeu o povo que era esmola pecuniaria, e logo começaram os empenhos para a alcançar. O povo andava alvorotado, não se fallava n'outra cousa, e a noticia do caso chegou

ao paço, mas desfigurada. El-rei D. João V, ou os seus ministros aterraram-se, e chegaram a persuadir-se de que o povo, vendo-se logrado, faria alguma desfeita aos frades, a qual quizeram preveuir, e para isso se poz a tropa em armas, e foi collocar-se nas immediações de Xabregas.

Era immenso o borborinho do povo, e não pouca a vociferação contra o engano que se fizéra á pobreza. Mas, emfim, o frade prégou do pulpito, deu satisfação sobre o enganó, e os ouvintes applaudiram-n'o, excepto uma mulher, a qual procurou o frade para lhe arrancar as barbas.

Se fr. João para muitos era um enthusiasta, um visionario, um beato ridiculo, para muitos era todavia um santo, e piamente acreditavam que o *poeta de Xabregas* tinha o poder de fazer milagres. Elle era o director espiritual de muitas pessoas de alta categoria, estava relacionado com as familias mais illustres, que já n'esse tempo iam esquecendo as tradições gloriosas dos seus maiores [5], entretendo-se com ridiculas beatices e combates de toiros.

Depois da morte de fr. João, espalhou-se o boato que tinha morrido com cheiro de santidade, e á egreja correu grande multidão, e tanta era a fé que havia em fr. João, que lhe foram cortando pedaços da mortalha, os quaes disputavam com gana, a ponto de o deixarem nu.

. . . . . .

Este homem embirrava com as touradas tanto quanto era possivel. [6] N'uma occasião (já em 1755) houve umas tardes de touros no Rocio: e o frade, querendo desviar o povo de concorrer

[5] Ribeiro Guimarães: Summario de varia historia, vol. II, pag. 178.

[6] Id. *id.* pag. 175.

a esse divertimento, foi prégar na egreja da Victoria. O povo, porém, antes quiz ir para os touros, do que ir escutar as prédicas de fr. João, que despeitado, escreveu estas quadras:

No Rocio se faz festa,
Na Victoria prégação;
Pouca gente assiste n'esta,
Mas n'aquella multidão.

Trez mezes divertimento
Bem se poderá escusar;
Tanto rir, tanto folgar,
Póde parar em tristeza.

Na doutrina de Maria,
Tenha Lisboa certeza;
Que toda a sua alegria
Ha de parar em tristeza.

Houve quem visse em taes versos a prophecia do terremoto de 1755, e como aconteceu outras vezes que fr. João se expressasse de modo que os successos pareciam tornar propheticos os seus versos e ditos, alguns lhe chamavam propheta, e elle dizia—«não sou propheta, mas poeta.»

. . . . . .

Outra curiosa figura d'esta epocha é a do padre frei Antonio das Chagas. Natural da villa da Vidigueira, seguiu primitivamente a vida militar, entregando-se aos appetites e sensualidades.

A leitura, porém d'algumas obras de Frei Luiz de Granada, fez com que mudasse de vida, e se arrependesse dos seus desvarios, tornando-se um monge á imitação dos que seculos antes habitaram os desertos da Thebaida. Esta conversão não foi porém muito duravel. Voltou novamente aos antigos desvarios, chegando mesmo a praticar crimes, dos quaes teve de ajustar as contas com as justiças. Segunda vez porém se arrependeu, convertendo-se, e essa segunda conversão foi uma conversão valente, verdadeira, heroica. Tomou ordens, e depois quando a rapasiada o encontrava na rua, gritava-lhe: O' fr. Antonio queremos um sermão! E fr. Antonio immediatamente parava, e lhes fazia um sermão; e n'este fadario andava desde manhã até á noute. E adquiriu tal fama que nos diz o auctor da sua vida:

Sahiam a recebel-o povos inteiros, acompanhavam-no turbas pelos caminhos, como a Christo pelos desertos: em suas entradas nas freguezias repicavam os sinos, como nas maiores festas, e de festa eram todos os dias que elle se detinha n'ellas, prégando, confessando, ensinando a doutrina Christã e oração mental, fazendo pazes, alcançando perdões e outros serviços de Deus; porque nos taes dias não havia quem trabalhasse mais que pelo ouvir e se confessar: cerravam-se as lojas, não se abriam as tendas, apenas apparecia gente nas praças, ficavam sem moradores as casas; e sendo casa de todos

a egreja, quando por não caber gente n'ella (como muitas vezes acontecia) fazia fr. Antonio egreja de seus adros, dos campos, e praças publicas, em que prégava. N'este lugar o entoavam *Santo*, n'aquelle *Fradinho santo*, n'outro o *nosso Santo Antonio*, nos mais era acclamado *S. Paulo de Portugal*. E passando esta devoção de palavras ás mãos, lhe cortavam pedaços do habito, lhe guardavam os cabellos, lhe furtavam as alparcas, lhe tomavam contas e registros, fazendo de tudo reliquias. Concorria Deus para este applauso e veneração do seu servo fazendo signaes no ceu, e castigando os que lhe faltavam ao respeito na terra.» (pag. 67.)

O mesmo livro conta que prégando elle em Beja, foi vista no céu, em pleno dia, uma estrella muito brilhante, e que o mesmo succedeu em Barcellos, n'outra occasião em que prégava a um auditorio de 12000 pessoas.

Outro grande servo e amigo de Deus vivia por aquelles tempos, e que nas virtudes andava a par do padre Chagas. Era o padre Balthasar da Encarnação, missionario apostolico e fundador dos monges do Senhor Jesus da Boa-Morte. Era natural de Serpa, e aprendera o officio de sapateiro. Veiu estabelecer-se em Lisboa, onde, dotado de um genio colerico, ardente e bellicoso, não sabendo soffrer os impetos e furias da arrebatada mocidade, todo se entregou a uma desordenada e licenciosa vida.

Arrependeu-se, porém, e foi fazer vida de pe-

nitente para as covas sitas ao pé de Montemór-o-Novo. Mais tarde deram-lhe as ordens de sacerdote, e foi tão fallado pelos seus feitos como o padre Chagas. Este, porém, foi mais feliz pois encontrou escriptor que muito mais por miudo narrou suas acções, e até mesmo seus milagres, que eram numerosissimos. [7]

De todos estes milagres, das touradas, e de tudo quanto se passava quer no paiz, quer fóra, podia o publico ter prompto conhecimento por meio dos cegos que pelas ruas andavam a vender as relações e noticias.

Havia uma irmandade exclusivamente composta de homens cegos, [8] sob a invocação do Menino Jesus, a qual teve sua séde na freguezia de S. George, e depois na de S. Martinho: a esta irmandade pertencia o exclusivo «da venda de folhinhas, historias, relações, reportorios, comedias portuguezas e castelhanas, autos e livros usados» como se lê no cap. 2.º do Compromisso

[7] Vida do P. Balthazar da Encarnação, Lisboa, 1760

[8] Esta irmandade dos cegos papelistas (assim os chamavam) data de 1604. O ultimo cego papelista da irmandade foi Manuel Marques da Silva, e falleceu em 1863. Os cafés eram raros e n'esses não entrava gente de gravata lavada.

da mesma Irmandade.[9] Com o seu moço ou o seu cão apregoavam os *papeis noticiosos* pelas ruas, e tinham armarios ou tendas de livros usados com os folhetos novos *a cavallo em barbantes.*

«Nossos avós, diz o sr. Silva Tullio,[10] eram tão amigos de noticias como nós outros, e se lh'as sonegavam por falta de liberdade de imprensa, iam para o Alto de Santa Catharina, Sequeiro das Chagas, Cotovia, Villa Verde, Arcos do Rocio, Adro de S. Domingos, Caracol do Carmo, Jogo da Pella, Campo de Santa Barbara, Largo da Graça, Penha de França, Taboleiro da Sé, Arco das Pazes, Côrte Real, Remolares, e outros paradeiros, onde se abria praça de novidades para os licitantes que a horas certas ali concorriam permutando os noticias do reino, e as estrangeiras pelas gazetas que muitos levavam na algibeira.»

Mas nem todos os cegos vendiam gazetas e reportorios. Um houve que era litterato e academico anonymo de Lisboa.[11] Francisco Joseph Freire foi quem lhe escreveu o panegyrico, e por este sabemos que o poeta cego nascera em Lisboa a 19 de agosto de 1680, e falleceu a 9 de dezembro de 1744, jazendo ainda hoje na egreja da Encarnação, em Lisboa. Escrevia com facilidade tanto em latim como em portuguez.

---

9 Ribeiro Guimarães: Summario, vol. IV pag. 57.

10 No *Brinde do Diario de Noticias* de 1866.

11 Colleção de algumas obras posthumas de Joseph de Sousa, cego desde o berço. Lisboa, 1746.

III

São innumeras as conversões, e innumeros os milagres, de que nos fazem menção os livros mysticos, os sermonarios, as biographias, as chronicas, e os agiologios, genero de trabalhos litterarios os mais bem recebidos pelos piedosos e credulos christãos do reinado de D. João V. É mister porém confessar que não deixavam estes de se mostrarem agradecidos, consumindo muitos milhares de mil cruzados annualmente em cyrios, arraiaes, festas d'egreja, outeiros ou abbadessados, danças, touradas, e representações theatraes, mesmo dentro das egrejas e dos conventos, em honra de Deus, da Virgem, e de santos e santas, até mesmo imaginarios.

Que os milagres eram quasi diarios, não soffre duvida, á vista do que os escriptores d'aquelle tempo deixaram narrado em seus livros. A *Vida da madre Maria d'Assumpção,* é uma serie não interrompida de prodigios.

Eis alguns, escolhidos ao acaso:

Sendo ainda pequenina, disse-lhe o confessor perguntasse a Nosso Senhor quando havia de vir el-rei D. Sebastião. Perguntou, e respondeu-lhe que já era chegado o tempo d'essa felicidade, e que seria tal dia.

Com o desejo de que aprendesse as linguas estrangeiras lhe trouxe o pae para este fim um livro, dizendo-lhe que lhe tinha assalariado um mestre para este ensino. Mas quiz Deus que continuando ella no costume de ler as vidas dos Santos, encontrasse na de S. Jeronymo um documento, para se abster d'esta curiosidade. Chegou áquelle successo que o mesmo Santo escreve de si, quando foi apresentado no tribunal de Deus, e castigado por gostar muito da lição de Cicero, e reflectindo ella n'este castigo, se poz a cuidar: «Que quando a um Santo, que era doutor da Egreja, e a quem é necessario o seu saber para a declaração das escripturas, se lhe fazia aquelle encargo, que se lhe faria a ella em aprender linguas, sem mais utilidade que gastar mal o tempo!» Com esta reflexão se despediu do livro, dizendo a seu pae que lhe agradecia muito o cuidado, mas que ella se não considerava capaz para este ensino.

. . . . . .

«No primeiro dia, depois de ter satisfeito ás obrigações do officio e cuidados da caridade em ajuntar as sobras do comer para os pobres, quando já todas estavam repartidas, entrou na cozinha a madre rodeira, pedindo-lhe as *sopinhas do Menino Jesus*. Ficou pasmada, porque ignorava o que aquella Santa Communidade entendia por es-

te termo. E perguntando-o a outra religiosa, respondeu esta que todos os dias vinha áquella portaria um menino filho de uma visinha muito pobre, a quem soccorriam com a esmola, que do que se repartia aos outros, se reservava em um tigellinha.

Gostando da explicação tomou a nova cozinheira muito por sua conta preparar logo a esmola, para que o menino não chorasse a falta. E compondo com pressa umas sopinhas, as levou á religiosa para que ella lh'as désse. Não ficou sem premio ésta caridade; porque estando de tarde em oração, achou dentro da sua alma um menino Jesus com muita graça assentado no seu coração, com uma tigellinha no regaço, d'onde comia muito gostoso. *Atrevi-me* (escreve a freira) *a dizer-lhe: Meu amor e meu Senhor, tambem V. Magestade come? Quer-me convidar?* Respondeu-me: *Como as sopinhas que tu me fizeste.*

Estando um dia em Prima, sentiu a sua alma os effeitos e socego, que lhe annunciavam a communicação interior de Deus. Manifestou-se-lhe o Senhor no aspecto muito amavel, mas nas insignias guerreiro; trazia na mão uma lança pequena. E alvoroçada com está representação lhe disse: *Meu amor, vindes da guerra? Para quem é esse dardo?* E dizendo-lhe o Senhor que era para o seu coração, lhe respondeu ella que esse era seu; mas que se por estar em seu poder, o queria, de novo lh'o entregava. Penetrou-lhe pois o coração com a lança; a cujo golpe acudiu em lugar de sangue tanta força de amor, que cuidou que acabava a vida nas suas mãos.»

Tudo isto vem no referido livro, d'onde transcrevemos estes trechos.

Cascaes tambem viu um outro milagre[12] n'uma

[12] Veja-se: Relação do milagre que Deus obrou nas visinhanças da villa de Cascaes, etc. Lisboa 1754.

dama que jazia prostrada pela doença havia alguns annos: e recorrendo com fé viva a uma imagem de S. Francisco de Paula que lhe apresentaram, e pedindo uma bacia, despejou da bocca uma grande quantidade de bichos e recuperou a saude.

Na povoação de Lourosa, bispado de Coimbra, succedeu o seguinte milagre, narrado por um contemporaneo [13]. Um padre mettido no caixão oito dias depois de morto, ao lançarem-lhe terra, a sacudiu de si, e se achou ao outro dia, com uma das mãos de fóra, e a cera apezar de ter ardido muito não teve diminuição!

Um anno antes tambem Nossa Senhora da Penha de França [14] tinha praticado em Lisboa um grande milagre a um pobre lavrador que possuia uma pequena fazenda proximo d'aquelle convento. Não havia agua n'essa quinta. Chamados os vedores, declararam formalmente que era inutil tentar encontral-a, porque não havia probabilidade alguma de colher resultado de tal pesquiza. A mu-

---

[13] José Claudio: Relação de um caso notavel que aconteceu na Villa de Lourosa, Lisboa 1754.

[14] Verdadeira relação do grande milagre que fez a Senhora da Penha de França, etc. Lisboa 1753.

lher do lavrador era muito devota da Senhora da Penha de França. Pede-lhe fervorosamente para que lhe faça o milagre de fazer brotar uma nascente n'aquelle terreno, que pela falta d'agua não produzia quasi nada. E ao outro dia apparece-lhes não uma simples nascente, mas um verdadeiro regato de excellente agua!

A madre Soror Thereza Juliana de S. Boaventura religiosa do mosteiro de Santa Clara de Lisboa foi uma das freiras mais afamadas em cheiro de santidade durante o reinado d'el-rei D. João V. Tinha soffrido com paciencia heroica os maus tratamentos d'uma freira sua tia durante o tempo que viveu no mosteiro de Santa Clara do Porto. Uma caveira lhe havia fallado no palacio do marquez de Gouveia, e quando já no mosteiro da mesma Santa de Lisboa, aconteceu-lhe um caso mui notavel. «Uma noite estando no coro em oração, como costumava, duas companheiras, que presentes estavam, lhe viram sobre um dos hombros um enorme rato: e quando uma d'ellas ia para enxotal-o, elle desappareceu. Não se póde negar (diz o seu biographo) que este rato fosse um demonio, dos que os Mysticos chamam arrimadiços, pois que no dito coro, por ter sido feito muito pouco tempo antes e estar sempre pela sua

continuada assistencia, muito limpo,—não se deve presumir podesse haver ratos.»

E na verdade parece que o diabo andava então á redea solta n'aquelle convento fazendo das suas. O auctor da *Vida* d'esta freira alonga-se contando o muito que ella padeceu por querer que se guardassem e cumprissem os Estatutos da Ordem. O demonio pretendeu então por meio de «alterações destruir aquella religiosa observancia e perfeição que sempre se admirou em toda aquella communidade. Mas que de ultrages, injurias e tormentos não padeceu em uma tal lucta! Bastava sem duvida sómente esta em toda a sua vida, para n'ella mostrar ao mundo os quilates da sua paciencia, os apices do seu amor, os fundos da sua humildade, e o exercicio de todas as virtudes. Parece que n'este seu combate e resoluta apparição publica a tão diabolicos intentos, as mesmas pedras e tijolos do convento, arrancados pelas mãos de seus contrarios, se levantaram contra ella para a apedrejarem e a todas as mais companheiras do seu partido que a seguiam!»

Tinha, porém, alma poetica, que bem o patenteou nos seus versos, e o seu «Colloquio perante o presepio do Menino Jesus» é summamente curioso, sendo ao mesmo tempo um bom e cara-

cteristico *specimen* da litteratura mystica d'aquella epocha.

Eis alguns excerptos:

«Meu Menino da minha alma, meu Menino de flores, meu Menino de prata, meu Menino de ouro, meu Menino de crystal, meu Menino vindo do Ceo. Ai! que querendo fallar nada sei dizer. Eu não sei o que vos diga; porque vós sois um feitiço: Vós sois um enleio: Vós sois um encanto: Vós sois um abysmo; Vós sois um instrumento sonoro, que arrebata. Tudo isto sois: e nada d'isto sois. Sois uma luz clarissima, e sois uma escuridade profunda. Ora vá-se lá a gentilidade com os seus Amphiões, e os seus Orpheos, que com os seus instrumentos e com a sua voz encantavam os brutos e os attrahiam: que vós, meu divino Orpheo, não os encantais: dais sim instincto para buscarem o que os póde conservar; e arte para fugir do que os póde destruir. Vá-se com o seu Deus Favonio, e o seu Deus Jupiter, a cegueira do Gentilismo: um fuzilando raios, outro dispendendo chuva de ouro pela sua amada Flora. Se a antiguidade pintou esta fingida chimera na sua phantasia: que dissera, se na verdade vos visse a Vós, meu Deus Menino, meu Favonio soberano, dispendendo chuva de perolas, por quem tanto amais! Que zephyro mais suave do que vós mesmo, para respirar nos ardores de vossos proprios divinos raios! Ora vão-se lá os gentios com a sua forja de Vulcano, lavrando n'ella muitas settas: que vós na vossa fragoa de palhinhas em esse presepio, fazeis mais ardentes settas, com que suavemente traspassais os corações humanos.

Ah Senhor, e ah meu Deus Menino! muito ignorantes somos: não sabemos por certo ponderar estes quilates de finezas: não temos capacidade para tanto: pobrezinhos dos cabedaes do entendimento. Resta agora, que d'esse Presepio me deis uma esmola: não queirais sempre ver-me necessitada, ganindo e carpindo. Porém se assim é vos-

sa vontade, tambem esta será a minha; nem mais, nem menos. Por tudo sejais sempre louvado!

... ...

Esta madre Soror Thereza Juliana, era uma das pouquissimas freiras que n'aquelle tempo possuiam alguma instrucção. Não só era versada na lingua castelhana, e n'este idioma se encontra uma poesia sua ao Divino Infante de Belem, mas escrevia grammaticalmente, e tinha algum conhecimento da Mythologia pagã.

Em miudos pormenores entra o Padre Antonio de Mariz Faria no livro *Peregrino curioso da vida e milagres de S. João Marcos na Cidade de Braga,* impresso em 1721. Quer que seja o João Marcos de que fallam os Actos dos Apostolos: que fôra natural da Judea, sendo sua patria ou o logar da Bethania, ou a grande Jerusalem, onde seus pais tinham casa: que sua mãe se chamava Maria, que o Santo era parente de Christo. Os paes de João Marcos (cita por auctoridade a *Mystica Cidade de Deus*) eram riquissimos e mui nobres, e poderiam então ser senhores de duas casas: uma na Bethania e a outra em Jerusalem. Que lhe havia sido revelado pelo proprio Christo que a ultima ceia do Senhor havia de ser celebrada na sua casa. Que era tão rico o pae de

S. João Marcos que ministrou ao mesmo Senhor entre outras riquissimas peças «um prato formado de uma esmeralda inteira de tal grandeza que n'ella cabia o cordeiro que Christo comeu com os Apostolos na ceia legal [15].

Não foi menos precioso, (continua o mesmo auctor,) o Calix, com que o pae de S. João Marcos serviu a Christo n'aquella Cea; pois dizem que fôra tambem de uma preciosa pedra a que chamam *Agathis*.

Mas não só no formal da nobreza e opulencia foi grande a casa de S. João Marcos, mas até no material foi tão magnifica e sumptuosa que repartindo-se em varias quadras, a que serviu a Christo no Cenaculo ficava tão imminente, que a ella se subia por 15 degraus; era tão ampla e espaçosa que tinha 50 pés e 30 de largo; para a parte do Oriente ficava outra quadra, que ainda seria mais dilatada, para onde se retirou Maria Santissima com as devotas mulheres que a acompanhavam, em quanto Christo celebrou a Cea, e na qual estavam congregadas aquellas pessoas, sobre quem desceu o Espirito Santo.

Depois foi S. Barnabé prégar a Religião Christã na Antiochia levando comsigo o João Marcos. Na Pamphylia separou-se João Marcos de S. Barnabé e encaminhou-se para Jerusalem. Mais tarde dirige-se a Chypre, d'aqui a Epheso, e d'aqui para Roma. Foi martyrisado na Italia, e seu corpo escondido pelos christãos, e mais tarde remettido para Braga, [16] onde tem operado estrondosos prodigios.

---

[15] Vida de S. João Marcos, pag. 38.

[16] Idem pag. 122. Diz a pag. 162 que havia no exercito romano uma legião chamada Gemadecima, «que se compunha de gallegos e leoneses; n'essa legião, que constava de 666600 soldados, não podia deixar de haver mui-

Em 1718 mandou o arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles que lhe fizessem grandes festejos, por occasião da trasladação, e foram realmente esplendidas as festas com que a Cidade de Braga celebrou a trasladação, mas é certo que o Santo trasladado se mostrou gratissimo a tão deslumbrantes obsequios. Os milagres eram continuos e innumeros; senão vejâmos os seguintes, extrahidos da *Vida do Santo*:

«Venerava o capitão Manuel Pereira de Araujo, ao glorioso S. João Marcos, no tumulo, aonde a tradição sempre disséra que estava seu sagrado corpo. Achou-se uma tarde pouco antes da trasladação em uma conversação, aonde se affirmava que no dito tumulo estariam os ossos de algum templario; e elle esquecendo-se da sua antiga devoção se deixou vencer da proposta duvida; e logo lhe sobrevieram no quadril esquerdo umas dores tão vehementes que lhe impediam o andar. Sem achar allivio nos remedios que lhe applicou, conheceu ao outro dia, que a occasião da sua molestia fôra a duvida incautamente formada e pedindo logo da sua janella perdão ao Santo, protestando com firmeza, estava alli seu sagrado corpo, antigo objecto da sua devoção, no mesmo instante o deixaram livres as dôres.»

«Christovão Fernandes, serralheiro, se achava em tão miseravel estado que pela bocca lançou fluxos de sangue,

---

tos bracharenses, não só porque Braga n'aquelle tempo era a cabeça e a cidade mais populosa de toda a Gallisa; mas porque os bracharenses eram sem controversia os mais valerosos de toda a Hespanha.»

por mais de quinze dias; e sendo um dia chamado para fazer uns bicheiros para a tribuna do glorioso S. João Marcos, encommendando-se a elle com grande fé, com tres golfadas de sangue que lançou, ficou perfeitamente são da dita queixa.»

«Adoeceu a Pedro Nogueira, carpinteiro da freguezia de Lomar, uma anha, que elle e sua mulher estimavam pela galanteria da côr; esteve cinco dias sem se levantar, ou mover, nem comer a herva que lhe chegavam. Offereceram-n'a na noite do ultimo dia ao glorioso Santo se lhe désse saude, e ao amanhecer do seguinte dia se levantou a anha, foi para o campo e d'ahi para o monte, sã como d'antes.»

E' porém, mister que passemos em claro uns 150 milagres narrados na sua *Vida*, e alguns d'elles bem engraçados, para fallar de Santa Ursula e das suas onze mil companheiras virgens, cujo culto estava ainda mais propagado no paiz que o de S. João Marcos, e cujos milagres eram diarios e mui notorios.

Sumptuosas festas lhe faziam no mosteiro de S. Vicente de Fóra. Em a Universidade de Coimbra lhe recitavam uma oração panegyrica. E o Padre Crombach, citando a dois auctores fidedignos d'aquelle tempo conta que na occasião em que el-rei D. Affonso Henriques quiz restaurar a cidade de Lisboa do dominio dos mouros, ajudado por uma armada de cruzados colonienses que havia chegado ao Tejo, — e tendo-se dado o

assalto, elle não lograva o effeito que se esperára: porque (diz um livro relativo ao assumpto [17]) havia já quatro mezes que durava o combate sem que as armas catholicas esperassem tirar d'ali mais credito que a porfia; eis que de repente desce do Céu esse exercito triumphante das 11:000 Virgens no mesmo dia, e apertam o ataque, degollando as Virgens vencedoras n'aquelle dia pelas suas innocentes mãos a 200:000 barbaros, com o que se consumou a victoria. Ficaram muitos dos Christãos feridos, e muitos moribundos, e ellas dos feridos trataram como enfermeiras, até lhes darem saude, e aos moribundos valeram como protectoras, assistindo-lhe n'aquella hora formidavel, e levando-os em sua companhia a gosar da immortalidade. Veja agora Portugal, e veja Lisboa a fé e o amor, que deve a este successo, e o como agradece este beneficio!»

«E' tão alta esta devoção (acrescenta o mesmo auctor) que não ha mal ou enfermidade no mundo a que não acudam as onze mil virgens: todas valem para tudo, e muitas d'ellas particularmente para muitas enfermidades. Para a cabeça, para os olhos, para os dentes, e ainda

[17] Luiz Botelho Froes de Figueiredo: Modo efficacissimo de orar para conseguir a poderosa protecção das Onze Mil Virgens, Lisboa 1745.

para conservar o parecer tendes a Santa Cordula: cura os freneticos, os paralyticos, os aleijados, as pontadas, as feridas, acode á esterilidade, facilita os partos, remedeia todo o genero de febre, e não havendo remedio para a morte, até aos mortos resuscita. Para os presos, para as dores do peito, para os naufragos, para as quedas, e até para domar os brutos tendes a Santa Cunera. Para a apoplexia e para a peste tendes a Santa Odila. E porque não haja mal, a que não acudam as Santas Virgens, até para sarar dos achaques da mocidade tendes a Santa Aurula. A terra do sepulchro das santas onze mil Virgens afugenta as serpentes e os animaes venenosos. Finalmente ainda hoje se continua o milagre da redoma, em que se guarda o sangue do martyrio de Santa Ursula, o qual no seu dia aviva a côr, ferve e liquidá-se, tendo obrado incomparaveis prodigios.»

Na «Vida da madre Thereza da Annunciada», livro publicado em Lisboa em 1763, conta-se «que estando ella dispondo o necessario para a festa do dia 11 de abril, desejando fazer uns confeitos para offerecer aos devotos, succedeu um grande prodigio. Tendo mandado o assucar a uma religiosa de outro mosteiro, essa lhe respondeu, que fazendo a experiencia achava que o assucar não fazia obra por ser miudo e inferior. Affligiu-se a serva de Deus, porque o não tinha de outra qualidade, nem dinheiro para o comprar e quiz experimentar em pouca quantidade se faria caramelos. Assim que se tomou o

ponto, abateu tanto, e ficou com a côr tão amarella que parecia resina. N'esta afflicção recorreu ao Senhor dizendo: «Vós bem sabeis que não tenho outro assucar, nem de onde me venha: a obra não é minha, senão vossa, vós disponde o que fordes servido.» Acabada a supplica cortou Thereza uma particula da corda do Senhor, e a lançou no tacho: e com fé viva ordenou á criada que o puzesse outra vez ao lume. Caso prodigioso! Começa o assucar de antes amarello e abatido, e fazer-se branco como crystal, e tão subido de ponto que d'elle se fizeram caramellos de uma tal bondade que jamais se viram iguaes! A vista d'este prodigio mandou a serva de Deus á religiosa do outro convento uma parte da corda da santa imagem e se repetiu o prodigio, saindo sempre os confeitos com tal tempera e perfeição que bem pareciam obra da mão do Todo Poderoso».

E porque não seria assim, se, por estes tempos o Senhor mandava aos fidalgos lhe erigissem capellas, egrejas e mosteiros, e elles promptamente obedeciam! E por isso, pesada a cera que servia nas exequias dos varões que morriam com cheiro de santidade, nenhum desfalque se encontrava! Nada havia a pagar ao cerieiro!

IV

Não é possivel fazer a conta aos milhares e milhares de mil cruzados que na epocha de D. João V se consumiam annualmente em festividades religiosas, e no emtanto não havia em Portugal n'aquelle tempo um só palmo de boa estrada. Quem vinha do Porto entregava-se á mercê das ondas n'um hiate, no qual ás vezes gastava um mez ou tres semanas de viagem, em risco de ser apanhado pelos piratas que muitas vezes infestavam as costas de Portugal; ou então vinha por terra, passando mil inclemencias, exposto a ser roubado ou pelos ladrões, ou pelos arreeiros e almocreves, ás vezes peiores do que os proprios salteadores. Eis porque não é para admirar que

cada um se acautelasse fazendo testamento antes de emprehender a jornada.

Mais adiante diremos alguma coisa d'essas pomposissimas canonisações celebradas em Portugal com tanta frequencia, e nas quaes tantos milhares de mil cruzados se consumiram!

E apesar de tanta devoção e pompa religiosa, Ribeiro Guimarães exclama:

«Aquella epocha, que apparentava de profundamente religiosa, era ao mesmo tempo profundamente devassa. Os actos religiosos assim pomposos, eram mais um divertimento do que a manifestação da piedade sincera. Epocha de colloquios freiraticos, de aventuras galantes ao par de muita beatice.»

É bem notorio que D. João V ia passar muitas noites dentro do convento de Odivellas, onde estava a sua amada. O romance de Rebello da Silva, intitulado *Mocidade de D. João V*, melhor nos póde informar a tal respeito. Os aposentos da freira amante do rei (em Odivellas) são descriptos detidamente pelo referido escriptor Ribeiro Guimarães, no seu *Summario de varia historia.*

Por essa descripção se vê que elles eram maravilhosos de riqueza e de primores.

O inglez Costigan, n'uma obra que escreveu

ácerca de Portugal não póde dizer peior do que diz dos costumes e desmoralisação do nosso paiz [18] Segundo nos assevera este escriptor, e é confirmado por varios outros, os vicios infames eram vulgarissimos em Portugal, mesmo nas pessoas da mais alta aristocracia. E os proprios vice-reis e governadores da India, segundo se vê nas obras de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, estavam continuamente pedindo ao governo da metropole providencias contra o clero que se achava nas regiões Orientaes, e que em geral era de costumes mui relaxados, e de crassissima ignorancia.

. . . . . .

Em um sermão que prégou o celebre D. Raphael Bluteau na igreja dos Caetanos em 1723, no mez de janeiro, lêem-se as seguintes palavras:

Em Lisboa, celeberrimo emporio da Europa, a conveniencia do commercio desperta e fomenta a cobiça dos negociantes. A Lisbóa trazêm os estrangeiros heterodoxos, com suas mercancias, os vicios das suas terras, juntamente com os erros das suas seitas, e publicamente os professam. Em Lisboa a rabulice e maliciosa subtileza dos litigantes perpetua os pleitos, e com trapaças, colligações ou conluios eternisa inimizades. Em Lisboa, a sua-

[18] Arthur William Costigan: Sketches of Society and manners in Portugal. London, 2 vol.

vidade do clima affemina os animos e a delicias illicitas os inclina.

Em Lisboa, com os odios inveterados ou com furias repentinas muita gente se mata e uma das razões das muitas mortes é que os offendidos, suppondo que a justiça não castigará aos que os aggravaram, com suas proprias mãos fazem justiça. Em Lisboa por uma folha de papel a que chamam *carta de seguro* o mais cruel homicidio se abafa. Em Lisboa qualquer sombra de infidelidade no thalamo conjugal afia o punhal para o desaggravo, e o matar mulheres é ponto de honra. Em Lisboa, negros e villões, quando não tem padrinhos talvez se castigam: para homens de bem, quando obram mal, raro é o castigo. Em Lisboa, guardam alguns pontualmente as festas de Nossa Senhora: nos domingos, que são os dias do Senhor, sem escrupulo muitos trabalham. Em Lisboa dizem alguns que no inverno frequentam as egrejas por que são quentes, e no verão porque são frescas. Em Lisboa para certos sujeitos o não pagar dividas é nobreza e o fazer esmolas é baixeza. Em Lisboa o perdoar aggravos é fraqueza, e o vingar-se d'elles é fidalguia...»

Estas censuras são insuspeitas. Era um padre, um contemporaneo, um homem distinctissimo quem tinha a coragem de as dizer. Ellas dão uma ideia geral do estado de dissolução e de anarchia mansa que imperava em Lisboa.

E dentro dos conventos correriam as cousas melhor?

Nego do modo mais positivo; apezar das confissões diarias, e de terem as freiras obrigação de se guiarem pelos dictames dos seus confessores, dentro de taes conventos não só reinava a intri-

ga e a ignorancia, mas tambem o vicio e a relaxação. Que dentro dos mosteiros tambem havia luxo e modas, prova-o um Director Espiritual [19] pois este nos falla em «sapatos picados, rocados, de seda, de tesum, fivellas de ouro, de prata, e de pedras preciosas.» O Padre Algarbiense aconselha ás freiras que não usem de luvas, nem de leques, nem de alvaiade na cara, nem de crepes nos cantos da toalha, nem de alentos descompassados e ridiculos, e diz-lhes que não devem usar de caudas.

O padre fr. Manuel de S. Luiz na Vida da madre Francisca do Livramento, grita tambem contra as estendidas caudas de que as freiras usavam.

As representações theatraes dentro dos conventos eram vulgarissimas, e é ainda o mesmo Padre Algarbiense quem nos diz:

«Sendo eu de bem pouca idade moravam meus paes em uma quinta perto de Lisboa. Em um dia era tal o concurso de coches, seges e liteiras que se povoava a estrada. Sabida a causa, eram fidalgos que iam ver uma comedia a certo convento.

[19] Cartas Directivas e Doutrinaes. Respostas de uma Religiosa Capucha, e reformada, a outra freira que mostrava querer reformar-se. Dadas á luz pelo P. Manuel Velho, Sacerdote Algarbiense. Lisboa, 1730, pag. 54.

Este mesmo padre ainda exclama a pag. 86:

É possivel que se vá a um convento, sacrario das esposas de Christo a viver mais solta e mais escandalosamente que em casa de seus paes! A honra que tanto zelam quando seculares, a vão perder quando religiosas! Oh que grande razão teria hoje o Senhor se com o azorrague das mortes repentinas fizera despejar os mosteiros como aos que vendiam no templo, pois da sua casa fazem casa de negociação tão indigna, perversa e escandalosa!

Tambem na *Vida da virtuosa madre Maria Perpetua da Luz,* religiosa do convento da Esperança em Beja, livro impresso em Lisboa em 1742, se lê o seguinte:

«Representaram as religiosas, que eram menos amantes da virtude, uma comedia profana com entremezes, e outros disfarces, onde se envolviam palavras pouco decentes, e acções indecorosas: e errou então a prelada, não só em lhes permittir aquelle escandaloso divertimento, mas tambem em consentir que este se celebrasse em um lugar só dedicado para os louvores de Deus.»

Este livro tambem relata que no mesmo convento de Beja em uma quarta feira de Cinza, no refeitorio se apresenta o Divino Esposo á referida madre Maria Perpetua da Luz, mostrando-se mui queixoso da Communidade, e sobremodo estimulado contra a prelada. Fundava-se a ira de Deus no muito que as religiosas nos dias de Entrudo se distrahiram; pois quebrantando o silen-

cio, a modestia, e as leis da Religião, se haviam esquecido do seu culto, por honrarem n'esses dias os idolos da gula.

Já, pois, o leitor vê quantas profanidades, quantos escandalos, quantas immoralidades havia nos conventos.

Muitas das representações theatraes que se fazia nos conventos, e em outros estabelecimentos, eram em latim. Por occasião da chegada a Portugal de D. Marianna, princeza do Brazil, representou a universidade d'Evora com o maximo esplendor a tragicomedia *Luiz e Stanislau*[20] No anno antecedente haviam os professores de Rhetorica representado publicamente no Real Collegio das Artes em Coimbra a *Concorde Discordia ou a vida de S. Luiz Gonzaga e de S. Stanislau Kostka.* Em scena apparecem conjunctamente as divindades pagâs.

Porém os jesuitas[21] de Santo Antão em Lisboa deslumbraram os espectadores por occasião do

[20] Impressa na typographia da Universidade d'Evora em 1728.

[21] Os jesuitas n'aquelle tempo, tanto em Portugal, como nos paizes estrangeiros, eram os mais afamados dansarinos. Na Bibliotheca dos Escriptores Jesuitas, por Augustin e Alois de Backer, veem mencionados varios bailados celebres, compostos por estes padres.

casamento de D. João V, representando o *S. Leopoldo austriaco*, (impresso em Lisboa, em 1709). Em 1729 por occasião do casamento de D. José os jesuitas da mesma casa pozeram em scena com o maximo esplendor a *Lusitaniae augmentum victoria coronatum*. Em 1739 o drama tragi-comico *S. João Francisco Regis*, no Collegio das Artes em Coimbra.

Curiosissima é porém a linguagem que se usava nas representações populares, mesmo na presença das santas imagens. Para que o leitor a aprecie, apresentamos-lhe os seguintes versos. As palavras são copiadas d'um livro dado á luz por um padre, e não só padre mas até mesmo frade, fr. Francisco Rey de Abreu Matta Zeferino [22]. Trata-se d'uma representação dentro de um templo na festa da Senhora do Cabo, e são interlocutores: Maranhôa regateira, Carapóta regateira, Periquita regateira, Folosa regateira, uma atravessadeira, um taberneiro, um almotacé, um escrivão, um pinga malsim, um frangalho

[22] Tomo III do Anatomico Jocoso, Lisboa, 1758.

malsim, um basofio malsim, e um ferçura malsim.

SAHEM A MARANHÔA E A CARAPÓTA

MARANHÔA: Quem quer quentes?
CARAPÓTA: Quem te ha de
Estrear, que estão fervendo?
MARACÓTA: Oives mulher? ainda é cedo:
Aqui na Migiricordia
Entremos a ouvir Missa
CARAPÓTA: Ai! mãe, não vês a rebôla,
E como vai delambida!
MARACÓTA: Deus a salve minha Antonia.
CARAPÓTA: E que bem se lhe dá ella
Do que succedeu á outra!
MARACÓTA: Quem? á irmã mais pequena
A Francisca?
CARAPÓTA: Não; á torta.
MARACÓTA: Ai! mulher, ainda mal,
O Crelguinho fez-lh'a boa!
A pobrezinha está prenhe?
CARAPÓTA: Ai! traz a barriga á boca.
MARACÓTA: Não sei que te diga; vamos.
CARAPÓTA: Ouves minha Maranhôa,
Em ellas calçando meias,
Sapatinhos d'uma sola,
E alpercata arreganhado,
Já tu sabes...
MARACÓTA: Anda tonta:
Quem quer quentes?
CARAPÓTA: Ha colherinhas fervendo.

ENTRAM, E SAHEM COMO NA IGREJA

MARACOTA: Ouves tu mulher não chega
Lá nenhum Crelgo á porta?
CARAPOTA: Não mana, não vejo Missa:

MARACOTA: Pois eu estou-me ralando,
Tomára já ir-me embora,
Que quanto é a Perequita,
Não ha de vender, má oxas!
CARAPOTA: Quer-nos tomar o logar?
Que graça!
MARACOTA: Pois á Falosa!
Trago-lhe boa vontade;
Digo, que se mette em boa.
CARAPOTA: Ella hontem deitou rengo;
Porém a renda da coifa . .
Em fim não te digo nada.
MARACOTA: Ouves tu ó Carapóta,
Perdoe Deus a sua mãe,
Que está na cabana posta,
E deixa andar sua filha
Sendo pélla dos patolas.
CARAPOTA: Bem está, se a deixa andar
A mãe! ai tona que tona!
Olha, tu sempre é bom ter
Na tenda fructa de mostra.
MARACOTA: Quem conheceu a Ribeira!
A Brites, que mocetona!
CARAPOTA: A das azeitonas?
MARACOTA: Sim
Aquillo só era honra!
Disse uma vez a um baeta,
Que estava compra não compra,
«Vá-se embora, não se metta
Meu Anjo nas azeitonas.»
CARAPOTA: Ella não era casada?
MARACOTA: Não, teve (que a gente moça
Não repara) duas crianças.
CARAPOTA: De quem?
MARACOTA: Do page:
Só aquillo era mulher.
CARAPOTA: Não teve ella aqui uma historia
De um moço, que lhe ia a casa?

MARACOTA: Sim, mas isso não foi cousa;
Só a pexa que lhe punham
Era aquillo de ser doida,
Mas o mais assim me faça
Deus... isto hoje tudo é droga!...

E em quanto ao resto, tudo no mesmo gosto.

E assim como hoje raro será o individuo que não esteja filiado em algum partido, assim tambem por aquelles tempos todos os fidalgos, além de pertencerem a muitas irmandades e confrarias estavam filiados n'uma ordem religiosa.

Primeiramente o proprio D. João V, para expressar a grande devoção que tinha ao Padre S. Domingos, quiz por sua mão assignar-se no livro da Ordem por terceiro militar.

A princeza do Brazil D. Marianna Victoria, as infantas D. Maria Anna e D. Maria Dorothea, o infante D. Antonio, o infante D. Manuel, a infanta D. Francisca, o cardeal patriarcha D. Thomaz de Almeida, o cardeal e inquisidor geral D. Nuno da Cunha Athaide, todos receberam o habito da Ordem de S. Domingos, segundo diz o escriptor dominicano Frei Antonio da Assumpção, na sua obra «Gloriosos trabalhos do Hercules da Igreja, S. Domingos de Gusmão», publicada em 1767.

E por não fazer catalogo da nobreza, (accrescenta o mesmo escriptor) digo que as pessoas de maior distincção do reino estão alistadas n'esta sagrada milicia: não só n'esta Côrte, mas nas terras principaes de Portugal, sempre o melhor é d'esta veneravel Ordem Terceira, como se vê na cidade do Porto, Vianna, Guimarães, Santarem, Elvas, e na cidade da Bahia, para que até nossas conquistas se vissem defendidas por tal milicia...»

V

Procurava-se porém remir todos os vicios á força de esmolas aos frades e de estrondosas festas ao Divino. De 1742 a 1744, nos 29 conventos da Ordem de S. Francisco da provincia de Portugal, receberam-se nas sachristias, esmolas no valor de 500:000 cruzados, além das que se receberam em pão, azeite, vinho, etc. Isto foi só nos conventos franciscanos da provincia de Portugal, pois havia os da provincia do Algarve, da provincia da Conceição, da Piedade, da Soledade, da Arrabida etc.

Vejamos agora a eloquente estatistica dos presos sustentados pela Misericordia de Lisboa desde o anno de 1707 em que D. João V foi accla-

mado rei em um sumptuoso theatro feito na praça do palacio, servindo n'esta occasião de condestavel o infante D. Francisco seu irmão [23].

Em 1708, 1273 presos, dos quaes 342 degredados e 7 enforcados; em 1710, 953 presos, dos quaes 321 degredados e 7 enforcados; em 1714, 1448 presos, dos quaes 165 degredados e 7 enforcados; em 1721, 1987 presos, dos quaes 384 degredados e 7 enforcados; em 1722, 1897 presos, dos quaes 348 degredados e 4 enforcados; em 1723, 1127 presos, dos quaes 765 degredados e 3 enforcados; em 1724, 1887 presos, dos quaes 377 degredados e 2 enforcados; em 1727, 956 presos, dos quaes 289 degredados e 6 enforcados; em 1728, 956 presos, dos quaes 242 degredados e 2 enforcados; em 1729, 987 presos, dos quaes 255 degredados e 3 enforcados; em 1731, 1122 presos, dos quaes 405 degredados e 5 enforcados; em 1735, 1202 presos, dos quaes 331 degredados e 4 enforcados; em 1736, 985 presos, dos quaes 155 degredados e 9 enforcados, em 1741, 2140 presos, dos quaes 185 degredados e 12 enforcados; em 1742, 2140 presos, dos quaes 185 degredados e 12 enforcados, relaxados 10.

Tomando-se em conta que no anno de 1743 a Misericordia de Lisboa dispendeu 1:079$505 com os vestidos dos degredados e de dois enforcados, e que n'esta estatistica não estão incluidos os presos da inquisição, vê-se perfeitamente que era quasi nulla a efficacia dos milhões de missas e de

[23] Ribeiro Guimarães, Summario de varia Historia, vol. III, pag. 129.

sermões e a leitura de novenas, livros mysticos e vidas de santos, a que toda a gente se dava.[24]

Mas que outro resultado se póderia esperar se as obras não condiziam com as palavras!

Entretanto o que póde servir de attenuante a tudo isto é que o mesmo succedia lá por fóra:

«Os costumes d'aquelles tempos eram taes na Europa que as mais virtuosas escutavam mesmo sobre o theatro do Vaticano, nas festas publicas e nas representações dos mysterios na Inglaterra, algumas cousas que as mulheres menos castas se envergonhariam d'ouvir hoje. Os maiores exemplos de corrupção não só nos costumes, mas tambem nos habitos são offerecidos pela côrte de Carlos II de Inglaterra. Para nos convencermos d'este facto, basta que nos lembremos que este rei ia commungar com cinco ou seis de seus filhos naturaes (todos duques, e que tivéra de diversas mães todas infames) presentes á cerimonia. (Lady Morgan, L'Italie, vol. II.)

E pelas cartas do celebre bispo Mr. Flechier, e pela sua Relação dos Fanaticos, sabemos que por estes tempos as coisas corriam na França pouco mais ou menos como em Portugal. A devassidão de Luiz XIV, de todos é conhecida, e ninguem ha que desconheça seus amores com M.me de Maintenon e com varias outras!

---

[24] Chegando o proprio monarcha a mandar imprimir uma luxuosissima edição da Vida de S. Vicente de Paula, em Lisboa no anno de 1738, in-folio maximo.

. . . . . .

A familia real passava o seu tempo em festas religiosas. Para prova transcrevêmos os seguintes trechos de jornaes da epocha. Da *Gazeta Annual:*

«No dia 1 de janeiro do anno de 1717 visitou a Rainha N. Senhora a Casa do Noviciado da Companhia de Jesus com as Serenissimas Infantes D. Maria e D. Francisca, e depois de fazerem oração na Igreja passaram á Capella interior do mesmo noviciado, para vêr o presepio dos noviços, onde um d'elles fez na sua Real presença um devoto colloquio ao Menino Deus nascido; e depois passou ao cubiculo do Reverendo Padre Antonio Stieff, seu confessor, aonde lhe tinha sido antecipadamente preparado um aceado pucaro de agua.»

«El-Rei Nosso Senhor nomeou para conegos da Sé Patriarchal a Christoval de Mello, prior de Bucellas; e a D. Francisco de Menezes, filho de D. Antonio de Menezes.»

Publicava-se então a *Gazeta de Noticias* de sete em sete dias, e como um subsidio para a historia do viver de Lisboa n'aquella época, va-

mos apresentar ao leitor um ligeiro extracto do que encontrâmos de mais caracteristico nos outros numeros da Gazeta d'esse anno:

«No hospital das creanças expostas entraram n'este anno de 1716, que ultimamente acabou, pela roda e porta da casa d'elle 723 crianças, que com 708 que já por sua ordem se creavam, fazem o numero de 1431, das quaes falleceram 479.»

Os lentes e mestres de Coimbra fazendo claustro pleno com o seu reitor em 9 de janeiro d'este anno protestaram e juraram defender a Bulla *Unigenitus* e todas as mais de S. Santidade contra quaesquer objecções, e de assim o mandarem assegurar por escripto á Curia Romana (*Gazeta* de 21 de janeiro).

«A rainha e as infantas visitaram sabbado passado em publico, e com toda a comitiva, a egreja das Necessidades, e segunda feira visitaram a Egreja parochial de S. Paulo em que se celebrava a festa da conversão d'este glorioso apostolo.» (*Gazeta* de 28 de janeiro.)

«Suas magestades e altezas, na quarta feira de Cinza, depois de acabadas as funcções da Egreja, viram de tarde da janella do palacio passar a

procissão dos Terceiros de S. Francisco. (*Gazeta* de 11 de fevereiro)

«No sabbado passado fez o senhor D. Thomaz d'Almeida, patriarcha de Lisboa, a sua entrada publica, o que se executou com grande pompa e muita solemnidade.» (*Gazeta* de 18 de fevereiro.)

«S. M. que Deus guarde logra boa disposição, e sexta feira passada viu a procissão da Irmandade dos Passos, do palacio do Em.^{mo} sr. cardeal da Cunha, com a Rainha e Suas Altezas. (*Gazeta* de 25 de fevereiro.)

«O sr. patriarcha de Lisboa Occidental attendendo muito ao augmento do culto divino, e aos efficazes rogos dos religiosos da Ordem de S. João de Deus, como tambem aos grandes merecimentos d'aquelle glorioso Santo portuguez, houve por bem mandar que todos os moradores da parochia de Santos, em que está sito o convento de sua Ordem, sob pena de obediencia venerem e guardem como dia festivo ao santo o dia 8 de março em que a Egreja Catholica celebra a festa do mesmo Santo, abstendo-se de todas as operações de trabalho.» (*Idem.*)

«O patriarcha de Lisboa Occidental deu principio na 2.ª feira á visita da sua Diocese na mes-

ma Sé e parochia patriarchal, onde terça feira crismou a muitas pessoas, fazendo tudo na fórma do Cerimonial Romano. Hoje continuará o mesmo na Igreja de S. Nicolau. Na mesma 2.ª feira fez a Academia dos Illustrados com grande magnificencia a leitura do Certame, que propoz em applauso da erecção da nova Sé Patriarchal, na presença de uma grande multidão de nobreza, e de curiosos, sendo juizes das obras dos academicos, os marquezes de Valença, Alegrete e o conde da Ericeira.»

«A Rainha N. S. foi na 2.ª feira a Belem, e na terça feira visitou todo o convento das religiosas carmelitas descalças da Conceição dos Cardaes. Hontem principiou a novena de S. Francisco Xavier, na Casa professa de S. Roque dos Padres da Companhia.» (*Gazeta* de 4 de março.)

«A Rainha N. S. continua na Igreja de S. Roque a novena de S. Francisco Xavier.» (Idem 11 de março.)

«A Rainha N. S. acabou a novena de S. Francisco Xavier, e commungou publicamente no dia da sua festa, na capella mór da Igreja de S. Roque com a sua familia, e no sabbado visitou a imagem de N. S.ª das Necessidades.» (Idem 18 de março.)

«El-Rei nosso Senhor se acha tão restabelecido da sua queixa que poude fazer a devoção de lavar os pés a 12 pobres quinta feira santa; e os senhores infantes fizeram a funcção de administrar-lhes os pratos da mesa. A Rainha N. S. tambem fez o mesmo a 12 mulheres pobres. Sabbado esteve na Igreja de N. S.ª das Necessidades, e terça feira no convento de S. Bento dos Loyos em Xabregas.» (Idem 1 de abril.)

«A Rainha N. S. continua todos os dias nas suas devoções: sexta feira esteve na Egreja parochial da Encarnação, onde se celebrou a festa de S. Francisco de Paula. Sabbado na da Senhora das Necessidades. Domingo no convento da Conceição de Marvilla, de religiosas Augustinhas descalças. Segunda feira no de S. Bento da Saude, e terça feira na mesma Egreja da Encarnação» (Idem 8 de abril.)

«Em Coimbra se imprimiram as cartas que o Reitor d'aquella Universidade e toda a faculdade de Theologia escreveram a S. Santidade sobre a Constituição Apostolica *Unigenitus* com o *Sensus* da mesma faculdade, e a forma de juramento que toda a Universidade tomou de se sujeitar á dita Constituição, e ter por condemnadas as proposições que n'ella se contém, no mesmo sentido em

que ellas o foram por S. S. Assignaram este juramento não só o mesmo Reitor, e todos os lentes da Universidade, mas todos os reitores e lentes dos 16 Collegios d'aquella Cidade, sendo por todos 84 doutores em Theologia, 12 em Direito Canonico, 10 em Direito Civil, 7 em Medicina, e outros varios consultores e deputados da mesma Universidade.» IDEM 6 de maio. (Queira o leitor reparar n'estes algarismos que são eloquentes.)

«El-Rei N. S. veiu sabbado de Pedrouços para esta cidade, onde assistiu aos dias de festa, e terça feira de tarde se tornou a recolher a Pedrouços. A Rainha N. S. visitou sabbado a imagem de N. Senhora da Luz, e no domingo de tarde a Egreja do Corpo Santo, acompanhada da Senhora Infanta D. Maria.» (IDEM 20 de abril.)

«El-Rei nosso Senhor veiu sabbado de Pedrouços, e assistiu na sua real capella, onde o patriarcha, seu capellão-mór, fez a funcção de dar ordens a varios ecclesiasticos, o que se executou com toda a magnificencia, segundo o cerimonial romano. A Rainha N. S. visitou na sexta feira a Egreja de N. S. da Graça; no sabbado a de S. Roque, onde se festejava solemnemente a memoria de S.ta Quiteria, acompanhada das Sr.as Infantas D. Maria e D. Francisca; e no Domingo viis-

taram tambem a Egreja da Santissima Trindade.

«Sua Magestade como grão-mestre da Ordem de Christo, fez terça feira a funcção de armar cavalleiro na capella do palacio de Pedrouços ao sr. Infante D. Antonio, a quem logo lançou o habito da Ordem de Christo o Reverendissimo P. fr. Fernando de Moraes, dom prior geral d'ella, em cujas mãos S. A. fez profissão na fórma do definitorio da mesma Ordem, estando o dito prelado sentado junto ao altar-mór, vestido pontificalmente com capa de asperges, mitra e bago; assistiu o senhor infante D. Francisco, que n'este dia cumpria annos, por cuja razão foi mais festiva esta solemnidade, a que concorreram os duques, marquezes, condes e mais nobreza da Côrte, vestidos de gala.

«Por cartas de Roma se tem noticia de haver apresentado a Sua Santid de o marquez de Fontes, embaixador d'este reino, a declaração da Universidade de Coimbra sobre a Bulla *Unigenitus*, e havel-a Sua Santidade recebido com especiaes demonstrações de gosto, louvando o zelo, e piedosa resolução com que esta Universidade espontaneamente tomou o dito assento; admirando tambem o numero dos doutores, que n'ella assignaram, sendo que deixaram de o fazer muitos,

que por ausentes não foram convocados, além dos doutores canonistas e das mais faculdades, de que não foram chamados mais que os lentes, deputados e conselheiros.» (IDEM, 27 de maio.)

«Sabbado passado foram a Rainha N. S. e as Sr.as Infantas jantar a Pedrouços, com Sua Magestade, e domingo vêr o real Convento da Madre de Deus, onde tomou habito uma criada sua, conduzida pela marqueza de Santa Cruz, aia de Suas Altezas.» (IDEM 1 de julho.)

«A Rainha N. S. continuando a sua novena das imagens milagrosas d'esta Cidade, visitou no domingo de tarde a de N. S.a da Lembrança na Igreja do Convento de N. S.a de Jesus nos Cardaes, onde tambem se celebrava a festa da Rainha S.ta Izabel de Portugal.» (IDEM 8 de julho.)

«Sua Magestade que Deus guarde assistiu dia de Santo Ignacio de Loyola na Casa Professa dos Padres da Companhia, onde se celebrou com grande solemnidade a commemoração do fallecimento d'este gloriosо Patriarcha, celebrando pontificalmente na sua Igreja o Sr. Patriarcha de Lisboa Occidental D. Thomaz de Almeida, assistido do seu Cabido. A Igreja se armou com aquella magnificencia que deixou recommendada a Serenissima Rainha da Grã-Bretanha, com legado es-

pecial para esta despeza. El-Rei N. S. viu de uma tribuna toda a solemnidade d'este acto, e fez aos Religiosos a honra de comer n'este dia no seu convento. O infante D. Francisco se diverte na sua quinta de Queluz.» (IDEM 5 de agosto.)

«A Rainha N. Sr.ª acompanhada da Serenissima Senhora Infanta D. Francisca, foi terça feira passada á Egreja de S. Roque em publico, a offerecer ao glorioso Santo Ignacio o novo Infante.» (IDEM 2 de setembro).

«El-Rei nosso Senhor esteve a semana passada na villa de Cintra d'onde passou á de Mafra a vêr um sitio para um convento de Capuchos Arrabidos que alli quer fundar. Tem-se feito preces publicas em todos os conventos e egrejas de esta cidade para implorar o bom successo das armas Christãs na Hungria contra os Infieis.» (IDEM 19 de setembro).

«Quarta feira fez-se uma Procissão solemne desde a Santa Egreja Patriarchal até á de S. Roque, em acção de graças do bom successo da Rainha N. S.ª no nascimento do Infante D. Pedro, e concorreram n'ella todas as religiões e clero de Lisboa Occidental, e se fez tudo com muita solemnidade e magnificencia.

«Suas Magestades continuam na assistencia de

Pedrouços, d'onde vieram quinta feira da semana passada, e hontem, a vêr o combate de touros, com que a Camara d'esta cidade festeja ao glorioso S.to Antonio seu natural e padroeiro, assistindo publicamente a este acto na magnifica tribuna que ha destinada para similhantes funcções com toda a familia real.» (IDEM 23 de setembro).

«Suas Magestades vieram de Pedrouços a esta cidade sexta e segunda feira, e viram da sua real varanda o divertimento dos combates de touros a pé e a cavallo, com assistencia de Suas Altezas. Os Serenissimos Senhores Infantes D. Francisco e D. Antonio partiram para o Alemtejo a divertir-se em uma partida de caça nas coutadas de Moura e Serpa. Aos moradores de Mourão fez El-Rei N. S. mercê conceder licença para que os padres da Congregação de N. Sr.a das Necessidades de Tomina, pudessem habitar uma egreja sita no termo d'aquella villa, que já foi de Religiosos descalços de Santo Agostinho, com declaração que o numero d'estes não poderá exceder nunca de doze.» (IDEM 30 de setembro.)

«Suas Magestades continuam a sua assistencia em Pedrouços, e hontem vieram a Lisboa vêr o quinto combate de touros, que a Irman-

dade de N. Sr.ª da Piedade do termo de Almada fez em obsequio da mesma Imagem, e foi o mantenedor o coronel de cavallaria D. Henrique Henriques de Almeida.» (IDEM 7 de outubro).

«O Principe N. Senhor padeceu a semana passada alguma queixa, a que se applicou o remedio das sangrias, mas ao presente se acha com muita melhoria. A Rainha N. S.ª veiu de Pedrouços para lhe assistir; e terça feira visitou a Egreja de S. Pedro de Alcantara, onde se celebrou com toda a solemnidade a festa do mesmo Santo.» (IDEM 21 de outubro).

«Domingo se celebrou na Egreja de S. Domingos d'esta cidade o Auto de Fé em que se leram as sentenças a quarenta e duas pessoas, convencidas de varios crimes, e foram relaxados ao braço secular um homem pertinaz em proposições hereticas, e uma mulher convicta negativa e pertinaz em Judaismo.» (IDEM 28 de outubro).

«El-Rei N. S. partiu domingo para Mafra a lançar a primeira pedra do templo e convento que quer edificar n'aquelle sitio para os religiosos capuchos da provincia da Arrabida.» (IDEM 18 de novembro).

«Sua Magestade que Deus Guarde, foi á villa de Mafra em 14 d'este mez assistir á benção que em 17 do mesmo fez o Senhor Patriarcha, de benzer, e pôr a primeira pedra nos alicerces da Egreja de Santo Antonio, que o mesmo Senhor mandou edificar junto á dita villa, e esta funcção se executou com grande magnificencia e luzimento.»

«Quarta feira 24 do corrente veiu a Rainha N. S.ª com a Senhora Infante D. Francisca, de Pedrouços jantar ao palacio, e de tarde foi ao convento da Madre de Deus, da primeira regra da Ordem de S. Francisco, no qual no domingo antecedente, dia de N. Senhora da Apresentação, tinha entrado a tomar o habito a senhora D. Luiza do Pilar, sua dama, e filha dos senhores condes de Assumar, a qual tendo seus paes ajustado o seu casamento, tomou a heroica resolução de deixar todas as grandezas e conveniencias do mundo, e dedicar-se sómente a servir a Deus n'aquelle santuario, movida de uma rara vocação, que tem edificado toda esta côrte, por ser uma senhora das mais bem dotadas da nobreza e da fortuna. Sua magestade lhe fez mercê dos despachos que se costumam dar ás damas, para seu irmão D. Pedro de Almeida, que se acha gover-

nando as Minas; e tambem do titulo de conde de Assumar para desde logo poder usar d'elle.» (Id. 25 de novembro).

«A Rainha N. S. acompanhada da serenissima Infanta D. Francisca, com o seu cortejo de damas e officiaes da casa, assistiu dia de S. Francisco Xavier na casa professa dos padres da companhia de Jesus, onde se confessaram e receberam devotamente a sagrada communhão pela mão do reverendo Padre Antonio Stieff, da mesma companhia, seu confessor, e ouviram a missa que celebrou pontificalmente o ill.mo dr. João da Matta e da Silva, conego da egreja patriarchal. Sabbado visitou a imagem de Nossa Senhora das Necessidades, d'onde ao recolher-se entrou a fazer oração na egreja de Nossa Senhora do Loreto da nação italiana, onde estava o Lausperenne.» (Idem 9 de dezembro).

A 13 foi a Rainha N. S. ao convento de N. S. do Bom Successo, das religiosas irlandezas da ordem de S. Domingos, com as Infantas D. Maria e D. Francisca e acompanhamento de damas e cavalheiros da sua côrte, assistir á profissão de uma religiosa da mesma nação, que com todas as outras beijou a mão a sua magestade e alte-

zas pela honra que lhe fizeram ao seu mosteiro.» (Id. 16 de dezembro).

Eis aqui quasi todas as noticias que a Gazeta de Lisboa nos dá das occorrencias do paiz no espaço de um anno.

As poucas que não mencionei são relativas á entrada e sahida de navios, á construcção de alguma embarcação de guerra, a algum incendio notavel, á nomeação de algum titular, a alguma batalha em que os portuguezes tivessem entrado, e á sessão de alguma academia, mas tudo em mui curtas palavras.

Encontram-se tambem alguns annuncios curiosos:

«Faz-se aviso a toda a pessoa curiosa que quizer divertir-se com ver executar differentes habilidades, ligeirezas de mãos e extraordinarias posturas do corpo, pódem acudir á rua dos Odreiros das tres horas da tarde em diante; e assim mais se faz presente, que havendo alguns cavalheiros ou outras pessoas particulares, que quizerem, vão a suas casas fazer as ditas habilidades; mandando-lhe carruagem irão servir os ditos senhores.

«D. Balthazar Gisbert, chimico valenciano, que

móra ao Arco dos Sete Cotovellos, em casa de D. Manuel Gonçalves de Mendonça, adverte que ás pessoas que se acharem enfermas de humor gallico de qualquer das quatro especies, e lhe quizerem applicar remedio, lhes dará um efficacissimo com methodo suave, em que no espaço de 18 dias, 9 para tomar medicamentos, e 9 para elles fazerem a sua operação, se acharão effectivamente livres.

«Na rua da Oliveira, do bairro das Olarias, em casa de Jacques de Uffon, defronte da mesma oliveira que dá o nome á rua, se applica um remedio particular de estufas, na mesma fórma que em Inglaterra e em França, para todas as pessoas que se acharem indispostas de estupores, rheumatismos, gotta, sciatica, retracção de nervos, procedida de feridas ou de fracturas, e tambem para os indispostos por causa de lhes ficar no corpo o azougue que se lhes tirará.»

«Na madrugada de terça feira 13 do corrente fugiram do convento de Santa Clara de Santarem uma preta e uma mulatinha, deixando roubadas as suas senhoras em muita roupa e prata de uso; e se suppõe vieram com uns pretos para esta côrte. Quem tiver noticia d'elles ou d'ellas, se lhe pede que queira segural-os, e dar parte ao P.

porteiro de S. Francisco da Cidade, ou em Santarem ás religiosas do dito convento, e se lhe pagarão os gastos e darão alviçaras. E todo o ourives ou qualquer pessoa a quem se vier vender prata ou roupa suspeita, se lhe pede a queira segurar até se averiguar, aliás se ha de tirar carta de excommunhão.»

«Falta um brinco de orelha, que tem por botão um diamante rosa, no meio um laço com tres diamantes, e em baixo uma amendoa, ou pingente, com um diamante grande cercado com dez diamantes: entende-se que empenharia este brinco um criado do almirante de Portugal, chamado Martinho Ribeiro ou o corretor Bernardo Lopes, ou outra pessoa; quem o tiver empenhado póde ir a casa do porteiro-mór procurar pelo padre Domingos Pereira, que este tem ordem para dar a importancia do empenho e seus juros, e quando não appareça, quer seu dono tirar carta de excommunhão.»

«Do Senhor de Bayão empenhou Duarte da Silva corretor, uma fivella de diamantes e umas arrecadas de diamantes e esmeraldas de consideravel valor, e por se não lembrar aonde fez o dito empenho, pede a quem tiver as ditas peças lhe queira declarar, para se lhe pagar o seu prin-

cipal e seus juros vencidos, e de mais lhe dará suas alviçaras, e senão se quer tirar carta de excommunhão.»

Fallêmos agora das magnificentes canonisações festejadas em Lisboa.

Em 1738 celebrou-se n'esta cidade a festa da Canonisação de S. Vicente de Paula, «na qual ostentou Sua Magestade (diz o auctor da Vida do Santo, impressa em Lisboa no anno de 1779) em toda a sua magnificencia, a sua piedade e a sua devoção. Mandou fazer a todo o custo a Igreja, quanto soffria a brevidade do tempo. A armação foi a coisa mais rica que se viu, assim como os cortinados, as franjas, as pinturas, os cristaes. Tudo era do mais precioso. Principiou esta festividade a 18 de julho, e durou todo o oitavario, havendo festa e sermão em cada dia. Sua Magestade e a Familia Real todos os dias assistiram á festa, estando de manhã até perto da noite, rogando ao rei dos reis que pela intercessão de S. Vicente de Paula sempre lhes fosse propicio.

No fim da festa ao sair da portaria, o padre Jofreu beijou a mão a El-Rei, e lhe rendeu as

graças por tantos beneficios e honras: então Sua Magestade, passando de bemfeitor a constituir se pae da Congregação, removeu todos os obstaculos, e deu licença para a fundação.

Logo mandou vir de Italia, França e Catalunha sacerdotes que ensinassem os novos alumnos portuguezes. Determinou o numero de quarenta sujeitos, para os quaes assignou rendas, e comprou terras contiguas para fazer maior cerca e mais accommodada. Mandou fazer um risco para um magnifico edificio; mas não se effeituou a obra pela repugnancia dos padres, que amavam a humildade, e principalmente porque n'esse tempo foi Sua Magestade assaltado d'aquella terrivel enfermidade, que finalmente lhe tirou a preciosa vida; mas comtudo mandou fazer um grande corredor para n'elle recolher os ordinandos e exercitantes.

Em quanto ao espiritual mandou fazer uma traducção da vida de S. Vicente [25], e uma excellente edição d'ella, e tambem mandou fazer duas edições das Regras da Congregação, uma em quarto, outra em oitavo. Quando os missio-

[25] Á qual já nos referimos na nota 24.

narios no anno de 1744 fizeram a primeira missão em Santo Antonio do Tojal, o zelosissimo Principe mandou celebrar muitas missas pelo seu bom exito. Tão affeiçoado estava ao Instituto, para que se estendesse pelo Reino, que, quando o Serenissimo Senhor D. José lhe foi beijar a mão para recolher-se ao seu arcebispado de Braga, lhe recommendou fundasse lá uma casa da Missão. Finalmente admira a sua pura intenção; pois sendo fundador, e dotador, só de Deus quiz o premio, porque nem a minima obrigação ou encargos deixou á Casa.

«A Congregação, para perpetua memoria de seu amantissimo Pae, não satisfeita com as solemnissimas exequias, que lhe fez, instituiu um anniversario solemne no dia do seu transito. E na Casa de S. Lazaro em Pariz, cabeça da Congregação da Missão, está collocado o retrato do augustissimo monarcha, junto ao do santo patriarcha Vicente de Paula para perpetuo monumento e padrão do agradecimento que lhe conserva a Congregação da Missão.»

«O Oitavario com que a Casa Professa da Companhia de Jesus de S. Roque solemnisou a

Canonisação de S. João Francisco Regis, religioso professo da mesma Companhia foi um dos mais celebres que viu a Côrte de Lisboa.

«O augustissimo Rei e Senhor D. João V o Pio, o Forte, o Magnanimo, acompanhado do Principe do Brazil, os Senhores Infantes D. Pedro, e D. Antonio, em todos os oito dias, desde pela manhã até á noite, encheram com sua soberana assistencia aquelle Templo e Casa de gloria, a qual quiz em repetidos dias augmentar a Augustissima Rainha Senhora Nossa com toda a Real Comitiva de suas Damas. O Reverendissimo Senhor Patriarcha com seu cabido patriarchal abriu a porta a toda esta Sagrada Felicidade. Concorreram as Sagradas Familias a fazer-se parciaes nos augmentos da Companhia de Jesus, querendo com sua assistencia religiosissima formar ao novo Santo o maior triumpho, e á Mãe, de quem era Filho, immortalisar a gloria.

«Chegada, pois a noite coroôu-se de luminarias o Templo de S. Roque, e cingiu-se d'ellas a casa toda. As varandas, que cercam o telhado da Igreja, se ornaram com muitas ordens de luzes, variadas em côres differentes, e brilhantes matizes, que puzeram em duvida se era mais bella a formosura do dia. Nos dois quadros em que ter-

minam estas varandas, um da parte do relogio, outro da parte da torre dos sinos, se levantaram dois corpos pyramidaes que faziam vestidos de luzes uma rara apparencia. Viam-se pelas mesmas varandas a espaços, globos, pyramides e corôas de luminarias, que ficando mais elevadas que as fileiras de luzes, que corriam mais baixas, formavam um ornato igualmente artificioso e vistosissimo.

O frontispicio da Igreja, e suas janellas deram com a sua vista das muitas luzes, pinturas illuminadas, e quartelas graciosissimas, summa recreação aos olhos de muita gente, que concorria áquella praça ou largo, que toma o nome de S. Roque, cujos visinhos em roda assim illuminaram suas galerias, como se a festa fosse muito sua: coisa com que a Companhia de Jesus a todas as luzes agradecida, se reconhece devedora.

«Acompanharam a S. Roque muitos Conventos, e casas particulares da Cidade, assim ao perto, como ao longe. O religiosissimo Convento da Santissima Trindade, não só visinho, mas intimo, além das luzes com que todo se revestiu, deu uma das mais alegres vistas na sua torre; porque adornando-se esta, e augmentando-a com a nova obra sobre si mesma, deu na variedade das

côres, e engenhosa disposição das luminarias uma das mais jocundas apparencias, que se admiraram n'esta celebração.

O gravissimo Convento de N. S.ª da Graça dos Reverendissimos Padres de Santo Agostinho, subiu n'esta occasião ao maior excesso. Em nenhuma narração cabe, nenhuma ponderação chega a dar a conhecer o disvelo, a industria, a artificiosa disposição com que se viram d'alli competidas n'aquellas noites as estrellas: não é estranha toda a exuberancia da luz aos filhos genuinos da maior aguia [26].»

Outros sumptuosissimos festejos foram os da canonisação de S. Camillo de Lellis, fundador dos Clerigos Regulares ministros dos enfermos. Vejamos como os descreve uma publicação da epocha [27].

---

[26] «Voz em Roma e echo em Lisboa, na canonisação de S. João Francisco Regis,» Lisboa, 1739.

[27] «Relação das magnificas festas com que na cidade de Lisboa foi applaudida a canonisação de S. Camillo de Lellis, fundador da congregação dos clerigos regulares ministros dos enfermos.» Lisboa, 1747.

«Divulgada pela Europa a canonisação de S. Camillo, a festejaram com a devida pompa em todas as cidades em que tinham fundações os filhos do seu Instituto: e como por este principio não tivesse o Santo quem n'este reino de Portugal lhe applaudisse a nova honra da canonisação; para que n'elle não ficasse privado da grande gloria, que no céo recebia com similhantes obsequios, ordenou a grande piedade e real grandeza do nosso Augustissimo Rei e Senhor D. João V se celebrasse n'esta cidade de Lisboa um festivo Oitavario em applauso da canonisação do mesmo Santo: como já por similhante motivo tinha mandado celebrar no anno de 1727 com grande magnificencia dois festivos Oitavarios na egreja do collegio de Santo Antão dos Padres da Companhia de Jesus, em obsequio das canonisações de S. Toribio Mogrovejo, arcebispo de Lima no Peru, e de S. Peregrino Lazziosi da sagrada ordem dos Servos de Maria, celebradas pelo papa Benedicto XIII no anno de 1726.

Para celebrar a canonisação de S. Camillo de Lellis elegeu a Igreja do hospital real de Todos os Santos.

E para este fim se mandou adornar com as mais preciosas alfaias e tapeçarias do real the-

souro. Adornada a egreja chegou finalmente a tarde do dia 17 de junho do anno de 1747, em que se devia dar principio a esta augusta solemnidade, cantando-se as primeiras vesperas.

Abertas as portas da egreja á hora competente, concorreu innumeravel multidão de pessoas de todas as jerarchias, ás quaes se distribuiram os logares confórme a ordem, e para impedir toda a perturbação que podia causar o grande concurso, e fazer observar a boa ordem em tudo, se tinham mandado pôr soldados com baionetas nas armas, em todas as portas, assim da egreja, e da trincheira por onde se entrava para a escada, como nas mais portas interiores do hospital, e dentro na egreja na entrada da Quadratura e mais divisões, que n'ella se tinham praticado.

Preparado assim tudo o necessario, e accesas as muitas vellas que ardiam no throno, altares, lampadarios e tocheiros, e que fazendo brilhar o ouro e prata de que abundava a egreja, formavam o mais agradavel e magestoso espectaculo, entrou por uma das portas principaes da egreja a communidade dos religiosos eremitas do insigne habitador dos desertos de S. Paulo, e depois de fazerem devota oração ao Sacramento da Eucharistia, passaram á sachristia, onde se paramenta-

ram riquissimamente o prelado e mais ministros que deviam officiar as vesperas, e tornando para a egreja, postos na Quadratura, entoou o mesmo prelado o principio das vesperas, cujos psalmos e hymno foram cantados no coro por uma harmoniosa e sonora musica composta das melhores vozes portuguezas e italianas, e diversas castas de instrumentos, como orgão, rebecas, rebecões, clarins, oboés, timbales, flautas, tocados todos pelos mais insignes professores, que executando com o maior acerto e sciencia os harmoniosos preceitos d'esta agradavel arte, juntamente deleitavam os sentidos, e arrebatavam os espiritos na consideração dos ineffaveis gostos, que na egreja triumphante gosava a bemditissima alma do santo, a quem na militante se dedicavam aquelles reverentes e alegres cultos. Acabadas as vesperas se começou a preparar a magnifica illuminação de toda a face exterior da egreja, que formou n'aquella noite e nas seguintes do Oitavario, o assombro da cidade inteira.

«No palacio dos Estaos, onde habitava o cardeal da Cunha, assistiram á gloriosa solemnidade que n'esta tarde se celebrou, el-rei nosso senhor, e a rainha nossa senhora com toda a mais familia real. Para maior pompa e para con-

ter no devido respeito o grande concurso, se mandaram vir dois regimentos de infanteria, e dois de cavallaria; dos quaes os de infanteria se formaram em duas alas, bordando as ruas por onde havia de passar o triumpho, começando da frontaria da egreja; e um dos dois de cavallaria se formou defronte do convento de S. Domingos, e outro da parte opposta. Estava o pavimento da praça e ruas coberto de areia e sobre ella muitas flores que formavam uma vistosa alcatifa.

«Feitos estes preparativos, e juntas todas as communidades religiosas que successivamente tinham celebrado os dias do Oitavario, officiou em pontifical as segundas vesperas o excellentissimo arcebispo de Lacedemonia com assistencia da sua illustrissima confraria; e acabadas as vesperas entoou o hymno *Te-Deum Laudamus*, que cantou no coreto a musica; concluido o qual se deu principio á procissão, que se formou do modo seguinte:

Iam deante dois pares de timbales, e nove clarins tocados pelos trombetas e timbaleiros reaes, que levavam vestidas as suas fardas ricas cobertas todas de galões de ouro. Seguia-se logo um rico pendão de tela de prata, guarnecido de galões e franjas de ouro, e no meio primorosamente

bordado um escudo com as armas da religião de S. Camillo. Levava este pendão o reverendo padre Francisco Mafer, clerigo regular, ministro dos enfermos da provincia de Milão, que se achava n'esta côrte. Pegavam nos quatro cordões do pendão os excellentissimos marquezes de Angeja e Gouveia, e os excellentissimos condes de Athouguia e Tarouca. Depois vinham as sete communidades religiosas com as suas cruzes, pela mesma ordem com que tinham celebrado os dias da festividade, levando todos tochas accesas, que se lhes distribuiram na egreja: e em ultimo logar a illustrissima confraria dos sacerdotes seculares, depois da qual se ouvia uma bem ajustada musica, que cantava os louvores do santo, cuja imagem vestida de tela preta e ouro, com um crucifixo de prata na mão, era levada em um rico andor todo prateado, por dez pessoas, dois sacerdotes seculares, o prelado e outro religioso da Ordem de S. Domingos, e os prelados das outras seis communidades.

De um e outro lado do andor levavam doze sacerdotes, doze lanternas de prata com vellas accesas. Poucos passos depois, vinha o excellentissimo arcebispo paramentado com pluvial e mitra, levando aos seus lados ministros tambem

paramentados, e seguido dos seus capellães e mais domesticos.

«Ordenada d'este modo a procissão, deu volta pelas ruas dos Escudeiros e Odreiros, e entrando outra vez no Rocio, foi andando pela parte do poente até ao Paço dos Estaos, onde estavam suas magestades, e depois voltando para a parte do nascente entrou pela porta da egreja, onde juntos todos, e cantadas as costumadas preces, deu o excellentissimo arcebispo a benção a todos os assistentes.

Ao mesmo passo que a procissão se recolhia, se foram formando os regimentos de infanteria, que estavam bordando as ruas, e chegando-se depois de algumas evoluções militares, para defronte da egreja, finalisada a funcção deu cada um d'esses regimentos tres descargas de toda a sua mosqueteria; depois marcharam para os seus quarteis, e o mesmo executaram os de cavallaria, ficando só os costumados destacamentos para assistirem na praça no tempo da illuminação, a qual se fez n'esta ultima noite com a mesma magnificencia e grandeza do dia antecedente: dando-se com esta ultima e festiva demonstração de alegria e jubilo, glorioso fim a toda esta grande e sumptuosa celebridade.

«Estiveram primorosamente illuminados em todas as noites os conventos e egrejas da Santissima Trindade, de Nossa Senhora do Carmo, de S. Domingos, de Nossa Senhora de Jesus, do Santissimo Sacramento dos Padres eremitas de S. Paulo, de Santo Antonio dos religiosos capuchos, de S. Pedro d'Alcantara dos padres da provincia da Arrabida, do Espirito Santo dos padres da congregação do oratorio de S. Filippe Nery: o de S. Francisco da Cidade na noite de 19 do mez, e depois nas ultimas duas noites do Oitavario: e nas noites de 22, e nas duas seguintes tambem o estiveram o convento de Nossa Senhora da Graça dos eremitas de Santo Agostinho, e o collegio de Santo Antão dos padres da Companhia de Jesus.» [28]

As dispendiosissimas beatificações e canonisações, as quaes tanto dinheiro faziam passar de Portugal para Roma, eram tão vulgares no reinado de D. João V, que, tendo já sido beatificada

[28] Veja obra já citada.

Santa Joanna princeza de Portugal, e tendo sido feitas as diligencias necessarias para a beatificação de D. Affonso Henriques, e do arcebispo de Braga D. fr. Bartholomeu dos Martyres; foram beatificadas tambem as infantas D. Sancha, D. Thereza e D. Mafalda. Em summa, eram tão pretendidas e tão procuradas as beatificações e canonisações para lustre e gloria das povoações, das egrejas e das ordens monasticas que o padre Joseph Pereira Bayão no seu *Portugal glorioso e illustrado* diz, fallando com o leitor:

«Vae finalmente a Santa Clara de Villa do Conde, onde acharás as freiras actualmente tratando da beatificação dos senhores D. Affonso Sanches e sua mulher D. Thereza Martins, filho e nora do senhor rei Diniz, e fundadores d'aquella casa, onde estão obrando prodigios.»

Á vista do exposto, não se admirará o leitor se lhe asseverarmos que se consumia no paiz um numero extraordinario de mil cruzados em festas, arraiaes, procissões, e em tudo quanto fosse congruente para realçar o culto religioso.

V

Os sermonarios abarrotavam e ainda abarrotam as bibliothecas publicas. Alvaro Leitão, publicava os sermões das tardes de quaresma e de toda a semana santa. D. Raphael Bluteau dedicava ao grão-duque de Toscana seus sermões impressos em Lisboa. O licenciado Antonio da Silva, natural da Bahia, tambem em Lisboa, dava á luz os sermões das tardes dos domingos de quaresma, prégados na matriz do Recife de Pernambuco. E o agostiniano fr. Simão da Graça, tambem d'esta mesma cidade de Lisboa dava a lume os sermões prégados na India Oriental. Podia fallar dos sermões do bispo do Rio de Janeiro, D. fr. Antonio de Guadalupe, impressos em Lisboa no

anno de 1749: nos sermões offerecidos ao infante D. Antonio pelo padre Antonio de Bettencourt, mas basta dizer que sobem a milhares os sermonarios impressos em Lisboa, Porto, Coimbra, Goa, Roma e varias outras povoações. É extraordinario o numero das pastoraes, e dos sermões que no reinado de D. João V se prégaram, e imprimiram, distinguindo-se até algumas edições pelo seu luxo e boa impressão.

Rara seria por aquelle tempo a pessoa, em certa posição social que por occasião da sua morte não tivesse uma, ou mais do que uma oração funebre. Teve-a Diogo de Mendonça Côrte Real, na egreja parochial de Santa Justa de Lisboa: teve-a fr. Antonio Manoel de Vilhena, grão-mestre de S. João do Hospital na matriz de Campo Maior: teve a D. Luiza Simôa de Portugal, condessa de Redondo, recitada por D. José Barbosa na egreja do Espirito Santo de Lisboa. Teve a o conde da Calheta Affonso de Vasconcellos, na egreja da Conceição Velha, e tiveram-na milhares e milhares de pessoas, pois são milhares e milhares as orações funebres, umas impressas, outras ineditas. Tambem o numero dos sermões prégados nas procissões das freiras é extraordinario. Mas citarei tão sómente, attendendo á brevidade, os sermões

prégados pelo P. D. Raphael Bluteau nas procissões de D. Violante Maria Caetana de Castro no convento de Odivellas, o da procissão de duas irmãs no mosteiro de Santa Clara de Lisboa, e um outro sermão do mesmo genero prégado no mosteiro do Calvario.

VI

Havia ainda outro espectaculo quasi diario, e com o qual o povo se deliciava, era ir visitar ás egrejas os servos de Deus que tinham morrido com cheiro de santidade.

Em todos os conventos, e mesmo fóra d'elles, havia individuos de ambos os sexos que se entregavam á vida mystica, e punham em pratica todos os generos de penitencias, mesmo as mais absurdas e repugnantes. Estes taes individuos tinham sempre um grande numero de admiradores, e não só eram consultados ácerca das duvidas e escrupulos, mas tambem suas orações eram remuneradas e procuradas com grandes esmolas. Por occasião da morte de taes servos de

Deus, o povo concorria em chusma a despedir-se do Santo, ou do predestinado, como lhe chamavam, e a invocar sua protecção na presença de Deus. [19] E as turbas irrompiam tão compactas dentro do templo em que o defunto estava exposto á veneração dos fieis, que as sentinellas eram impellidas pela multidão, o povo estonteado calcava, pisava, molestava, promovia desordens e lucta, mas extatico contemplava o rosto do santo que já estava gosando da visão beatifica. No dia 19 de abril de 1731 morreu em cheiro de santidade no convento de S. Francisco de Xabregas, o padre fr. José de Sant'Anna, tendo de edade 68 annos, e de habito 54. O povo considerava-o como um santo, e o chronista fr. Jeronymo de Belem [20] asseverava que depois de morto parecia ainda vivo, porque ficou todo flexivel seu cadaver, tão claro e resplandecente, como se não houvera pagado o tributo devido á morte. Estes signaes todos foram novo incentivo para os seus religiosos irmãos, pois amando-o cordealmente em vida, na sua morte se não podiam apartar da sua

[19] Vida justificada, morte preciosa, virtudes e milagres do P. Fr. José de Santa Anna — Lisboa, 1743.

[20] Fr. Jeronymo de Belem: Vida do P. Fr. José de Santa Anna, pag. 190.

vista. Para desafogo da sua saudade se viu entre todos uma santa emulação sobre quem havia de ficar mais enriquecido com prendas suas: para este fim se foram constituindo espirituaes herdeiros de suas pobres alfaias, querendo todos tudo, sem attenderem á qualidade das coisas; porque uns, além do que muitos haviam feito ainda em sua vida, levavam em retalhos o habito; outros os sapatos; outros os pares menores, etc., de sorte que sem deixarem prégo em parede, até um prégo, em que estava pendurada a sua candeia, levou certo religioso por não achar já que levar.

Não custou pouco a defender a roupa da cama: ainda pleiteavam os devotos seculares por entrarem com os religiosos a partilhas, allegando que elles tinham direito aos moveis de seu grande amigo por ficarem com prendas suas; e assim pedindo e furtando, ajuntaram o que podiam; mas com altissima providencia, pelo que depois succedeu com estes religiosos.

O bordão, com que o servo de Deus andava pelo convento, e sahia fóra, reservou um religioso com muita cautela para mandar a outro, seu tio, que padecia o achaque de gotta, tendo-o alguns dias escondido, emquanto cessavam as grandes diligencias, que por elle se fizeram, nascen-

do d'aqui não poucos sustos e temores, por serem muitos os que desejavam possuil-o.

Um devoto secular não achando já em que pôr os olhos, teve mãos para tirar com o seu espadim um cuvilhete que de uma janella viu na do servo de Deus; e levando-o com grande recato para casa, indo eu depois a elle, me descobriu o seu furto secreto, que tinha em uma gaveta fechado.

Em casa de outro vi tambem eu um bocado do lençol, que havia servido na cama do servo de Deus, mettido em um contador, e conservando evidentes signaes de immundicie, era suavissimo o cheiro que lançava.

Alem da porta, por não acharem mais que tirar, cortaram os seculares alguns fragmentos (que a tanto chegou a pia devoção dos fieis). D'estes espolios participou a maior, parte d'esta côrte, e do reino, d'onde eram tantas as supplicas, que quanto mais se mandava, muito mais se pedia.

Logo que se divulgou a noticia da morte do servo de Deus foi tanta a gente, que acudio á egreja a vêr o corpo, e a pedir reliquias, que já não valia a prevenção de grades, e portas fechadas para lhe impedir os excessos e embaraçar os impulsos. Ali mesmo se lhe cortou grande

parte do habito, que em bocados iam levando aquelles que primeiro chegavam; até que por ordem do prelado local se suspendeu esta diligencia, por não ser decente em occasião similhante tal repartição.

Praticou-se na cella do prelado sobre esta materia; e assentando-se que o enterro se não podia fazer de manhã pelo concurso de povo; que de tarde ainda seria peior; por se evitarem desordens, e para satisfazer á devoção dos fieis; por conselho de pessoas doutas, prudentes e entendidas se tomou a providencia de dar parte ao reverendo cabido da Sé Oriental para que, parecendo conveniente, mandasse fazer o exame permittido em Direito. Em summa foi tal a multidão, que já não se podia entrar na egreja; a maior parte da gente, sem cuidar no preciso sustento, se refazia de vêr o veneravel cadaver.

Por ordem do reverendo cabido veiu a este convento o doutor vigario geral com os ministros competentes para proceder ao exame do cadaver, em que se acharam todos aquelles signaes que conduzem para a boa opinião da virtude de um servo de Deus; porque, sendo já passadas dezeseis horas pouco mais ou menos, se achou com a mesma flexibilidade, sem bafio, nem mau

cheiro; os olhos claros, e tão claros, que abrindo-lhe eu o direito, o vi como em elevação, e depois de um breve espaço, por si mesmo se fechou; as cezuras das sarjas se viam na mesma fórma, em que o ferro as abriu, conservando a mesma côr; sendo sangrado por duas vezes, lançou sangue puro e liquido; e em todo o cadaver se admirava um como natural calor: finalmente, não tinha mais signal de morte, que o estar desanimado.

Concluido o exame, vistas e ponderadas todas as circumstancias d'elle, cresceu de tal sorte a devoção nas pessoas que se acharam presentes, assim ecclesiasticos como seculares, e ainda da primeira nobreza da côrte, que ali mesmo se via uma santa emulação, desejando cada qual ficar mais enriquecido com as prendas ou reliquias do servo de Deus; porque tendo-lhe sido despido o habito para se poder satisfazer ás piedosas supplicas de todos, nenhum se accommodava com pouco.

Com grande consolação notei que tres cavalheiros, a quem coube uma grande parte do habito, contendiam sobre a sua repartição; e para eu decidir o ponto, me cheguei a elles, e cortando como pude o pedaço, celebrando todos a pro-

videncia, ficou cada um d'elles muito satisfeito com o que lhe tocou.

No sangue das sangrias se ensoparam muitos lenços, e para todos houve sangue; até o cercilho lhe ficou bastantemente reformado, porque um devoto sacerdote, particular amigo e beneficiado do servo de Deus, com uma thesoura e com grande disfarce lhe cortou muita parte dos cabellos.

Composto logo o corpo, e com outro habito vestido, terminou o doutor vigario geral, que, para gloria de Deus, e consolação dos fieis, se expozesse na egreja até ao dia seguinte, que foi na quinta feira.

Era já n'este tempo mais numeroso o concurso do povo, que esperando impaciente esta resolução, apenas sahiu o corpo para a egreja, como saindo de si e para desafogo da sua devoção, uns tocavam contas para terem e levarem, tendo-se prevenido em comprarem n'este dia muitos rozarios; outros com instancia pediam reliquias do habito, e os que mais não podiam se contentavam com beijar-lhe as mãos e os pés. Com grande trabalho chegaram os religiosos com o esquife á egreja, pois não havia forças humanas que o resguardassem.

Quarta feira de tarde, e ainda de noite foi conti-

nuando em fórma que já dos logares visinhos da côrte vinha concorrendo gente. Mas para que de tanto povo junto se não seguisse alguma desordem e indecencia, recolheram os religiosos o corpo na capella do Senhor do Bom Despacho no claustro, e fechando-o á chave, para que a gente se retirasse, de cada vez mais se augmentava a devoção com o interesse de admirarem aquelle veneravel deposito, sem darem lugar aos religiosos para poderem fechar as portas e se recolherem.

N'esta mesma noite vieram muitas senhoras da côrte e do convento de Santos, a satisfazerem seus piedosos desejos, e por mais diligencias que se fizeram, não era possivel embaraçar o ingresso da clausura, pois com as portas abertas entrava quem podia, e com ellas fechadas amotinavam o convento, e quebravam as campainhas da portaria. Até que com muito trabalho, sendo já onze horas da noite se fecharam as portas, ficando o corpo na sua mesma capelinha, e correndo-lhe ainda sangue das sangrias do exame, do qual se aproveitaram alguns devotos. Com esta ainda que laboriosa providencia, poderam desafogar-se os religiosos, que já andavam cançadissimos, e assim foram ás suas horas a matinas,

excepto aquelles, que velavam o corpo, passando a noite inteira sem descanço.

Chegou tambem ao palacio não só a noticia da morte do servo de Deus, mas a do exame do seu corpo e do grande concurso; e todas estas demonstrações foram incentivo, além do conhecimento, que já em palacio havia das virtudes do nosso servo de Deus, para commover a piedade do magnanimo rei D. João V, o qual acompanhado dos serenissimos principes dos Brazis, seu filho, e do infante D. Antonio, seu irmão, veiu a este convento de Xabregas na quinta feira seguinte pelas duas horas da tarde a visitar seu corpo; e sendo as magestades aquellas pessoas, que pelo seu respeito e soberania têm sempre, e em toda a parte, o primeiro logar, não custou pouco a sua entrada, pela grande multidão da gente, que attendendo mais á sua devoção do que aos respeitos humanos, a ninguem guardavam respeito; mas rompendo como puderam para chegar ao corpo, disse de caminho sua magestade, que ainda não vira concurso similhante.

Tinham a este tempo os religiosos depositado o corpo na capella dos Terceiros, que fica no cruzeiro da egreja, para melhor commodidade dos Officios Divinos; e assim como puderam o foram

repôr na capella maior, fazendo um estreito caminho para que sua magestade e altezas podessem chegar. Chegaram emfim, e postos todos tres de joelhos depois de adorarem o Sacramento, por um largo espaço, registraram o corpo; e depois de ouvirem toda a relação do exame e da sua morte, e louvarem as maravilhosas obras de Deus no corpo d'aquelle seu servo, fazendo e mandando fazer algumas observações por certas pessoas da sua comitiva, todos lhe beijaram os pés. Aqui se viu com uma incomparavel ternura e edificação a humildade mais profunda e de tanto exemplo para os circumstantes; e com esta acção ficou mais viva a fé de todos, sabendo já estes á imitação d'aquelles reconhecer o quanto é Deus fiel remunerador das virtudes dos seus servos, para que á vista de similhantes espectaculos dispertêmos mais e mais a nossa frouxidão.

Logo que sua magestade e altezas se retiraram do convento, querendo os religiosos proceder á funcção do enterro, para melhor conseguirem o que intentavam, tomaram por expediente recolher o corpo do servo de Deus para a sachristia para que de alguma sorte se socegasse o povo, que em grande numero ia crescendo. Superflua providencia, porque saindo da capella maior com

grande trabalho, e entrando para a sachristia com muito custo, nem na sachristia, nem na egreja se davam a conselho os religiosos: na egreja, não, porque estando o povo á espera do corpo, não foi possivel, por mais diligencias que faziam os religiosos, descerem o esquife dos hombros para o depositar na capella-mór; foram sahindo para o cruzeiro, e encontraram a mesma difficuldade; chegaram ao corpo da egreja, e muito menos o poderam conseguir: sahiram ao adro, e finalmente até á fonte da Samaritana, e cada vez se augmentava mais o concurso de povo, que posto já a este tempo em duas alas, com muitos maços de contas, com que se tinham os devotos prevenido, atiravam com ellas ao corpo para as tocarem. Aqui, de cançados e opprimidos os religiosos, largaram o esquife, e pegando n'elle dois conegos, e alguns religiosos de fóra, que se achavam no concurso, obrigados da necessidade, foram tomando o caminho da Madre de Deus, sem cuidarem para onde iam, mas seguindo-os alguns religiosos nossos.

Abertas as portas da egreja da Madre de Deus, n'ella se recolheu o corpo; mas fechando-se outra vez para impedir o tumulto do povo, ainda isto não bastou, porque concorrendo algumas se-

nhoras da côrte, e em seu sequito muitas pessoas mais, cresceu em bom numero o concurso com a santa ambição de venerarem depois de morto áquelle, com quem tiveram especial devoção em quanto vivo.» [21]

Scenas similhantes e comprovativas da credulidade nada illustrada d'aquelles tempos, repetiam-se diariamente.

«Depois que expirou o veneravel padre D. Alberto Maria Ambiveri, (diz-nos o seu biographo D. Thomaz Caetano do Bem), ficou seu cadaver tão brando e flexivel, como se ainda estivera vivo. Lançava de si um cheiro tão suave, que não tendo comparação alguma com outro qualquer dos que exhalam os aromas da terra, se julgou ser fragrancia extraordinaria, e como do Paraizo.

Divulgada pela cidade a noticia d'estas circumstancias, não se pode explicar quanto cresceu a dôr e o sentimento por causa da sua morte, no coração de todos.

[21] Esta descripção não póde ser mentirosa, pois foi impressa em epochas mui proximas ao facto.

Concorreu logo o povo todo, e não só os humildes e gente ordinaria, mas os grandes e a nobreza toda para verem e respeitarem o veneravel cadaver. Todos respeitosamente beijavam aquelles veneraveis despojos da humanidade, e n'elles tocavam as contas por que resavam; e não se podiam separar, nem apartar a vista do cadaver de um seu tão grande bemfeitor. E não satisfeitos com isto, cada um procurava haver para si alguma parte d'aquelles mesmos despojos, e á competencia lhe cortavam alguma porção, quer dos cabellos, quer dos vestidos, quer dos sagrados ornamentos, que tudo de si exhalava a mesma fragrancia, para comsigo a trazerem e fazerem estimação, como do mais precioso thesouro, de sorte que de todo ficaria despojado pela devoção dos fieis, se pelos ministros da justiça (e foram estes cinco corregedores que por ordem d'El-Rei vieram assistir n'aquelle dia ao nosso hospicio para conter e moderar o povo) não fôra refreada a multidão popular, que para satisfazer a sua devoção quasi tumultuava.

A sua pobre camara bem depressa ficou tambem inteiramente despojada das suas pobres alfaias, para assim se satisfazer á devoção de pessoas de maior qualidade que instantemente as

pretendiam. A El-Rei tocou o seu tão amado livro da Imitação de Christo, de Thomaz Kempis. E a rainha quiz para si a imagem do Santo Crucifixo.»

«Quando falleceu o padre Bartholomeu do Quental, [22] diz o autor da sua vida, quiz Deus que se testificasse a santidade de seu servo com o admiravel signal de uma resplandecente estrella que pelo espaço de uma hora, antes que partisse d'este mundo, se viu brilhar sobre o seu cubiculo, até que os funebres lamentos dos sinos annunciaram a morte. Ficou o semblante do veneravel padre todo alegre, e representando uma tal magestade, que os que o vestiam, não se atreveram a despir o corpo para ser lavado. Foi cousa tambem admiravel, que sendo as mãos do servo de Deus flexiveis para os seus padres, o não eram para algumas pessoas estranhas que vinham curiosamente para experimentar a flexibilidade.

Divulgada a morte, logo se manifestou a opinião do povo. Começou a concorrer innumeravel

[22] Vida do V. P. Bartholomeu do Quental, Fundador da Congregação do Oratorio nos reinos de Portugal, Lisboa, 1.47.

multidão de pessoas de todas as jerarchias e idades que uniformemente lhe chamavam santo: uns procuravam devotamente reliquias suas, outros á contenda lhe beijavam as mãos e os pés, outros tocavam rosarios no seu corpo, dos quaes usavam ao depois mais devotamente pelo contacto que tinham tido com o servo.»

É possivel que taes reliquias tivessem muitas virtudes, mas não a tinham com certeza contra a corrupção dos costumes, tão grande entre os seculares, como nos proprios conventos.

«A madre soror Isabel do Menino Jesus, abbadessa que foi no mosteiro de Santa Clara de Portalegre, viu em certa occasião estarem os demonios a assar carne feita em pedaços — como gatos esfolados escorreados de fogo. Ficou espantadissima, mas ouviu logo uma voz que lhe disse: Ser aquella carne de sacerdotes que em vida se abrazaram no vicio da luxuria». Assim o diz ella na sua «Vida», e parece dar a intender que o caso se passou em 1736.

Eis porque os diabos n'aquelles tempos andavam á redea solta:

«O primeiro assalto, (diz o padre fr. Joseph Pereira de Sant'Anna na Vida da M. Maria Perpetua,) que ao inconsolavel coração da Esposa de Christo deu o inferno foi na occasião em que, bastantemente combatida de pensamentos impertinentes e vãos, buscou ao seu divino Esposo no côro, para d'alli o poder adorar no Sacramento. Achando-se, pois, na sua augustissima presença, rogando-lhe com fervorosas instancias que de nenhum modo a deixasse cahir em tentações, viu, e sem engano percebeu uma incomparavel multidão de diabolicos inimigos, os quaes tomando a hedionda figura de asquerosos sapos faziam a possivel diligencia por lhe intimidarem e enfraquecerem o animo. Ella, porém, com esforço maior do que se poderia esperar de um sexo naturalmente timido de similhantes vistas, nem alterava o socego nem diminuia a devoção. Notava (muito transitoriamente) que os peçonhentos bichos davam saltos pelo ar: mas como se ao subir lhes faltasse o vigor, logo precipitadamente cahiam, e com os seus impuros contactos envenenavam o chão; e d'elle por mais que repetiam as diligencias, nem se podiam apartar mui-

to, nem de todo subir ao alto: até que vencidos ou injuriados da inesperada resistencia, se fundiram no interior da terra.»

«Mas a peça mais consideravel entre outras que os diabos fizeram a soror Magdalena foi que pegaram do leito em que estava deitada pelos quatro cantos, e começaram-n'a a levantar tão alto que deu com a cabeça no tecto.[23] Entrou tão grande pavor na pobre religiosa de que a deixassem cahir no chão desde aquella altura, que começou a gritar que lhe acudissem. Então Rosa Maria, animada do espirito de Deus mandou aos demonios que sem damno algum da religiosa tornassem com o leito ao seu logar. Obedeceram, mas bramindo de raiva, dèram um tal sopro que com elle acenderam a candeia que estava apagada em um canto do casarão.»

Mas é bem digno de reparo que se os diabos frequentavam continuamente os mosteiros, tambem o Menino Jesus revestido de todas as formas n'elles apparecia continuamente!

Cousa vulgarissima era então as filhas, acon-

[23] Vida da Veneravel Madre Rosa Maria Serio de Santo Antonio, priora do mosteiro de S. José Fazano. Lisboa 1744.

selhadas e dirigidas pelos confessores, fugirem de casa de seus decrepitos paes para se encerrarem dentro d'um convento. A isto chamarei eu uma feia ingratidão, e ingratidão posta em pratica ha poucos annos em Aveiro por duas meninas parentas do celebre José Estevão Coelho de Magalhães. Ingratidão elevada ao requinte! Assim se pagam tantas lagrimas, tantas vigilias, tantas ancias, tantas sollicitudes! Desamparar quem nos deu o ser, para só cuidarmos dos estranhos!

Pois a menina Marianna, filha do conde de Tarouca — João Gomes da Silva, praticou isto mesmo. [24]

Ouvira uma predica em Lisboa, ao frade varatojano fr. Manoel de Deus, e desde então principiou a pensar que a vida mais do agrado de

[24] Confessava a Dona Marianna, e era seu Director o P. Paulo Amaro, da extincta Companhia de Jesus. Cuidou logo D. Marianna em lhe communicar quanto passava. Era razão que assim o fizesse, porque a elle tocava examinar se era esta legitima vocação de Deus, para, ou confirmal-a n'ella, ou desenganal-a: pois estes são os canaes por onde Deus parece tem determinado dar a conhecer ás almas a sua vontade; e *para este fim assiste aos directores mui particularmente*. A leitura da biographia das freiras e frades, devia causar a fuga de muitas meninas de casa de seus paes, pois um tal acto julgava-se uma obra mui meritoria, e mui do agrado de Deus.

Deus seria a que ella tivesse n'um mosteiro [25] Para esse fim o mesmo director espiritual a foi encaminhando, mas julgando-se impossivel obter licença.

«Andava D. Marianna affligida grandemente por se vêr tão sem modo de poder largar por uma vez a casa de seus paes, para ir para a de seu Senhor; porque emfim como abrir a porta por onde só podia escapar-se? [26] Senão quando, achou por acaso duas pequenas chaves atadas uma na outra, como que eram de algumas gavetas, sem que então nem jamais se soubesse d'onde eram. Occorre-lhe logo se serviriam ellas na porta do quarto baixo? Lembrança ao parecer insensata, e que só podia vir a quem, porque emprehende coisa mui difficultosa, tudo julga que lhe póde servir de a facilitar: até uma pequena chave de gaveta para abrir uma porta. Foi, com effeito, tental-o, e achou que ambas a abriam. Não é explicavel o quanto ficou D. Marianna contente, por se vêr com meio de vencer a maior difficuldade, que encontrava no seu projecto. Mas apenas so-

[25] Vida da Madre Marianna Josepha, pag. 87.
[26] Idem pag. 95.

cegou com este para ella precioso thesouro, quando se viu em termos de o perder. Havia em casa um doente; era-lhe necessario tomar um remedio, e este devia ir-se buscar ao dito quarto baixo. As chaves d'elle não appareciam então, apesar do recato da condessa. Aqui se viu D. Marianna em grande aperto e perplexidade. Lembrava-se que ella podia remediar o grande incommodo, e até prejuizo que fazia ao doente a perda das chaves do quarto de baixo, dando as suas, que serviam na porta que ia para elle; e não o fazer era mui reprehensivel falta de caridade, e offendia com isto a Deus, que era o que ella sobre tudo temia. Mas se as désse, privava-se do unico meio que tinha de concluir a empreza, que era vontade do Senhor que ella commettesse. Parece que este facto que sobreveio, e que assustou muito a D. Marianna, foi traça da Providencia, para nos confirmar em que foi o Senhor quem deparou as chavinhas a sua serva. Porque eram duas, e ambas serviam na porta: deu D. Marianna uma, com que se acudiu ao doente, e ficou com a outra para se servir d'ella na sua fugida. Isto mesmo foi necessario que fizesse com arte, para não dar alguma occasião de suspeita a sua mãe, vendo que se achava com chave, que servia no quar-

to baixo. Mas se não houvesse a muito estranha circumstancia de servirem na porta ambas as chavinhas, malograva-se agora sem duvida a ventura de as achar e não lhe restava outra esperança.

Vencida a difficuldade de não ter modo de abrir a porta, e remediado o perigo de a fazer maior, cuidou logo em executar seus desejos, e até em aprazar dia para a fugida. Pareceu-lhe muito proprio o dia 15 de janeiro, porque suppunha com razão que sua mãe sahiria n'elle fóra a casa do Monteiro-Mór Fernão Telles da Silva, seu filho, festejar o primeiro anno que fazia o primogenito d'este, e neto seu. Era elle Francisco de Mello, que depois tambem foi monteiro-mór, e cuja memoria será sempre saudosa. Persuadida d'isto, como não havia mais opportuna occasião de fugir, do que não estando sua mãe em casa, determinou fazel-o n'este dia, e assim o participou ao padre prior dos Remedios para pôr tudo prompto. Cuidou logo o prior em procurar pessoa capaz d'ir com D. Marianna. Achou, e logo convidou uma viuva de juizo, virtude e nobreza, que não teve duvida em acompanhal-a: mas não lhe declarou quem D. Marianna era, porque tudo se tratava com o maior segredo. Cha-

mava-se ella D. Anna de Vasconcellos. Estava já para sahir de sua casa, quando o padre prior dos Remedios lhe foi dizer quem era a pessoa que lhe tinha pedido quizesse levar ao convento. Não pouco se perturbou com a nova; mas como era de muita piedade, respondeu, que ainda que o caso era de mais ponderação do que julgava, e que ia expor-se a ter algum desgosto com os parentes de D. Marianna, e talvez que algum perigo, todavia não permittisse Deus que ella embaraçasse tão santa empreza. E accrescentou, que como era razão que D. Marianna fosse acompanhada d'algum criado, seu filho iria servindo-a como tal.

Ajustado assim tudo isto, pouco antes das Ave Marias, no dia 15 de Janeiro de 1728 veiu D. Anna em uma boa sege, e os moços trazendo nos chapeos certo signal, que se tinha combinado, e poz-se no campo, que então se chamava do curral, e hoje de Sant'Anna, na boca da travessa, para que tinham a porta as casas em que então morava a condessa de Tarouca. Aqui aconteceu uma cousa bem digna de memoria. Posto que já era quasi noite quando a sege chegou á boca da travessa, como fazia mui claro luar, foi vista não só das criadas da condessa, mas tambem de um

capellão d'aquella casa, que morava defronte. Muito o maravilhou ver alli aquella sege a taes horas; e impellido de extraordinaria curiosidade protestou não sahir da janella, que cahia bem sobre o lugar em que a sege estava parada, sem ver o para que ella alli se puzera. Grande risco para D. Marianna, porque o capellão não podia deixar de a conhecer quando fugisse: e sem duvida que logo avisaria a condessa, se mesmo então não podesse ter mão na fugida, e mui facilmente se malograria tudo. Mas o Senhor que a guiava, sabia desfazer qualquer obstaculo que sobrevinha; antes parece que elle os mandava, para dar mais a conhecer soltando-os, que esta obra era da sua mão. Lembrou o Espirito Santo ao Capellão, que era bom sacerdote, e desejava, como devia, ser perfeito, que aquella curiosidade era vã, e por isso a não devia satisfazer. Acceitou elle a santa inspiração, e promptamente se retirou, e fechou a janella. Feito isto, sentiu rodar a sege, em que já ia fugida D. Marianna. Vejamos como ella o fez.

Não faltava a D. Marianna para largar a casa de seus pais senão em fim o sahir d'ella. Sua mãi não tinha ido fóra como julgava, por molestia, mas como estava tudo ajustado, não se po-

dia differir a fugida para outro dia. Era chegada a hora de a fazer, e queria D. Marianna começal-a; mas a novidade da sege tinha inquietado de modo as criadas, que cheias de curiosidade andavam pelas janellas vendo se podiam atinar no que para alli estava. Assim, além de que se expôz a que ellas presenceassem o facto, não era livre a D. Marianna dar um passo sem que fosse sentida. Para as aquietar lhes perguntou se não faziam serão aquella noite [27]. Com este aviso se assentaram as criadas a trabalhar, e D. Marianna se viu desembaraçada para poder cometter a grande empreza da sua fuga. Como teve as criadas socegadas, e d'um certo modo prezas, começou de passear pela casa em que estavam todas, e em uma das voltas foi-se entranhando pelas outras casas dentro, e tomando o caminho da escada do quarto baixo. Chegando á porta despiu o donaire, abriu-a com a celebre chavinha, e foi descendo pela escada: senão quando uma criada que passava para a sua casa topou com o donaire, conhece-o; e, como era natural, estranhou a novidade. D. Marianna que a ouviu tornou a subir,

[27] Vida da Madre Marianna Josepha.

com arte disfarçou, attribuindo o socego a coisa diabolica; e dizendo á criada que lh'o vestisse, esta o fez, e continuou para onde ia, fóra de toda a suspeita. Não foi pequena tribulação para D. Marianna, e podia ser grande estorvo. Para se livrar de que outra vez tal succedesse, com o donaire vestido desceu a escada. Era esta de madeira, repartida em dois grandes lanços de caracol, e de todo desamparada de uma das bandas. Chegando a baixo entrou pelas casas; e depois de ter passado tres ou quatro, foi dar n'uma galeria em que estava tanto fato dos quartos de cama, que a tomava toda.

Por meio de todo elle foi demandar as janellas para sahir por alguma d'ellas. É muito para advertir que tudo isto fez D. Marianna áquella hora, não sómente desacompanhada, mas sem luz; ella que era tão timida, que muitas vezes cheia de pavor e medo acordava de noite chamando pela criada, que sempre dormia junto á sua cama, e nem de dia se atrevia a estar só um instante. Foi D. Marianna apalpando todas as janellas, e todas achou pregadas.

Não ha com que se exprima a mortal agonia em que entrou vendo assim malogrados os seus projectos, e o grande trabalho e perigo com que

alli tinha chegado. Considerava-se perdida. Havia tanto tempo que se retirara do sitio onde sempre costumava estar, que sem duvida seria já descoberta a sua falta.

De poder fugir estava desesperada: e que desculpa teria que dar de ter alli vindo? Em tamanha afflicção, advertiu que ainda havia para diante outra casa, e poderia ser que os postigos d'ella estivessem despregados. Como ultimo remedio, mas esperançado n'elle, procurou a porta que ia para a dita casa; porem achou-a fechada. Em fim não havia para que appellar senão para a misericordia e providencia do Senhor. Cheia de amargura a ella recorreu, pedindo-lhe anciosamente soccorro n'aquella afflicção e perigo em que se via por seu amor. Lembra-lhe de repente que ouvira dizer que n'aquella porta servia a chave d'outra do mesmo quarto baixo; mas a quem o ouvisse não consta, e pessoas de casa asseveram nunca tal se saber. Como poude foi buscar a chave, e com effeito viu, que servia, e abriu a porta.

Contente com o bom resultado foi examinar as janellas, mas tambem as foi achando pregadas; até que em fim encontrou n'uma um pequeno postigo despregado. Cheia de alvoroço despiu o

donaire, e abriu o postigo para por elle se deitar. Mas em tudo devia D. Marianna encontrar grandes difficuldades que vencer. Ao abrir o postigo, eis que acha um cavalleiro montado n'um manhoso cavallo, que tendo-se pegado mesmo junto da janella, não era possivel nem abalal-o para diante. Fazia o cavalleiro quanta diligencia podia; bramia horrorosamente o bruto de raiva, e á força do castigo, mas d'ali não havia passar. Ao embaraço que isto fazia ao postigo, acrescia o grande medo que D. Marianna concebeu do raivoso animal, além de ter no cavalleiro uma testemunha que a veria fugir d'aquella maneira. Como D. Marianna tinha atropellado com a divina ajuda não menores estorvos, confiadamente recorreu ao Senhor; mas tão afflicta como se pode suppôr. O bom Deus que lhe mandava todas estas tribulações para a provar, e encher de muitos merecimentos, veio em seu adjutorio, e emfim, foi o cavallo por diante deixando o logar desimpedido.

Tanto que D. Marianna viu desembaraçada a passagem, assim vestida como estava com aquellas compridas roupas, as quaes então mais vulto faziam por serem de lãa, e com uma grande cauda, porque andava n'aquelle tempo de lucto

pela condessa de Villar Maior, sua irmã, que de pouco tinha fallecido, e sobre ellas posta uma capa de inverno, como então era, assim mesmo se deitou pelo mui pequeno postigo para a rua, que era uma viva calçada, da qual ficava a janella em altura quasi de sete palmos, e n'ella se achou sem lesão alguma, nem molestia. Posta assim na rua, correu para a sege, mas para podermos dar todo o valor á grandissima tribulação, que n'este passo encontrou, e que a nosso juizo foi maior que quantas o Senhor lhe semeou n'este caminho, é necessario advertirmos que tinha lembrado a D. Marianna que o escripto em que se avisava da vinda da sege podia ter-se perdido, e ser achado por alguem, que, aproveitando-se da noticia e usando de todos os signaes e senhas, a viesse aleivosamente roubar. Não só veiu a D. Marianna este pensamento, mas com tanta força lhe inquietou a imaginação, e de tal modo a sobresaltou, que não poude socegar em quanto o não communicou ao seu confessor, o padre Paulo Amaro, com quem n'aquella tarde pela ultima vez se confessara, como preparação para a fugida. Segurou-lhe o padre Paulo que tudo se tinha feito com a maior cautella, e que descançasse que o Senhor

não consentiria que ella corresse perigo algum, e que n'esta confiança fosse sem receio.

Quando D. Marianna se encaminhou para a sege, não deixou de a assaltar o mesmo pensamento; mas resistindo-lhe foi por diante. Apenas porém tinha chegado á sege, quando vê sahir d'ella um galhardo mancebo e mui bisarro, convidando-a a entrar para dentro. Considere cada um que afflicção e que amargura não seria a de D. Marianna vendo-se fugida, de noite, no meio d'uma rua, cahida nas mãos de um homem moço; em fim vendo que se verificava a desventura que tanto temia. Não temos nós com que a expliquemos; e parece-nos que o não acabar ella alli á violencia d'um tão grande contraste, foi porque o Senhor, que lh'o enviara, tambem lhe deu fortaleza para o comportar. Assentou comsigo D. Marianna, e disse em seu coração que de todo estava perdida, e ao mancebo respondeu que de modo nenhum entrava. Então percebeu elle o susto e engano de D. Marianna, e lhe tornou que subisse á sege sem temor, que n'ella estava sua mãe, e elle viera para a acompanhar a cavallo. Não foi isto bastante para a socegar; e querendo mais seguras provas, perguntou quem os mandava alli? E como lhe respondesse a mãe

que vinham por ordem do Padre Prior dos Remedios, não duvidou mais, e logo se metteu na sege. Tinha-se pedido esta ao conde d'Alvor, o qual para que mais prompta fosse a fugida, posto que não sabia de quem, lhe fez atrelar dois fogosos urcos das cavallariças d'El-Rei. Lucas Antonio montou-se n'um bom cavallo, armado de pistolas, prompto para qualquer caso que sobreviesse. Mal tinha D. Marianna entrado na sege quando logo partiu, e com tal pressa e tal desacordo, pois outra cousa não lembrava senão fugir, que nem fecharam o sacco d'ella.

Corriam os cavallos a toda a brida, e assim em breve chegaram a Carnide. Acabava então a priora do convento, que era religiosa de muito juizo e prudencia, de propôr D. Marianna a votos de Communidade; porque como tudo se ajustou fazer-se, e com effeito se fez, com a maior cautella e segredo, não quiz a priora dar occasião nenhuma a que transluzisse a novidade, e podesse vir á noticia dos parentes, por isso guardou para aquella ultima hora esta diligencia. Chegada que foi ao convento logo recebeu o santo habito das mãos do padre prior dos Remedios, que era fr. Gregorio de Santo Alberto, por especial commissão que para isso tinha do seu

provincial o padre fr. Pedro de S. Bernardo, e foi isto pouco depois das oito horas da noite do dia 15 de janeiro de 1728.»

E era na realidade mui vulgar a fuga das donzellas para os mosteiros. Mas não eram estes n'aquelles tempos tão sómente casa de oração e de penitencia. Eram tambem casa de vicio, casa de torpezas, casa de devassidão. Algumas freiras havia que se entregavam á vida mystica e penitente, porém muitas preferiam os conventos, só porque n'elles tinham incomparavelmente mais liberdade do que em casa de seus paes.

VII

N'uma obra franceza intitulada: *Memoires instructifs pour un voyageur*, impressa em Amsterdam, no anno de 1738, conta-se uma partida engraçada que as freiras d'um convento fizeram ao celebre corregedor de D. João V o *Bacalhau*.

Tinha este com penas rigorosas obstado a alguns desaforos que se praticavam nos conventos, e certas freiras fizeram com que passasse certo dia fóra de horas pela porta do seu convento, um senhor que tinha fama de ser muito galanteador, e desappareceu, sem que se podesse conhecer para que lado se tinha retirado. Bacalhau, a quem tinham advertido, estava á esprei-

ta, e julgou surprehender o sujeito, a quem seguia de longe. Entrou no convento com seus satellites, e foi logo direito ao parlatorio, onde viu um homem que estava apertando a mão a uma freira. Transportado de jubilo por ir fazer uma tal prisão, elle proprio lançou a mão ao pescoço do culpado, dando-lhe voz de preso da parte de el-rei. A freira pareceu assustada, e ao fugir empurrou o preso para cima do Bacalhau, o qual n'um instante se achou coberto de sangue e outras coisas não muito bem cheirosas: o supposto criminoso não passava de um boneco representando um homem, que de proposito alli tinham posto, para mangarem com o corregedor. [28]

Bacalhau enfurecido com a affronta que lhe tinham feito, fez amargas queixas a D. João V, o qual riu ás gargalhadas: consolou-o, porém, com uma quantia de dinheiro, e com a dignidade de desembargador. Foi assistir ao seu exame para tal fim, e estava continuamente a fazer-lhe elogios, embora o rei estivesse bem longe de ser um douto jurisconsulto.

Fr. Pedro de Sousa, da casa de Minas, mon-

[28] Parece que este facto se passou no convento de Santa Joanna, em Lisboa.

ge no Brazil, matou o prior, porque lhe chamou *malcreado* no capitulo. Fugiu para Allemanha, onde militou 22 annos, e por fim o Papa perdoou-lhe.

Julga-se que o bispo do Grão Pará, fr. João de S. José Queiroz fôra um padre virtuoso, mas por fim acabou fóra do bispado, perseguido por uns padres ebrios, e pelo vigario geral Mathias da Silva Gaio que tinha casado com duas mulheres.

A proposito d'este bispo lembra-nos que elle nas suas *Memorias*, dadas á luz em 1868 no Porto, com annotações do nosso grande romancista e antiquario Camillo Castello Branco, nos conta que era então moda embriagarem-se as senhoras.

E nos conventos de freiras o que succedia? Commungavam diariamente, mas isso não obstava aos odios e rancores que umas tinham ás outras, por causas insignificantes! Que não fariam mulheres sem a minima instrucção, algumas das quaes nem sequer sabendo assignar o seu nome?

No emtanto diz-nos o auctor da *Vida da Madre Maria Perpetua da Luz*, do convento de Beja,

que ás vezes quando ia para o confessionario, caminhava adiante d'ella o Menino Jesus, representando um menino de 3 annos e levando a chave! [29]

Outra circumstancia não deve passar desapercebida do leitor. Em todos os livros que tratam das vidas de santos, representam sempre um papel muito importante as mulheres que vão distrair os servos do Senhor dos seus actos religiosos provocando-os a actos lascivos!

Conta-nos o Padre Manoel Velho nas suas «Cartas directivas e doutrinaes» (pag. 271): «Em certo convento se metteu á força, como é costume, uma d'estas mal procedidas: foi freira para adquirir a liberdade para o tracto, e continuou as dissoluções nos excessos de amante; fez para com Deus o de aborrecer o Senhor tão cegamente, que com odio á Divina Magestade aborrecia o titulo de esposa de Christo, que nem era, nem merecia ser. Pela morte de algumas pessoas que temia, pôz em pratica annullar a profissão: conseguiu o depois de desacreditar o convento por varios modos: fez demanda ao convento pelo

[29] Na sua vida, já citada, pag. 178.

dote, dando mil pezares ás freiras. Viveu dissoluta, e acabou sem esperanças de arrependimento e penitencia, miseravelmente.»

O que é verdade, é que aquelles tempos corriam melhores para os pobres e para os indigentes do que os actuaes. Hoje, as instituições de caridade dão-lhes um albergue, e um passadio regular, mas não lhes dão liberdade; n'aquelles tempos os pobres não morriam á fome, e gozavam alguma cousa no mundo. Logo de madrugada se abriam as egrejas para as missas das almas. Os templos estavam apinhados de povo desde o romper da alva até á uma ou duas horas da tarde, e os fieis em geral distribuiam esmolas pelos pobres. Estes conciliavam o util com o agradavel. Recebiam o obulo para o sustento, e ouviam musica e cantoria nos *duzentos* templos que então possuia a capital d'este paiz!

As prédicas eram incessantes, e as procissões até de noite se faziam. Além d'isto havia todos os dias o caldeirão para a pobreza, e os conventos distribuiam um grande numero de esmolas, e sustentavam nas casas d'ellas um grande numero de familias honestas, mas que em virtude das vicissitudes humanas tinham cahido na pobreza.

E por isso não é muito provavel que o grande Luiz de Camões vivesse n'uma pobreza tão grande como se suppõe, quando elle, nos frades do convento de S. Domingos de Lisboa, com os quaes estava relacionado, poderia achar lenitivo ou remedio para essa pobreza tão apregoada, mas não provada sufficientemente. Além d'isso a fidalguia portugueza por aquelle tempo era extraordinariamente esmoler e caritativa, como ainda hoje o é.

Em summa, o pobre, ao mesmo tempo que das pessoas caritativas recebia o sustento, recreava-se, já nas festas diarias e nocturnas, já nos arraiaes, já nas procissões, já vendo a queima do Judas em sabbado d'alleluia, já assistindo ás magestosissimas profissões nos conventos de frades e de freiras, já *contemplando* os autos de fé, já... vendo quasi diariamente o padecente caminhar para o patibulo, já no Alto de Santa Catharina presenceando a entrada das nossas esquadras comboyando as naus dos quintos, já percorrendo até alta noite as ruas com o fim de vêr as procissões de penitencia, e principalmente a *dos nus* ou do ferrolho, e a dos fogareos: e vamos vêr o que elle contemplava quando dirigisse seus passos á Sé:

«Em todos os dias em que vinha Sua Eminencia com seu pomposo estado da sua grande e numerosa comitiva, o iam buscar os excellentissimos principaes e monsenhores á sua casa de paramentos, da qual o vinham conduzindo para a Igreja em procissão na fórma e maneira seguinte com pompa e magnificencia nunca vista, e nem ainda imaginada. [30] Principiava esta por dois meirinhos de capa e volta com varas brancas, um do padroado real, e outro geral do seu Patriarchado: o escrivão, que estava de semana na mesma fórma de capa e volta: seguia-se a familia de Sua Eminencia, que vinham a ser os 24 gentishomens, ou pagens, 12 do numero, e 12 supranumerarios com seus mantelões encarnados; a estes se seguiam os capellães do numero e supranumerarios tambem com mantelões encarnados, e com capellos de arminho branco forrados. Seguiam-se as jerarchias dos illustrissimos monsenhores, acolitos patriarchaes; e logo atraz d'elles os subdiaconos patriarchaes; seguiam-se as mitras levadas por dois capellães de

[30] Fernando Antonio da Costa de Barbosa: Elogio historico de D. Thomaz d'Almeida, primeiro patriarcha de Lisboa. Lisboa, 1754.

Sua Eminencia, e logo um monsenhor subdiacono, que levava a Cruz, e dois custodios com as insignias chamadas *Virga rubea*, que acompanham sempre a Cruz. Principiavam os 24 excellentissimos e reverendissimos principaes vestidos com habito coral de capas magnas, primeiro os diaconos, a quem se seguiam os presbyteros e ultimamente os principaes: é esta jerarchia de todas a mais pomposa, a cada um lhe levantava a cauda o seu caudatario com sua veste roxa com capuz, e adiante levavam o seu cortejo ou Estado de Côrte, que eram tres gentishomens, vestidos de preto á ecclesiastica, e um escudeiro de capa e volta: seguiam-se logo os nobres parentes de Sua Eminencia e um monsenhor assistente com o Baculo. Principiavam pelos lados de fóra os 12 masseiros de Sua Eminencia com suas vestes proprias, roxas, agaloadas de veludo da mesma côr, e quando Sua Eminencia celebrava, vinham com seus peitoraes de malha, e sempre com as massas no braço esquerdo, e n'ellas as armas de Sua Eminencia: juntamente logo Sua Eminencia de pluvial caudado como manto real, e dos lados os flabellos, e estes quando Sua Eminencia vinha debaixo de um preciosissimo palio, de que sustentavam as varas seus capel-

lães: no peito uma riquissima joia correspondente á celebridade do dia, para o que tantas eram estas, quantas eram as joias, que tinha, todas preciosissimas, e de inextimavel valor, acompanhado de dois excellentissimos e reverendissimos principaes diaconos assistentes aos lados, e dois illustrissimos monsenhores protonotarios pegando-lhe nas fimbrias da falda, e o parente mais proximo de Sua Eminencia de capa e volta pegando-lhe na cauda, e ao pé dois capellães mais antigos de Sua Eminencia, e entre elles o ministro da mitra. Na occasião, em que vinha S. M. abaixo, o acompanhava tambem a sua Côrte, a qual esperava Sua Eminencia á porta da Igreja, e alli lhe lançava agua benta, e a SS. AA. como seu capellão mór, e passando a sua Côrte para diante, se ia pôr em acompanhamento no seu logar respectivo, indo S. M. e Altezas apoz Sua Eminencia e ao entrar assim na capella do SS. Sacramento, como na capella mór, o recebia Sua Eminencia com os excellentissimos principaes, e mais jerarchias postos todos em pé, no plaino da quadratura nos seus logares até subirem S. M. e Altezas para o seu throno, e depois S. Eminencia, e ao subir para cima com o mesmo acompanhamento se despedia das Ma-

gestades no patamar da escada grande da casa de paramentos, e alli se apartavam, a quem fazia reverencia, das quaes recebia Sua Eminencia infinitas honras n'estas occasiões de espera, e despedida. Não só n'estas occasiões, mas tambem em outras mais, vinha a sua Relação e officiaes competentes a ella, e o acompanhavam na mesma procissão no seu logar respectivo. E por fim de tudo seguia-se a jerarchia dos illustrissimos monsenhores mitrados assistentes, e ultimamente os protonotarios. E vindo com todo este magnifico e pomposo acompanhamento, o estava esperando, com sua cruz alçada á porta do atrio da Igreja, a Basilica Patriarchal, que se compõe de meritissimos conegos, beneficiados, capellães, e cantores, de que ha n'estas tres jerarchias tambem infinito numero. Vinha Sua Eminencia deitando a sua benção a todos, e estava a guarda real em ala pelos lados. Assim que entrava na Igreja ouvia-se tocar varios instrumentos, timbales, e outros, que pela sua muita antiguidade se conservam, chamados *Menestrins*, a que o vulgo chama *Vacas;* e ao mesmo tempo o orgão e repiques dos sinos, que principiavam a tocar logo que apontava este dilatadissimo e magnifico acompanhamento, encaminhando-se para a capella do San-

tissimo, onde Sua Eminencia ia fazer oração no seu genuflexorio de veludo carmezim franjado de ouro: e feita esta, se encaminhavam para a capella mór até chegar Sua Eminencia a fazer segunda oração ao altar-mór em outro genuflexorio differente; e, emquanto fazia esta, vinha para o seu lado esquerdo o celebrante da missa, e lhe fazia reverencia, e com esta a principiava, e logo subia para o throno, onde recebia a obediencia dos excellentissimos e reverendissimos principaes com as suas capas magnas soltas, indo um e um pela sua ordem e jerarchia, chegavam a reverenciar a Sua Eminencia e a beijar-lhe a mão posta debaixo do avefligio do pluvial, e tornavam a vir para os seus logares, a quem Sua Eminencia recebia com tanto agrado e urbanidade, e no fim d'esta magnifica ceremonia chegava o primeiro presbytero, e lhe administrava a naveta, e Sua Eminencia lançava incenso no thuribulo, que servia para a missa da celebridade do dia.

«Não fallo aqui da magnificencia, rito e decencia, com que se fazem infinitas e innumeraveis ceremonias todos os dias, n'esta Igreja patriarchal e na Basilica, onde em uma e outra ha infinitos ministros e peritissimos mestres; de ma-

neira que em todo o mundo não ha mais pomposo nem sumptuoso apparato, com que se celebre o culto divino, como este que nós vêmos e admiram com um pasmoso extase todos os estrangeiros que veem á nossa côrte, não tanto pela conveniencia do commercio, quanto pela complacencia que esperam ter de lograr na terra o melhor traslado da celestial Jerusalem...»

Pelo que diz respeito á musica, tudo era grande. D. João V [31] mandou vir os melhores artistas italianos, que n'aquelle tempo eram os mais admiraveis cantores que havia, graças ás celebres escolas de canto fundadas por Porpera e por varios outros.

Os artistas italianos eram largamente retribuidos, e formavam em 1754 com os nacionaes um grupo de 130 cantores.

Depois d'este anno augmentou ainda consideravelmente o numero indicado pela entrada de outros artistas que tinham vindo posteriormente da Italia, e pelo augmento dos capellães cantores.

O pessoal da Igreja patriarchal subiu em 1747

---

31 Sr. Joaquim de Vasconcellos. Os Musicos portuguezes, vol. I. pag. 162.

ao numero de 444 pessoas, não incluindo o capellão mór. E para se fazer idéa do dispendio, bastará que digamos que do ordenado tinha cada um dos 24 principaes a quantia de 7 contos de réis!

Eis em que se consumiram esses milhões, essa incalculavel riqueza que o acaso deu a Portugal nos diamantes vindos do Brazil nas celebres naus dos quintos! O sr. Oliveira Martins diz-nos na sua «Historia de Portugal» [32]: «D. João V recebeu do Brazil 130 milhões de cruzados: 100:000 moedas d'ouro; 315 marcos de prata: 24:500 marcos d'ouro; 700 arrobas de ouro em pó: 392 oitavas de peso, e mais 40 milhões de cruzados de valor em diamantes. Além de tudo isto, o producto do imposto dos quintos e o monopolio do pau do Brazil rendiam annualmente para o thesouro cerca de milhão e meio de cruzados. Pois esta massa quasi incalculavel de riqueza não bastou para encher a voragem do luxo e da devoção do espaventoso e beato monarcha. O inglez sentava-se com elle á mesa e applaudia os desperdicios; porque todo o ouro do Brazil passava

[32] Vol. II. pag. 122.

apenas por Portugal, indo fundear em Inglaterra, em pagamento da farinha e dos generos fabris, com que ella nos alimentava e nos vestia. Por isso nem todo o ouro do Brazil chegou; a divida nacional cresceu; e se Lisboa quiz deixar de morrer á sede, teve de pagar com um imposto especial a construcção do seu aqueducto.

Os dinheiros do Brazil tinham outro e melhor destino. Iam para Roma custear o preço de concessões valiosas. Era a elevação da capella do rei a patriarchado: eram as insistencias (sem resultado) para que se definisse o dogma da immaculada Conceição de Maria: era a licença para os padres dizerem tres missas em dia de finados: eram os lausperennes, as reliquias, as canonisações, as indulgencias.

D. João V não regateava o preço das cousas, imaginando espantar o mundo com o modo perdulario com que dissipava. Mais de duzentos milhões de cruzados foram para Roma: não tem conta o que deu pelo reino ás egrejas, aos conventos de frades e freiras; e na sua furia de ser o esmoler-mór do catholicismo, lembrava-se de todos, ia derramar por toda a parte o ouro do Brazil: Santo Antão de Benavente, S. Francisco

de Badajoz, a capella dos portuguezes de Londres, o presepe de Belem na Palestina, os templos de Jerusalem, para não fallar nos de Roma. Alexandre de Gusmão, attonito, apertava a cabeça com ambas as mãos exclamando: «a fradaria absorve-nos, a fradaria suga tudo, a fradaria arruina-nos!»

E no emtanto com tal riqueza o exercito portuguez nada lucrou; pois desde 1715 cahiu no mais deploravel abandono, porque, pacifico e devoto, aquelle rei pouco se importou com as cousas dá guerra, chegando o exercito permanente a não passar de 8 ou 10 mil homens, mal armados, mal equipados e sem instrucção, conservando-se n'este estado, durante o resto do seu reinado. E só no seguinte se cuidou seriamente das cousas da guerra. [33]

E que pomposa não era a procissão de Corpus Christi! Viu-se jámais n'outra qualquer tanto luxo e tanta grandeza! «A festa do Corpo de Deus em Lisboa é uma solemnidade desconhecida em qualquer outro paiz. É uma theoria pagã: é uma ceremonia fabulosa:

[33] Sr. Simão José da Luz Soriano: Historia da Guerra Civil em Portugal, vol I, pag. 179.

é phantastica de riqueza e de maravilhas!» [34]

Assim exclamava a duqueza d'Abrantes em tempo d'el-rei D. João VI. Mas que diria ella se a visse no reinado de D. João V! E entretanto não era só esta a unica procissão de luxo, ellas eram quasi diarias.

E que festas as dos patriarchas nos seus conventos! Em summa, o povo indigente ia pedindo sua esmola, recebia-a, e ia gosando, e não perderia occasião para se deliciar com a anedocta escandalosa do dia, repetida de bocca em bocca. A historia, por exemplo, das troças que os fidalgos tinham feito na antecedente noite: e das pessoas que tinham ficado feridas ou assassinadas pelos embuçados. Como o conde de Tarouca tinha roubado uma rapariga, e esta depois fugiu com o padre Soares. Como o conde de Valladares disfarçado com manto e touca ia fallar todas as noites com a creada do convento de Santa Clara... Mas a verdade é esta: são falsas as santidades apregoadas dos tempos antigos, e a nossa epocha não é tão immoral como o foi a de D. João V.

---

[34] Souvenirs d'une ambassade, en France et Portugal, de 1808 a 1811, pela Duqueza de Abrantes.

VIII

Que direi eu da devoção n'aquelle tempo a Santo Antonio, o casamenteiro das raparigas por excellencia; assim como S. Gonçalo d'Amarante o era das velhas. Pois el-rei D. Affonso VI assentou-lhe praça de soldado! A um frade! A um theologo! A um varão verdadeiramente evangelico! [35]

Ribeiro Guimarães no vol. III do *Summario de Varia Historia* bastante diz ácerca de Santo Antonio. Havia o Santo Antonio *Brigão:* o Santo Antonio da *Mouraria:* o Santo Antonio do *Rato*,

---

[35] Sketches of Society and manners in Portugal in a series of letters. London, 2 vol. A primeira carta é datada de 1778.

no convento da Madre de Deus,[36] e por isso tão sómente accrescentarei o que nos diz o viajante inglez Costigan ácerca do Santo Antonio *Militar*, n'uma obra actualmente não muito vulgar em Portugal.

Apparece n'esta obra o seguinte attestado: D. Hercules Antonio Carlos Luiz Joseph Maria de Albuquerque e Araujo de Magalhães Homem, moço fidalgo de S. M., cavalleiro da sagrada ordem de S. João de Jerusalem, e da illustrissima ordem militar de Christo, senhor do districto e villas de Moncarapacho e Ferragudo, alcaide mór hereditario da cidade de Faro, e major do regimento de infanteria da cidade de Lagos n'este reino do Algarve por S. M. F. a quem Deus guarde por longos annos.

«Attesto e certifico a quantos virem estas presentes, escriptas por minha ordem, e selladas no fim com meu sello manual, com o grande sello de minhas armas, rubricado pela minha dita assignatura, e um pouco á esquerda d'ella que o Senhor Santo Antonio, por outro nome o grande

[36] Fr. Jeronymo de Belem: Chronica, vol. III, pag. 45 e no supplemento, pag. 87.

Santo Antonio de Lisboa (commum e falsamente chamado de Padua) foi alistado e teve praça n'este regimento, sempre desde 24 de janeiro do anno de N. S. J. C. 1668, como se evidenciará mais particularmente abaixo: attesto mais que os 59 inclusos certificados, contando desde o n.º 1 até 59 com a firma do meu nome posta junto de cada um, conteem e comprehendem uma verdadeira e fiel relação dos milagres e outros serviços eminentes que o referido Santo Antonio tem em epochas differentes feito e praticado n'este regimento, pelo motivo de ter praça n'elle, dos quaes, além d'outras muitas incontestáveis evidencias, eu sou confirmado por ter conversado com muitas das pessoas agora vivas que receberam estes serviços do dito Santo: Pelo que duvidar da verdade d'estes milagres é um atroz crime contra o Espirito Santo, bem como o duvidar de qualquer dos dogmas da Nossa Santa Fé, ou dos milagres do proprio Christo, cujas evidencias não são tão fortes e convincentes, como estas no presente caso diante de nós, e pelas quaes as proprias palavras de nosso bemdito Salvador são cumpridas, quando disse a seus discipulos: = Depois de mim virá quem ha de fazer obras maiores que aquellas, que eu tenho feito—

a qual prophecia claramente diz respeito ao nosso grande Santo Antonio. «Certifico outro sim pela minha palavra de honra, como nobre e como cavalleiro, e christão catholico (como sou pela graça de Deus) o que abaixo segue: «Que tendo lido e observado attentamente todos os papeis de notas, livros e registros de nosso regimento, desde o principio de sua instituição e tendo cuidadosamente copiado dos referidos papeis todas as cousas relativas ao acima mencionado Santo Antonio, é de verbo ad verbum como se segue aqui: para cuja veracidade me reporto aos ditos livros e papeis guardados nos archivos de nosso regimento:

«Que a 24 de janeiro de 1668, por ordem de S. M. D. Pedro II (que Deus tem na gloria) então principe regente do reino de Portugal, dirigida ao vice-rei d'este reino do Algarve, foi Santo Antonio alistado como soldado raso n'este regimento de infanteria de Lagos, logo no principio que se formou, por ordem do mesmo principe; e de tal entrada no serviço militar se formou um registro, que na actualidade existe no primeiro volume do livro de registros do regimento, folhas 149 v., e onde deu por fiador a Rainha dos Anjos, que se tornou responsavel em

como não havia de desertar do seu regimento, mas pelo contrario se conservaria sempre como um bom soldado junto das suas bandeiras; e assim o Santo continuou a servir, e a fazer serviço na qualidade de soldado raso no regimento até 12 de setembro de 1683, no qual dia o mesmo principe regente foi elevado a rei de Portugal, pelo fallecimento de seu irmão D. Affonso VI; e n'esse mesmo dia S. M. promoveu Santo Antonio ao posto de capitão no regimento, por se ter pouco antes posto corajosamente á frente d'um destacamento do regimento, que estava marchando de Jorumenha para a guarnição de Olivença, ambas na provincia do Alemtejo, e posto em fuga um forte corpo de castelhanos, em numero quatro vezes maior do que a gente do referido destacamento, o qual corpo tinha sido posto em emboscada contra o destacamento, com a intenção de o levar todo prisioneiro para Badajoz, tendo o inimigo por meio de espiões obtido esclarecimentos a respeito da sua marcha.

«Outro sim certifico que em todos os papeis e registros acima mencionados não existe alguma nota relativa a Santo Antonio, de mau comportamento ou irregularidade praticada por elle: nem de ter sido em tempo algum açoutado, pre-

so, ou de qualquer modo punido durante o tempo, que serviu como soldado raso no regimento: Que durante todo o tempo, em que tem sido capitão, vae quasi para cem annos, constantemente cumpriu seu dever com o maior prazer á frente de sua companhia, em todas as occasiões, em paz e em guerra, e tal que tem sido visto por seus soldados vezes sem numero, como elles todos estão promptos para testemunhar: e em tudo o mais tem-se comportado sempre como fidalgo e official: e por todos estes motivos acima referidos considero-o muito digno e merecedor do posto de major aggregado ao nosso regimento, e de quaesquer outras honras, graças ou favores que approuver a S. M. conferir-lhe. Em testemunho do que assignei meu nome, hoje 25 de março do anno de N. S. J. C. 1777.

MAGALHÃES HOMEM.

O mesmo Costigan continúa na sua Carta: «Sabe-se muito bem que não se encontra nos paizes catholicos, especialmente na Hespanha e em Portugal, uma provincia, cidade, freguezia ou mesmo individuo que não tenha como tutelar

seu Santo ou Anjo, a quem se recommenda a si e a seus negocios. Por conseguinte não ha um regimento n'este paiz, que se não tenha posto ha muito debaixo da protecção d'algum santo particular, segundo lhe dicta sua devoção ou affeição; e um d'elles tomou Santo Antonio de Lisboa por seu patrono ou protector, o qual pouco depois recebeu o posto de capitão do mesmo regimento, e soldo regular d'ahi por diante, o qual, bem como dois vintens pagos regularmente por cada pessoa do mesmo corpo, se empregam n'um determinado numero de missas pelas almas d'aquelles que morrem, em fazer a festa ao Santo, em sustentar os capellães, em enfeitar a capella, e em fazer varios encargos eventuaes debaixo da inspecção d'um official do regimento nomeado para esse fim. Este encargo de superintendencia de Santo Antonio foi desempenhado por um major do dito regimento, fidalgo e estupido, por muitos annos, com grande zelo e devoção, e nunca depois cessou de importunar a côrte com memoriaes e certificados de serviços a favor de Santo Antonio, com o fim de ser promovido ao posto de major adjunto ao regimento.

Entre os milagres mencionados nos referidos certificados havia os seguintes: Ter restituido á

mulher do major um cão de regaço, muito estimado, que lhe tinham furtado, e ao qual tinha perdido as esperanças de tornar a vêr outra vez, até que seu padre director a aconselhou a importunar Santo Antonio, o que ella apenas fizera por dois dias, lhe levaram o cãosinho. Ter salvado tambem um pobre soldado que o invocou estando a ponto de afogar-se ao passar um profundo rio, atirando-lhe milagrosamente com uma corda. Ter um outro escapado das bexigas, agradecendo a Santo Antonio, e isto depois de ter o estertor na garganta, e de ter sido abandonado pelo cirurgião do regimento. Finalmente uma outra certidão assevera que estando um tambor do regimento, chamado João Ivo Alegre, na cama com sua mulher e um filhinho dormindo no meio d'elles, quando se levantou de manhã, encontrou uma grande cobra (a qual se introduzira por debaixo da porta da sua barraca) na cama com estes, mamando no peito de sua mulher, em quanto ella estava profundamente adormecida, com a cauda na bocca do menino, que a estava chupando com muito contentamento. Á vista d'um caso tão extraordinario o tambor immediatamente invocou Santo Antonio, que lhe inspirou presença de espirito e valor suffi-

cientes para agarrar ao mesmo tempo pela cabeça e cauda da serpente, agora empanturrada com a grande quantidade de leite que tinha mamado, e pondo cada um de seus pés por cima d'estas partes, segurou-a para lhe não fazer algum mal, em quanto com sua faca de matto, que estava á cabeceira da cama, cortou a cabeça do animal, e fel-a em bocados, como para se prevenir que lhe causasse mal.

D'esta fórma o homem, a mulher e o menino tiveram uma salvação miraculosa!» [37]

---

[37] Costigan ainda nos diz mais alguma coisa: «D. João V gastou seu tempo na companhia ou de padres, ou de mulheres. Na velhice, para se tornar mais proprio para a companhia d'estas, fazia uso das cantharidas, cujos effeitos o debilitaram a ponto que o puzeram n'uma continua desordem.»

«Os frades em vez de reprimirem o progresso do vicio nas familias, nas quaes são recebidos, ou com as quaes estão relacionados, servem de alcoviteiros ao grande vicio da nação!»

A duqueza de Abrantes diz-nos na obra *Souvenirs d'une ambassade* que os assassinos encontravam-se nas egrejas. Era aqui o seu ponto de reunião, e a ellas se encaminhavam aquelles que pretendiam mandar dar meia duzia de punhaladas n'um inimigo.

Tanto o livro de Costigan, como o da Duqueza de Abrantes são interessantissimos. Na nossa obra *Portugal e os Estrangeiros*, publicada em 1879, encontrará o leitor os trechos mais salientes d'ambas essas obras, traduzidos em portuguez. Recommendamos-lhe essa leitura.

VIII

Já se vê, que este estado de cousas devia retardar ou afugentar o progresso intellectual. Não se raciocinava, não se pensava, não se discorria, como já disse, não se olhava para o futuro, não se tratava de sahir do estado de incrivel embrutecimento em que se achava o paiz. O homem estava reduzido a um automato, o qual gyrava ou se movia tão sómente na direcção que seus donos queriam. E para isto contribuiam d'um modo extraordinario os empecilhos e difficuldades que se punham á publicação d'um livro. Em primeiro logar um grande numero de pessoas tinham de examinar o manuscripto para se dar licença para a impressão. Depois de impresso ti-

nha o livro de ser conferido com o original, e depois ainda era a auctoridade, e não o auctor, quem lhe marcava o preço. O auctor tinha ainda de fazer um protesto, quando sua obra era poetica, em como não acreditava nos deuses da fabula, e que Jupiter, Venus, Cupido e Saturno não passavam de diabos.

Um frade carmelita por nome D. Antonio de Escobar, compozera uma «Vida do condestavel D. Nuno Alvares Pereira». Mandara o manuscripto para os censores, mas hoje morria um, amanhã adoecia outro, ás vezes um dos censores, frade em geral, passava para outro convento, e tambem acontecera que algum d'elles fôra elevado á dignidade de bispo. Seguiu-se d'aqui que o trabalho de Escobar passára durante longos annos por muitas mãos, e alguem, tendo tirado uma copia do manuscripto, a remetteu para Hespanha, vertida na lingua hespanhola, e a obra foi publicada em Saragoça, attribuida a outro auctor. Felizmente Escobar possuia provas bastantes para corroborar as asserções de que a «Vida do Condestavel» era trabalho seu.

Note-se o titulo extravagante do seguinte livro: «Instantes do heroe subtil e marianno, precursor da mais celestial aurora, trovão da sua primeira

graça, raio da sua primeira gloria, luz da sua primeira duvida, o veneravel João Duns Escoto, traduzida do hespanhol, por fr. Francisco do Rosario, prégador e indigno filho da Santa Provincia dos Algarves, Lisboa, 1744. 8.º pequeno com 119 paginas sómente.

Vamos agora vêr as datas das licenças: Licença da Ordem 5 de agosto de 1741. Licença da Commissão Geral da Ordem dos Menores, 21 de julho de 1741. Licença do Santo Officio, 25 de agosto de 1741. Licença do Ordinario, 28 de novembro de 1741. Licença do Paço, 7 de dezembro de 1741. Licença para a impressão, 11 de dezembro do mesmo anno. Certidão de que a obra impressa está conforme com o original, 27 de junho de 1744. Licença para poder correr, 3 de julho de 1744. Certidão de D. José Barbosa de como a obra impressa está conforme com o original, 4 de julho de 1744. Outra licença para poder correr: tem a mesma data. Taxa do livro em 60 réis, e para não poder ser vendido por maior preço, 10 de julho de 1744. Tres annos perdidos em formalidades!

Note-se tambem o titulo da seguinte obra:— Amores do Amado, Epitome selecto das Escrituras nas excellencias, grandezas e irregulari-

dades do Querubim de Deus, Benjamin de Christo, Apice dos Prophetas, Timbre dos Apostolos, Aguia dos Evangelistas, Martyr sem morte, Mestre dos doutores, Virgem sem macula, Secretario do Verbo Eterno, e Thesouro dos maiores segredos, e sempre venerado, e nunca bem conhecido, ainda que entre os mais mimosos S. João Evangelista. Por fr. Manoel Evangelista, dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra, Lisboa 1754. Pois o auctor diz-nos ter por verosimil a opinião d'aquelles que dizem achar-se ainda S. João Evangelista no Paraizo Terreal!

Caso porém notabilissimo, apesar de tantas virtudes apregoadas e de tanto beaterio: são os reinados de D. João V e D. Maria I aquelles em que foram mais numerosos os desacatos, embora tão rigorosamente punidos. E o leitor que veja:

Desacatos

1708.—25 de maio.—Na freguezia de Santa Martha de Alcanões, termo de Santarem.

1715.—9 de abril.—Collegio dos Padres da Companhia em Setubal.

1727.—22 de dezembro.—Monforte, na egreja de N. S. da Graça.

1730.—8 de junho.—Coimbra.
1736.—10 de abril.—Na aldeia de Mezio, na Igreja de S. Miguel, termo de Lamego.
1740.—16 de dezembro.—S. Thiago, concelho de Penafiel.
1745.—29 de maio.—Igreja de S. Salvador, concelho de Riba Tamega. [38]
1779.—14 de maio.—Igreja de S. João Baptista de Palmella.
1780.—20 de maio.—Igreja de N. S. do Cabo, termo de Cezimbra.
1797.—18 de julho.—Esgueira. [39]

Veja-se ainda o seguinte titulo, e passemos a outro assumpto: «Zodiaco soberano que entre dois cometas da vida humana contém brilhantes astros em discursos tropologicos, encomiasticos e exegeticos para os doze mezes do anno, quaresma e advento: ideados nas divinas letras, exornados de varias allegorias, exquisitos problemas,

[38] O reinado de D. João V terminou em 1750. O de D. Maria I começou em 1777. O intervallo entre estes dois é o reinado de D. José: repare-se para estas datas, e para as datas da lista.

[39] Fr. Claudio da Conceição: Memoria dos escravos do SS. Sacramento do Convento da Mealhada. Lisboa. 1827.

mysteriosos hieroglyphicos, philosophicas sentenças e humanidades celestes, com um astrolabio sacro-rhetorico, omnimoda instrucção de prégadores, na qual como em planispherio mathematico estão recopilados todos os preceitos da rhetorica sagrada, breve extracto de quanto o evangelico orador deve saber, compendiado dos maiores oradores gregos e latinos, sagrados e profanos». 2 tomos. Salamanca, 1726 e 1734.

A que espantoso embrutecimento tinha chegado o paiz! Os fogos fatuos dos cemiterios eram considerados como signaes prodigiosos e significativos de que os cadaveres alli enterrados eram de predestinados que já estavam gozando da visão beatifica; e a electricidade era o Corpo Santo, isto é—S. Pedro Gonçalves Telmo.

As cruzes na terra em Barcellos eram um milagre que o Senhor fazia annualmente. As pedras variegadas que se encontram na praia de Santos em a nossa capital, considerava-se um milagre que todos os annos recordava a effusão de sangue dos santos martyres protectores de Lisboa—Verissimo, Maximo e Julia. As pedras vertiam sangue amiudadamente por causa de qualquer scena lamentavel. E o santo milagre de Santarem attrahia annualmente áquella povoação cen-

tenares de devotos n'uma epocha em que a viagem era bem penosa, mas soffrivelmente remunerada porque se visitava o sitio em que está o tumulo de Santa Iria, fabricado por mãos de anjos no fundo do Tejo, e se visitava em S. Domingos o tumulo do grande feiticeiro e magico S. Fr. Gil.

Os accidentes, convulsões e doenças nervosas eram tidos por obras diabolicas, e contra ellas havia os exorcismos acompanhados de chibatadas.

O architecto que fez a Torre dos Clerigos no Porto, n'ella pôz na ultima varanda da torre, ao lado do sul, uma imagem de Santa Barbara, advogada contra as trovoadas, feita de pedra toscamente lavrada, e esculpiu em latim, na frente que olha para o oceano, a oração de N. Senhora ou Magnificat, que ainda se lê perfeita e distinctamente. Diz o chronista franciscano fr. Fernando da Soledade, a pag. 1114 do vol. V da Chronica Seraphica: «Que quando em 1707 um grande fogo destruiu o templo de S. Francisco em Lisboa, fôra o demonio que dirigia e applicava a actividade para acabar de destruir este grande templo, mas que no antecôro não pudera o diabo fazer das suas, porque certo religioso para alli atirou um Agnus Dei.»

Os medicos eram taes que d'elles dizia o bispo

do Grão Pará nas suas *Memorias* já citadas: Julgo ser melhor curar-se a gente com um tapuia do sertão, que observa a natureza com mais desembaraçado instincto.» [40]

Contra a mordedura dos cães damnados o remedio mais geralmente applicado era uma peregrinação a Santa Quiteria de Meca.

Fragmentos de pedra d'ara serviam para despertar os amores, e tornal-os fogosos e permanentes. E até mesmo tinham virtude os tijolos e azulejos arrancados das egrejas.

Portugal foi talvez em todas as epochas o paiz mais dado ao mysticismo, e ainda o é: se quereis provas ide a Braga e ás provincias do norte, ou então reparae tão sómente no que se passa em Lisboa. Ide ao Conventinho, ide a Campolide, ide a S. Luiz rei de França, ide á egreja da Graça, ide ás Brigidas do Mocambo, ide ás Trinas, ide á capella da Senhora de Lourdes pertencente á condessa de Camaride. Ide mais longe, ide a S. José de Bemfica, ide á casa dos jesuitas em Setubal. Ora, se as cousas ainda hoje assim estão, depois da revolução franceza, depois da extincção dos frades em Portugal, e de-

[40] MEMORIAS, pag. 10.

pois dos quasi incriveis progressos das sciencias naturaes n'estes ultimos annos, como não estariam ellas nos tempos anteriores aos do grande marquez de Pombal?

Havia por aquelles tempos muitos frades, (e fr. Antonio das Chagas foi um d'elles) dos quaes se fallava com grande respeito e admiração por causa das artimanhas que tinham empregado para fazerem fugir muitas filhas de casa de seus paes para os conventos. Velhacadas taes eram havidas como grandes serviços prestados á religião, para maior gloria de Deus.

Portugal era, repito, por excellencia o paiz do mysticismo, dos biocos e das visagens, o que não obstou tambem a que fosse a patria da auctora das «Cartas da Religiosa portugueza»! A madre Francisca do Livramento, já citada varias vezes n'este livro, assignava-se do seguinte modo: — *A nada, a menos que cousa nenhuma* [41], e nas horas vagas fazia biscoutos, e preparava panellas de caldo doce e cuscus para offerecer ao padre guardião.

Um grande numero de freiras nem sequer sabiam assignar seu nome. Houve uma ou outra,

---

[41] VIDA, pag. 52.

é verdade, que escreveu algum livro, mas os assumptos eram sempre mysticos. De todas a mais fallada foi Soror Violante do Ceu, mas de suas «Obras poeticas» dizia D. Francisco Manoel de Mello «que eram cousa escusada n'este mundo.» [42]

Na epocha d'el-rei D. João V quasi que em nada mais se pensava senão em cousas relativas á Egreja. Os frades franciscanos tinham deixado o seu antiquissimo convento de S. Francisco de Orgens, e tinham-se passado para um que de novo haviam mandado fazer na cidade de Vizeu. O convento d'Orgens ia cahindo em ruinas, e já uma parte tivera de ser apeiado. O coração porém d'um abbade de Povolide não teve animo para ver a ruina d'um convento que datava do seculo XV. Cheio de abnegação o referido abbade Manoel Ferreira offereceu por uma só vez 5 mil cruzados, e além d'isto 40 mil reis annualmente para a fabrica da capella mór.

Os frades franciscanos de Vizeu passam-lhe

[42] *Cartas* do Cavalleiro d'Oliveira — Carta ao dr. Felix José da Costa.

então um padrão encomiastico e laudativo, em abril de 1743, no qual declarando esperarem d'elle ainda outras mercês, accrescentam: «Que o fazem participante não só na vida, mas para sempre, de todos os sacrificios, officios divinos, inspirações, orações, missões, peregrinações, abstinencias, observancias, jejuns, disciplinas, e de todas as mais obras meritorias, que com a Divina Graça se fizerem até ao fim do mundo pelos religiosos d'esta Provincia; e outro sim queremos e determinamos que, quando Deus fôr servido levar a V. M. d'esta vida mortal para a eterna, em gratificação da nossa divida, cada um dos sacerdotes d'esta Provincia offereça pela sua alma 8 missas, cada um dos coristas 8 officios de defuntos de 9 lições, e cada um dos religiosos leigos 800 padre-nossos e ave-marias, e em todos, e em cada um dos conventos se lhe cantará uma missa com um officio de defuntos, e em 8 dias continuos se lhe resará em plena communidade um responso... Finalmente com especial goso recebemos a V. M. por padroeiro e particular protector do sobredito convento e capella mór, como consta da authentica escriptura que do tal padroado fez a V. M. em nome da Sé Apostolica o nosso Syndico, pelo qual se concede a V.

M. *in solidum* e a seus successores, que possuirem o sobredito padroado, todas as regalias e preeminencias a elle annexas, com poder de mandarem fazer seus jazigos, carneiros, e sepulturas na dita capella mór, abrir no alto, ou frontespicio d'ella as suas armas, e seus timbres, e logrando em todo o convento as mais regalias, que pelas Bullas Pontificias, declarações apostolicas, leis geraes de toda a ordem Serafica e municipaes d'esta Provincia são concedidas aos padroeiros dos conventos, tendo assento na capella mór, como padroeiro d'ella, e logrando em todos os actos de communidade, assim no côro, como nas procissões e refeitorio do sobredito convento, o primeiro e mais honorifico logar, tendo V. M. sómente, em quanto fôr vivo [43] uma cella prompta e preparada, e commoda para dois creados, quando no dito convento quizer assistir em companhia dos seus muito amantes, agradecidos, reverentes e obrigados religiosos. 28 de abril de 1743.»

Eram pomposas e dispendiosas as festas feitas a S. Bento pela condessa das Galveias no con-

[43] Fr. Pedro de Jesus Maria: Chronica da Conceição, vol. I. Lisboa, 1754.

vento das religiosas Bernardas do Mocambo [44]; magestosas as celebradas na Graça em honra de Santa Rita, na Esperança em louvor do Espirito Santo: e bem fallados eram ainda em 1850 os oiteiros ou abbadessados de Santa Clara do Porto, aonde Camillo Castello Branco e João Augusto Novaes Vieira iam fazer poesias. Os oiteiros celebravam-se com extraordinaria pompa; poetas, musica, doces, licores, vinhos e animação não faltavam. E a par d'isto vêmos o grande Bartholomeu de Gusmão obrigado a fugir de Portugal para escapar ás garras do Santo Officio! Felizmente um grande numero de estrangeiros vão dando o seu a seu dono e reconhecem o nosso illustre compatriota, como auctor das machinas aerostaticas. [45]

Luiz Antonio Verney no seu *Verdadeiro Methodo d'estudar*, impresso em Barcelona, e nos opusculos que posteriormente publicou, tratava de chamar as attenções para o estado deploravel em que a instrucção, e as intelligencias se achavam em Portugal. Mas que podia elle fazer n'um paiz em que as cousas da religião absor-

---

[44] Fr. Marcellino da Ascenção Vida do glorioso S. Bento. Lisboa, 1737.

[45] Por exemplo: F. Marion: Les Ballons. Paris. 1881.

viam todas as attenções? Verdade é que aqui até os soldados eram santos. Santa Thereza de Jesus assevera que todos os portuguezes que morreram na batalha d'Alcacer Quibir foram para o céo, sem terem de passar pelas penas do purgatorio! E o auctor das «Memorias de D. Sebastião» não se esqueceu de transcrever esta passagem na sua obra.

Quem ha que não saiba que no principio do seculo actual era ainda incrivel o numero dos sebastianistas n'este paiz! Quem ha que desconheça a lucta acirrada travada entre o padre José Agostinho de Macedo e os vassalos do rei encuberto! Quantos folhetos escriptos pro e contra! Quão volumosa a collecção das prophecias ácerca da vinda d'el-rei D. Sebastião! E isto depois das reformas do grande marquez, e depois de tantos progressos intellectuaes que o paiz tinha feito!

Pode-se dizer que as prophecias da Madre Leocadia, do pretinho do Japão, a Vida do sapateiro Simão Gomes, o Lunario Perpetuo, as historias e comedias de cordel, sermões, novenas e vidas de santos, conjunctamente com as historias de Bertholdo, Bertholdinho e Cacasseno eram a leitura quasi exclusiva das pessoas d'aquelle tempo!

Em uma das suas cartas a D. Luiz da Cunha, conta o grande diplomata Alexandre de Gusmão, que tendo ido fallar a D. João V ácerca de um negocio importante, teve que esperar por muito tempo, porque el-rei achava-se entretido a conversar com um andador a respeito de quanto rendiam por anno as esmolas que os devotos deitavam na bandeja para a missa das almas!

Como admirarmo-nos então de que as cruzes de S. Lazaro, pregadas nas portas, fossem tidas como um especifico contra a invasão do mal de pelle, a romaria a Santa Quiteria de Mecca e a Santa Auta da Madre de Deus remedio efficaz contra a mordedura dos bichos damnados, e de que o ministro inglez lord Tirawley exclamasse: Que se pode esperar d'um paiz em que parte dos habitantes estão á espera do Messias, e parte á espera de D. Sebastião!

Quem deixaria então de trazer o rosario ao pescoço na parte exterior, e os bentinhos na parte interior! Quem deixaria de usar da agua de Santo Alberto, e de levar sua cartinha de namoro, para ser bem succedido nos seus amores, ao painel de Santo Antonio na egreja d'esta invocação perto da Sé de Lisboa!

E que chusma, por toda a parte, de frades, pa-

dres, freiras, conegos, sachristas, andadores, campainhas, monges, donatos, farricôcos, leigos, irmãos dos terços, juizes da vintena, pedintes, terceiros de S. Francisco e de S. Domingos. Um exercito, mas um exercito formidavel que por toda a parte havia de guerrear quaesquer reformas!

E que divisões e subdivisões de frades! Franciscanos da Conceição, Franciscanos da Arrabida, Franciscanos capuchos, Franciscanos de Santo Antonio, Franciscanos da Soledade, Franciscanos da Piedade, Dominicanos, Trinos, Bentos, Bernardos, Carmelitas, Brunos ou Barbadinhos, Agostinhos descalços, Agostinhos calçados, familiares do Santo Officio, Irmãos da Boa Morte, Agonisantes, Irmãos do Terço, Conegos Regrantes, Seringas, Bôrras! Outro formidavel exercito contra as reformas (não fallando dos jesuitas, os mais poderosos de todos) exercito que lhes tinha declarado guerra de morte!

E as servas do Senhor? As santas freiras de Odivellas, com os seus magestosos habitos; as riquissimas freiras de Lorvão, as santas freiras do Louriçal, e as tão falladas de Cellas, que mimoseavam as visitas com os afamados pastellinhos de manjar branco; as dominicanas, as ber-

nardas, as grillas, as commendadeiras fidalgas da Encarnação e de Santos com suas roçagantes capas. Terceiro exercito em campo contra os reformadores, e talvez mais temivel que os dois primeiros para aquelles que sabem como sãó as cousas do mundo, e quão poderosa é a fragilidade apparente da mulher.

N'aquelles tempos até os vassallos queriam que os reis fossem santos. Simão Pacheco Varella escreveu um estiradissimo livro intitulado: *Numero Vocal*, só para que el-rei D. João V tomasse a S. João Baptista para seu modelo. [46]

Que direi eu das novenas, jaculatorias, livros devotos, e do requinte das expressões amorosas e dos requebros com que se dirigiam á Virgem!

As damas do paço não tinham vontade propria no tocante ao matrimonio. Seus paes em geral lhes escolhiam o marido. Mas muitas vezes era a propria rainha a que tractava de taes negocios. A rainha D. Catharina, mulher d'el-rei D. João III, foi quem deu marido a D. Violante de Noronha, fundadora do convento do Calvario em Alcantara, onde hoje se acha a Escola Normal do Sexo Feminino, e de quem mais ao deante trataremos.

[46] Lisboa, 1702.

IX

As utilidades das plantas estudavam-se então na obra de João Vigier, impressa em Lyon, com o titulo de «Historia das plantas da Europa», 1718. N'esta obra se vê que as virtudes do joio são as seguintes: Resolve, alimpa, embebeda, faz dormir, perturba os espiritos: o remedio é o vinagre, e é nociva á vista: a farinha misturada com vinagre e enxofre cura as impigens, a sarna e canceira, tambem resolve as alporcas. Cosida em vinho com esterco de pombo e semente de linhaça faz rebentar as apostemas rebeldes; feita em pessarios faz purgar a madre de suas superfluidades facilitando a conceição.»

Fallando da consolida diz: «Bebida em pó

abstrahe o sangue extravasado das veias, é boa para todas as quebraduras internas, seu sumo é admiravel contra todas as chagas da bocca e das gengivas, testiculos e partes pudendas de um e outro sexo: emfim, tem tantas virtudes que dizem que com esta planta se póde passar sem cirurgiões.» [47]

Quem poderia então prever em Portugal a apparição d'um João de Loureiro que veiu honrar o paiz com a sua «Flora da Cochinchina», obra reimpressa na Allemanha: d'um abbade Corrêa da Serra que foi achar seu retrato nos Estados Unidos entre os retratos dos mais celebres botanicos: e d'um Brotero que se correspondia com os primeiros homens de sciencia da Europa!

«Quem quizer um remedio efficaz para almorreimas, cursos de sangue, e dôr de cadeiras, sem prejuizo da sua saude, vá fallar com Manoel Correia, ferrador ás portas de Santo Antão, que dirá onde se vende.»

É o sr. C. Castello Branco quem nos dá noticia d'este annuncio no seu prefacio ao poema—*Os Ratos da Inquisição,* pag. 25.

---

[47] Vol. II, pag. 476.

Em 1713 publicava-se em Lisboa a *Pharmacopea Bateana* traduzida do latim por D. Caetano de Santo Antonio, conego regular de Santo Agostinho, da Congregação de Santa Cruz de Coimbra, Boticario do Real Mosteiro de S. Vicente de Fóra da cidade de Lisboa.

Vejamos duas receitas d'este livro: «Pós de bythargirio de ouro 4 onças, vinagre bom onças 8, dirija-se por tres dias movendo a materia muitas vezes e se filtre. — Serve para curar a vermelhidão da cara, bostellas, etc.» [48].

«Bagas de Alkegenges frescas, onças 6; pisadas se lhe lance soro uma libra e meia, esprema-se o sumo, e se clarifique com clara d'ovo, depois se

[48] No anno de 1670 publicou fr. Antonio Teixeira, mestre e padre da provincia da Ordem da Santissima Trindade e Redempção de Captivos — um livro ao qual deu o titulo de *Epitome das Noticias Astrologicas para a Medicina.* N'elle nos diz seu autor que «Os astrologos em razão das muitas experiencias que fizeram a respeito dos sinistros influxos do sol, vieram a tomar d'elle maior indicação das doenças chronicas, assim como nas doenças agudas se toma do movimento.»

Dois annos antes tinha publicado tambem um outro frade da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo, uma obra á qual poz o titulo de *Correcção de abusos introduzidos contra o verdadeiro methodo da Medicina.* Uma parte importante d'este livro é destinada para provar «que convem as sangrias dos pés primeiro que dos braços, nas enfermidades que accommettem a cabeça.»

lhe deitem bagas frescas de Alkegenges inteiras, e se cosa em fogo brando com 3 oitavas de noz moscada. Trochiscos de Gordonio duas oitavas, raiz de cardo corredor feito branco primeiro ao fogo onças duas, cosa-se tudo até se fazer tenro, cosidas as bagas e tiradas depois, o licor com outro tanto assucar se coserá até ter consistencia de xarope, no qual se lançarão as bagas do Alkegenges, que é um contraveneno. Serve para todos os ataques dos rins, etc.» [49]

Como se vê, n'estas receitas nada ha de aproveitavel. A medicina estava atrazada em toda a parte, porém em Portugal muitissimo mais do que em qualquer outro paiz. Ainda hoje o povo portuguez consulta charlatães e curandeiros que nenhuns conhecimentos possuem aproveitaveis, mas que curam a *espinhella cahida*. É publico quão grande é ainda o numero de charlatães, de bru-

[49] Na obra de João Curvo Semmedo intitulada *Observações medicas doutrinaes*, impressa em Lisboa no anno de 1741, encontra-se a seguinte noticia: LINGUAS DE S. PAULO E SUAS VIRTUDES: Estas pedras que verdadeiramente tem o feitio de uma lingua de passaro, e são pardas de côr de azeitonas de Elvas, acham-se nas terras de Malta, e tem grande virtude contra as febres malignas, e quaesquer outras, porque feitas em pó subtilissimo, mitigam muito o demasiado calor das febres, aliviam as areias, e algu-

xas, e de mulheres de virtude nas provincias do norte e até mesmo em Lisboa!

No tempo, porém, de D. João V era incomparavelmente peior. Tudo entregavam á mercé de Deus, e que se fizesse sua divina vontade. Verdade era que n'aquelle tempo o Menino Jesus, a Virgem, os bemaventurados e os anjos vinham continuamente á terra. Eis mais um exemplo: Mandou um dia a prelada do convento do Salvador da cidade

---

mas vezes provocam suor; attribuem-lhe muitas pessoas grande virtude contra o veneno, porque consta de algumas experiencias, que dando-se veneno em certa iguaria de que comeram quatro pessoas, estiveram todas quasi mortas, e accudindo-lhes com o pó d'estas pedras, escaparam: o que eu posso certificar como testemunha de vista, é, que estando uma mulher ungida por occasião de uma febre malignissima, tão visinha da morte e tão desacordada que deitando-se-lhe ventosas sarjadas com golpes bem profundos, não as sentia: n'este aperto lhe dei o meu cordeal a que ajuntei o pó de duas linguas d'estas, que lhe mandei de minha casa, e no mesmo dia escapou da morte.

«Esta mulher estava em casa de seu cunhado Manoel Pereira, morador á Boa Vista, junto ao pateo das Gallegas. Estas pedras se acham tambem na mesma praia, redondas, do tamanho dos grãos de bico de Portugal, estas são pretas como são as pedras da cobra de Dio, e tem a mesma virtude que as de Dio, porque postas sobre a mordedura de qualquer bicho venenoso chupam em si o veneno: chamam-se estas taes pedras «olho de vibora». (pag. 30) *Memorial de varios simplices.*

de Evora [50] que a missa conventual se resasse, cousa que em outras occasiões poderia ser de menos reparo, que n'este dia, por ser o oitavo da festa de S. Francisco. Estariam talvez as religiosas atarefadas em outras cousas que as impedissem de cantar a missa: entraram n'este tempo algumas religiosas para o côro e acharam n'elle a Esposa do Senhor, que estava absorta em um notavel extasi; não lhes causou o successo particular reparo, porque era isto já tão costumado em a veneravel soror Marianna, que por ser succedido mui a miude, era menos a admiração, devendo ser maior. Porém notaram todas as que alli se achavam, que quando o sacerdote sahiu da sachristia para o altar, estando a serva de Deus na mesma suspensão de sentidos sem que tornasse a entrar em seu natural acordo, exclamou e disse em voz perceptivel: *Anjo de Deus, vêde o que fazeis.* E quem duvida que teriam as religiosas por novidade mysteriosa isto que ouviram? Pois é certo não costumava a veneravel Madre n'aquellas occasiões dizer coisa alguma.

---

[50] «Desposorios do espirito celebrados entre o Divino Amante e sua Amada Esposa soror Maria do Rosario, religiosa de véo branco no convento do Salvador da cidade de Evora.»

«Até aqui foi o que succedeu exteriormente: digamos agora o melhor d'este successo, que foi o que a veneravel soror Marianna interiormente passou. Ao tempo que o sacerdote sahiu a dizer missa, viu ella no meio do côro um anjo tocando harpa, e admirada de tão celeste formosura e da suavissima harmonia com que tocava aquelle sonoro instrumento, rompeu nas referidas palavras: *Anjo de Deus, vêde o que fazeis!* Viu logo coros de anjos nos logares das freiras, que com vozes do céo e consonancias que bem mostravam ser da gloria, começaram a cantar no côro o Introito, e foram continuando os mais passos que se costumam cantar na missa »

Certa occasião uns homens desconhecidos foram bater á portaria do mosteiro do Salvador em Lisboa, dizendo serem musicos, e que alli iam tocar e cantar n'uma festa, com a qual tinham sonhado. Tal festa não havia, mas as freiras pensam que seriam talvez anjos alli mandados por Deus mysteriosamente, e preparam tudo para uma festividade. No fim os musicos desapparecem sem esperar por paga. As freiras exclamam—milagre! E eis porque no Salvador de Lisboa a festividade de Corpus Christi precedia a todas que d'este genero se celebravam na capital. E

quão deslumbrantes eram aqui as festas do Menino Jesus que crescia!

Sem duvida que para um tal estado dos cerebros incandescentes devia contribuir muito a completa continencia que alguns individuos guardavam, e a horrorosa descripção que os livros mysticos faziam das penas dos infernos, descripção ainda hoje capaz de fazer enlouquecer aquellas pessoas que se entregavam continuamente a pensar em taes assumptos, como aconteceu á rainha D. Maria I.

Não fallando dos *Ultimos Novissimos* do P. Manoel Bernardes, obra que bastaria para dar a immortalidade a este grande escriptor mystico, andava nas mãos de todos o *Desengano dos Peccadores*, dedicado a D. Manoel, infante de Portugal, escripto pelo P. Alexandre Perier, da Companhia de Jesus, e accrescentado com uma addição de um *caso horrivel* na terceira impressão por Lourenço Morganti. [51]

[51] Eis, como curiosidade, um trecho d'essa obra: Nunca cuidei que o fedor do Inferno fosse tormento tão insoffrivel, que bem considerado, se não vence a qualquer das penas, que hão de soffrer os mais sentidos, pelo menos não cede, nem é menor d'aquellas que mais se podem excogitar. E se um só fedor, que é intenso, não ha quem o possa supportar por muito tempo, quem du-

E são realmente horrorosas aquellas estampas de diabos cornudos mordendo nos corpos humanos como uns desesperados, e aquellas descripções, capazes até de fulminarem com a morte instantanea as almas timoratas e crentes!

---

vida que, se os fedores forem muitos, e todos unidos no mesmo logar, e com a mesma intensidade, não sejam capases de tirar milhares de vidas no primeiro instante! Será logo o fedor do inferno intensissimo e totalmente intoleravel por tres razões. A primeira em razão do logar e do sitio; a segunda em razão da quantidade innumeravel dos corpos dos condemnados; a terceira em razão da continuada assistencia dos demonios. No tocante ao logar, diz o doutor Angelico Santo Thomaz, que, depois de estar a terra bem purgada pela violencia e actividade do fogo do ultimo dia do juizo; depois de reduzida em cinza esta universal machina do Orbe; depois de estar purificado o mundo de todas as immundicies dos peccados; todas as fezes, que restarem, ajuntadas entre si irão por canos subterraneos a sepultarem-se na intoleravel sentina do Inferno. Mas o alcatrão, o enxofre, o breu, e outras materias betuminosas, que servem de alimento áquelle fogo, accrescentarão e levantarão em grau mais subido este mau cheiro. E, se o ar, por puro que seja, fechado por muitos annos em qualquer morada, se corrompe de qualidade que fica insupportavel e pestilente, julguemos agora que taes ficarão os ares do Inferno fechados, ha tantos seculos, em um hediondo reducto de tantas immundicies, sem nunca ter por onde exhalar ou purgar-se. Que peste refinada não causará! E quem haverá que imagine o que poderá soffrer! quando aqui n'este mundo o fumo de uma candeia mal apagada, que lá no Inferno pareceria um cheiro mui suave, se rende ao nosso olfato tão molesto, como se fosse um fedor insupportavel! (pag. 82).

As confissões egualmente deviam propagar a crença de taes castigos e penas. Oh! Ácerca das confissões poder-se-hiam encher volumes. Mas foram ellas um dos mais possantes meios de que o clero podia lançar mão para enraizar o seu poderio. As confissões podem encaminhar as ovelhas perdidas para o redil. As confissões podem desencaminhar a solteira e a casada. Tudo isso depende do modo de proceder do sacerdote no acto da confissão. Mas darei eu credito a tudo, menos a que a donzella ficasse tão innocente como estava anteriormente, se os confessores cumprissem á risca os preceitos que se encontram no livro *Compendium totius Tractatus de Sancto Matrimonio*, impresso em Lisboa no anno de 1621, ou no livro intitulado *Aphorismi Confessàriorum* do nosso jesuita Manoel de Sá, impresso em Antuerpia no anno de 1614. Os theologos parece que se deleitavam escrevendo ácerca de certos assumptos. Pois até o P. Sebastião d'Azevedo, auctor do «Céo Mystico á gloriosissima Senhora Sant'Anna, Mãe da Mãe de Deus», nos diz d'um modo positivo que «o appetite carnal estava morto em seus paes.» E que o «juntarem-se seus paes para a gerarem foi porque os moveu o amor de Deus, e não porque os incitasse algum carnal appetite, antes o obra-

ram contra a sua vontade, e d'este modo com o puro motivo do amor de Deus foi por elles gerada.» [52] Parece que as cogitações dos theologos cheios de respeito nem sequer deviam pensar em pontos taes, e tratarem só d'outros assumptos, que lhes não faltavam elles.

Na Italia parece que as cousas corriam pouco mais ou menos como em Portugal. Lady Morgan na sua obra tão celebre, a *Italia* (vol I. pag. 351) diz-nos: Que na Lombardia a maior parte dos nobres já entrados na edade, tanto d'um como do outro sexo, pertenciam a irmandades ou confrarias religiosas, e que a *das damas de Biscotini* era uma das de mais voga. Era uma associação de senhoras, que baseavam suas esperanças de salvação de suas almas na distribuição de bolos e percorriam as casas dos pobres com cabazes cheios de biscoitos e bolinhos, aos quaes os distribuiam, e ao mesmo tempo faziam praticas religiosas! Era então director d'esta associação de damas o P. Vecchi, que Lady Morgan diz ser divertido. Os capellães d'esta associação fidalga penteavam os cãesinhos de regaço, e

[52] Lisboa, 1725, pag. 107 e 108.

acompanhavam as damas á missa e ás vesperas. E por estes tempos em Portugal havia quem pagasse annualmente a Santo Aleixo uma pensão de 50 réis para nos defender contra os persevejos, e outra tambem de 50 réis a S. Bento para nos livrar do usagre!

É porém certo que alguns dos proprios padres não estavam contentes com os estudos de Portugal n'aquelles tempos. O padre fr. Manoel de Santo Ambrosio auctor da «Vida de D. Fr. Ignacio de S. Caetano, confessor da rainha D. Maria I», escreve a pag. 28: «É como todos sabem, a philosophia Aristotelica (que n'esse tempo se estudava), bastantemente escabrosa: parece que as subtilezas e passagens inintelligiveis são a alma que a anima, ao menos não falta quem diga que é esse o fim a que se propunha seu auctor.» Muitos, ainda mesmo dos que se tinham por Corifeos, e a ensinavam, talvez que nem entendessem o que diziam. [53]

[53] Lisboa, 1791.

X

Todavia, depois das reformas litterarias do Marquez de Pombal já os espiritos tinham voado mais alto, já se raciocinava mais correctamente, e a obra do P. Theodoro d'Almeida—a *Recreação Philosophica*—foi digna da acceitação que teve em 1793.

E com effeito Sebastião José de Carvalho e Mello, debellados e prostrados seus inimigos, em nada pensou tanto como na restauração das lettras, na mudança do systema do ensino, na escolha de excellentes professores, mandando-os vir do estrangeiro, quando em Portugal os não houvesse. Em 1759 cria a Aula do Commercio n'um paiz em que até os guarda-livros eram es-

trangeiros. Estabelece 440 aulas de instrucção primaria, 15 nas ilhas e 24 no ultramar. [54]

Pouco será isto para as idéas de nossos dias, mas para as d'aquelles tempos era immenso, era inaudito.

Creou uma aula de navegação, estabeleceu o Collegio dos Nobres, excellente instituição entregue a mestres excellentes. N'elle estabeleceu o ensino das linguas latina, grega, franceza, italiana, e ingleza, rhetorica, poetica, logica, historia, arithmetica, geometria, trigonometria, theoremas d'Archimedes, seis primeiros livros d'Euclides, algebra, optica, principios d'astronomia, geographia, nautica, architectura civil e militar, desenho, physica, equitação, esgrima e dança.

O professor de rhetorica devia apresentar aos discipulos um resumo historico critico das differentes seitas philosophicas.

O de historia tinha obrigação de dar idéa geral da chronologia, da geographia, da historia antiga e moderna, principalmente da portugueza, principios e progressos das artes. Recommendava

[54] Emquanto ao Ultramar o numero d'ellas talvez não seja ainda hoje muito maior.

finalmente aos professores das linguas vivas: «Que o ensino tivesse o mais possivel um caracter pratico, dispensando uma multidão de preceitos inuteis, a que ordinariamente se soccorria n'esse ensino.»

E apesar d'estas recommendações do grande marquez, os alumnos dos nossos actuaes lyceus, de lá sahem, passados dois annos de estudo, não sabendo dizer uma palavra nem de francez nem de inglez! Por ironia dizemos hoje — francez e inglez de lyceu!

Não ficam ainda só n'isto as reformas. Estabelece uma aula de artilheria em S. Julião da Barra, cria bibliothecas militares em todas as guarnições, estabelece uma aula de cirurgia no Hospital de Todos os Santos, funda a Impressão Regia, cria uma aula de pharmacia e um dispensatorio pharmaceutico junto da universidade de Coimbra, e reforma esta mesma universidade, a qual, passado um seculo, celebra o primeiro centenario d'estas reformas, exaltando e engrandecendo a memoria do marquez, como era de justiça.

Com a apparição do marquez tudo mudou. Suas reformas eram sempre salutares, e não ephemeras, mas seculares. E eis o que diz um

lente da universidade: [55] «Começou então uma nova era para o movimento intellectual da nação. Abriram-se escolas de sciencias naturaes, cousa quasi desconhecida entre nós; permittiu-se o livre exame: facultou-se ampla discussão sobre materias litterarias e scientificas; e o pensamento poude, por este modo, exercer a sua actividade em todos os ramos do saber humano. A fortificar o espirito nas lides da sciencia accudiu a mocidade estudiosa. Seguiu-se o labutar na instrucção e desenvolvimento progressivo das ideas que prepararam a liberdade e os beneficios da civilisação, de que nós, a geração presente, gosamos.»

Effectivamente assim é: «Tudo quanto depois do governo do grande Pombal fomos e somos, ao grande marquez o devemos.»

Já no anno de 1783 e seguintes são vulgares as observações astronomicas em Portugal, feitas até mesmo por padres. [56] E, se a nossa Academia

---

[55] Sr. Bernardo Antonio Serra Mirabeau. Memoria historica e commemorativa da Faculdade de Medicina. Coimbra.

[56] P.e D. Joaquim da Assumpção: Observações astronomicas no Real Collegio de Mafra, no anno de 1785, 1786, etc.

Real das Sciencias, apesar de pertencer ao numero das mais modernas, pelas obras dos seus socios de prompto se elevou ao numero das mais distinctas, a elle o deve.

Ás reformas do marquez devem sua gloria a Academia e seus socios Monteiro da Rocha, Garção Stockler, Caetano do Amaral, Soares Barbosa, Gomes de Villas Boas, [57] Bonifacio d'Andrade, Dantas Pereira e tantos outros!

Ah! Quanto não podia eu dizer ácerca da celebre Arcadia! Como seus poetas são ainda hoje o orgulho da nossa litteratura!

Ao marquez de Pombal se deve a regeneração de um paiz inteiro, immerso no mais profundo embrutecimento intellectual de que ha memoria nos annaes de qualquer povo civilisado.

É, não ha duvida, o marquez arguido de excessivamente rigoroso nas suas punições. Foi bem rigoroso, não ha duvida, mas já um estrangeiro distincto (o conde da Carnota nas suas «Memorias do Marquez de Pombal») provou «que os castigos nos paizes estrangeiros durante a admi-

---

[57] Custodio Gomes de Villas Boas: Observações astronomicas feitas em 1790, etc.

nistração do marquez, ainda eram mais atrozes do que em Portugal.

Além do que um tal rigor era cruel sim, mas indispensavel. O marquez só tinha pelo seu lado D. José, e gloria seja a este monarcha: o paiz inteiro era contra o marquez, a quem por vezes tinham tentado tirar a vida. Pombal n'um paiz de fanaticos ou de santos,[58] como quizerem, só podia ser obedecido empregando o terror.

Finalmente, se as lettras e as artes encontraram—como é forçoso confessar e como ao deante demonstrarei—um protector em D. João V, as sciencias não tiveram egual fortuna durante esse reinado. Essa gloria estava reservada para o grande marquez de Pombal. E sua protecção e serviços foram taes que, pretendendo o governo portuguez em 1835, fazer uma d'aquellas *reformas* tão vulgares em Portugal, os lentes das fa-

[58] É grande o numero dos santos portuguezes: Infante S. Fernando, Santa Isabel, e Santa Joanna, filha de D. Affonso V, etc. Alguns d'elles foram acabar seus dias em paizes estrangeiros, como Santo Antonio, S. João de Deus, Pedro Neagles, conhecido na Italia, e do qual ha uma «Vida» impressa, o beato Amadeu, tambem muito conhecido na Italia, uma Margarida de quem nos falla fr. Luiz de Sousa na «Vida do Arcebispo». Muitos santos vieram de fóra e residiram em Portugal como S. Francisco Xavier, S. Pedro d'Alcantara, etc.

culdades de Theologia, Canones, Leis, Medicina, Mathematica e de Philosophia da universidade de Coimbra [59] ergueram sua voz, e bradaram pedindo: «Que se mandasse suspender a execução de quaesquer reformas legislativas da universidade, por isso que os seus estatutos eram um padrão da sabedoria e gloria nacional, que ainda hoje merece veneração no seio da Europa culta.»

[59] Diario do governo, de 1 de dezembro de 1835, n.º 283, pag. 1162.

XI

A liberalidade de D. João V para com a Sé Patriarchal, já em 1710 começára a patentear-se, com umas tendencias que tocavam quasi as raias da loucura.

No 1.º de março do referido anno erigiu por constituição do pontifice Clemente XI a sua real capella em insigne collegiada, com o titulo de S. Thomé Apostolo, e condecorada com grandes prerogativas, instituindo lhe 6 dignidades, 18 conegos, 12 beneficiados, além de outros ministros subordinados ao capellão mór [60], como seu pro-

---

[60] Fr. Claudio da Conceição: Gabinete Historico, vol. X. pag. 137.

prio ordinario, e lhes estabeleceu para congrua e sustentação 12:550$560 réis, de fórma que ao deão competia 400$000 réis, a cada uma das dignidades 300$000 réis, a cada um dos 18 conegos 300$000 réis, a cada um dos doze beneficiados 150$000 réis e a cada um dos mansionarios 80$000 réis; assim tomaram posse a 16 de maio de 1710.

«Constituida a insigne collegiada de S. Thomé, passou el-rei a condecorar os seus ministros com um habito coral distincto do antigo, ordenando que os conegos podessem trazer sobre o roquete capa magna roxa com capello forrado de pelles brancas de arminho em tempo de inverno, isto é, — desde vespera de todos os Santos até sabbado de Alleluia; e no verão usariam das mesmas capas forradas de seda encarnada: e os beneficiados trariam tambem capa roxa com capello forrado de pelles cinzentas, no tempo do inverno, e no verão andariam com a mesma capa, e capello forrado de seda roxa, accrescentando mais a cada conego 100$000 réis, e a cada um dos beneficiados 50$000 réis.»

Mas tudo isto é nada comparado com o que el-rei fez a favor da Patriarchal. E ouçamos o P. João Baptista de Castro no seu excellente *Map-*

pa de Portugal [61]: «Toda esta abundancia de graças e honras, com que o magnanimo rei D. João V engrandeceu a sua real capella, ainda se não proporcionava com o dilatado do seu pio e regio coração, e assim obtendo da Santidade de Clemente XI a *Bullà Aurea*, que começa: *In supremo Apostolatus solio*, expedida em 7 de novembro de 1716, fez exaltar a sua insigne collegiada em cathedral metropolitana e patriarchal com a invocação de Nossa Senhora da Assumpção, dividindo para este effeito esta cidade e seu arcebispado em duas partes, estabelecendo na parte occidental um patriarcha, a quem uniu a dignidade de capellão-mór com distincta jurisdicção da metropolitana, o qual como patriarcha ficou superior a todos os arcebispos, e bispos do reino, e ainda ao de Braga.

Para maior decoro e magnificencia da sua dignidade lhe alcançou a regalia de andar vestido em habito purpureo á maneira do arcebispo Salisburgense, primaz da Allemanha, e outros tantos privilegios e proeminencias, unindo-lhe tambem as honras e tratamento de cardeal, que lhe mandou dar por decreto de 17 de fevereiro de

[61] Vol. III. pag. 183. Lisboa. 1763.

1717. E por que esta honra cardinalicia lhe fosse propria e fixa, fez com que o papa Clemente XII não só o elevasse áquella dignidade, como elevou por bulla de 27 de dezembro de 1737, que começa *Inter præcipuas Apostolici ministerii;* mas pela mesma estabeleceu para sempre que a pessoa que fosse preconisada patriarcha de Lisboa, fosse logo creada cardeal no consistorio immediatamente seguinte.

Para tal fim consignou do patrimonio real e do rendimento das quintas das Minas-Geraes para sustentação magnifica do patriarcha e seus successores, em perpetua doação, todos os annos, 220 marcos d'ouro, e o grande rendimento da Leziria da Foz de Almonda, para que sem prejuizo dos pobres, podesse luzir com esplendor em tão alta dignidade. E proseguindo na ampliação da nova cathedral, creou nova dignidade e conegos para formarem um respeitoso cabido, enchendo-os de grandes auctoridades e honras, além das que o papa Clemente XI lhes outorgou pela constituição *Gregis Dominici*, de 3 de janeiro de 1718.

Continúa a exercitar novas grandezas que já pareciam impossiveis á imaginação, e sómente sondaveis e factiveis á dilatada esphera da sua

idéa. Tornou a unir as duas cidades em uma só, e por constituição do papa Benedicto XIV passada em 13 de dezembro de 1740, e que principia *Salvatoris nostri*, fez abrogar e extinguir a antiquissima Sé de Lisboa Oriental, incorporando e estabelecendo uma só igreja patriarchal com omnimoda jurisdicção metropolitana; e para que as suas dignidades se distinguissem mais especificamente, erigiu um excellentissimo collegio de 24 principaes com habito cardinalicio, e 72 prelados ou ministros de habito prelaticio, divididos em varias jerarchias, a saber—prelados presbyteros com insignias episcopaes, e exercicio de pontifical, protonotarios, subdiaconos e acolytos, 20 conegos, 12 beneficiados de 700$000 réis, 32 beneficiados, 32 clerigos beneficiados e outros mais ministros da egreja patriarchal.»

«O rei (diz o sr. Ribeiro Guimarães no *Summario*) doou ao patriarcha, além das rendas ecclesiasticas, outras muitas para a mantença de seu estado com lustre e grandeza. Quando ainda o patriarcha era bispo do Porto, deu-lhe D. João V 24 creados de sala, que se appellidavam da sua guarda, com vestidos de panno roxo, guarnecidos pelas costuras e agaloados de ricos passamanes de velludo lavrado carmesim, os quaes, quando o

patriarcha sahia de estado, levavam umas capas compridas do mesmo panno, abandadas e agaloadas de velludo carmesim, cabelleiras grandes, e voltas: tinha mais 24 creados das cavallariças, que tambem acompanhavam o estado, mas sem capas, vestidos do mesmo panno roxo, guarnecido e agaloado, e todos com meias encarnadas: e mais 2 creados chamados da Cruz, que acompanhavam o cruciferario, um a cada estribo da mulla branca, um estribeiro e um viador.

Tinha mais ao seu serviço 12 clerigos, que se appellidavam capellães, e 12 gentis-homens seculares, os quaes entravam de serviço ás semanas, e vestiam de seda roxa, loba e sotaina de mangas cahidas, e ainda havia mais 24 de ambas estas classes supra numerarios, os quaes só tinham obrigação de esperarem o patriarcha, ou na patriarchal, ou em qualquer outra parte, onde ia celebrar ou assistir ás funcções patriarchaes. E além d'este pessoal ainda tinha um secretario do expediente, um esmoler, e muitas mais pessoas do seu serviço.

Com estes familiares numerosos sahia do estado no seu coche riquissimo de velludo carmezim, agaloado de ouro por dentro, e tendo no tejadilho, na parte interna, o Espirito Santo, fa-

bricado de ouro, á imitação do que usa o papa.

Os cocheiros eram tambem como os do papa, vestidos com calções largos cobertos de ouro, vestias encarnadas todas tecidas de ouro, e por cima d'estas outras de mangas perdidas, com varios cachos de ouro pelos hombros, volta bordada, cabelleiras grandes, botas encarnadas, e as joelheiras cahidas com umas rendas finissimas; montados em sellas encarnadas, e os arreios da mesma côr e tecidos de ouro.

Seguia se a liteira do estado, tambem muito rica, e depois quatro coches conduzindo os seus familiares, puchados cada um d'elles por seis cavallos russos bem ajaezados, levados pela redea por outros tantos creados.

E n'um coche iam sempre n'estas occasiões quatro desembargadores da relação patriarchal.»

«E para que não só as obras, mas as vozes chegassem ao céo com pura e suave harmonia, sem mistura de symphonias profanas, (continua o P. João Baptista de Castro), mandou vir de varias provincias de Italia os melhores musicos com grossos estipendios, de que formou um côro especial e grave dos mais selectos cantores.

Fez tambem guarnecer a torre da egreja de muitos e harmoniosos sinos. Constava ella de

dois andares de sineiras: o primeiro tinha duas em cada lado, em que havia 8 sinos; no segundo andar havia quatro sineiras; porém o sino grande tomava todo o vão do meio, de sorte que se via por todas as quatro partes, e se sustinha em madeiras, que não tocavam nas paredes da torre. O primeiro sino pesa 800 arrobas, e toca nas festas de primeira classe e nas exequias das pessoas reaes, patriarchas, cardeaes e principaes: o segundo pesa 152 arrobas; toca nas de segunda classe e dobra aos fidalgos titulares, monsenhores e conegos; o terceiro tem 110 arrobas, e toca nas exequias dos beneficiados; o quarto, 87 arrobas e toca pelos capellães; o quinto 77 arrobas e toca pelos sachristas; o sexto, 35 arrobas; o septimo, 29 arrobas; o oitavo, 25 arrobas; o nono, 22 arrobas; a garrida, 2 arrobas. Havia outra torre chamada do Relogio, separada da egreja patriarchal, cujos sinos tocavam nos seguintes dias: Dia de Reis, S. Vicente, Sabbado d'Alleluia, Domingo de Paschoa, Sabbado e Domingo do Espirito Santo, Corpo de Deus, (só á procissão), Conceição e Natal.

«Era tenue para este monarcha toda a profusão que se empregava no culto da egreja, para cujo ornato mandou tambem fazer e conduzir de todas as partes do mundo os adornos, adereços e alfaias mais preciosas. Entre ellas são dignos de especial memoria os nove riquissimos castiçaes, e maravilhosa cruz de exquisita e nova invenção, que mandou fabricar a Roma e a Florença, no anno de 1732, pelo desenho e artificio do famoso Antonio Arrighi Romano, cuja primorosa e incomparavel architectura excedeu a importancia de 300 mil cruzados. Toda a machina de prata excellentemente dourada, que formava a grande cruz se levantava na altura de 17 palmos desde a planta do pé, de figura quadrangular, que tinha tres palmos e meio de diametro.

«Viam-se distribuidos com admiravel simetria pelas bases e balaustres, assim da cruz como dos castiçaes, muitos symbolos, jeroglíphicos e genios, cherubins e estatuas, umas de vulto, outras de meio relevo, com differentes acções, que alludiam com propriedade aos mysterios de Christo e de Maria SS., outros caracterisavam a magnificencia da santa egreja patriarchal, outros o imperio da magestade portugueza no reino e suas conquistas; porém tudo guarnecido com muitos

e polidos festões da mesma prata dourada, com muitas tarjas e quartellas de perfeitissimo lapis-lazuli, com muitos engraçados esmaltes e embutidos de epigraphes e diamantes preciosissimos.»

XII

Eram, porém, mais que tudo os sinos, grandes, muito grandes, immensos, o feitiço, o enlevo, o iman dos olhos de D. João V.

Acabâmos de dar, no capitulo antecedente, uma descripção dos sinos da Patriarchal. Vejamos agora a das torres e carrilhões de Mafra.

«As torres lateraes da egreja de Mafra elevam-se acima do plano dos terraços 194 palmos: a sua construcção é inteiramente de cantaria, e acabam n'uma cruz de ferro que sobe além da ultima pedra das suas cupulas 33 palmos. Esta cruz com os ornatos que lhe pertencem, peza 226 arrobas; em cada uma das torres ha, por um

calculo diminuto, 14:500 arrobas de differentes metaes. [62]

«O grande varão de ferro que enfia a cruz e mais ornatos, em cada uma das torres, passa ao interior da cupula, e é ahi atarracado por uma grossa porca de bronze, que encosta sobre uma larga chapa de ferro. Esta chapa divide-se em quatro fachas, que descem pelos quatro cantos da cupula, até encontrar uma forte grade de ferro que liga o corpo quadrado da torre, em que assenta a cupula; sobre esta grade e n'uns valentes cachorros de bronze, descança uma grande trave de ferro de 20 palmos de comprido, palmo e meio de alto e tres quartos de palmo de largo, dividindo ao meio o alto da torre. N'esta trave está suspenso o sino que sôa as horas, o qual por si só pesa 800 arrobas. Por baixo d'este sino, na distancia de algumas pollegadas, fica um andaime formado de grossas traves de páu cavilhadas e chapeadas de ferro, e cobertas de chumbo. Os dois sinos dos quartos estão logo

[62] D. Joaquim da Assumpção Velho: Observações physicas por occasião de 6 raios que em differentes annos cahiram sobre o Real Edificio junto á villa de Mafra. Memorias da Acad. R. das Sciencias de Lisboa. Vol. I. pag. 286.

por baixo d'este andaime, suspensos n'uma trave tambem de ferro, e de volume egual áquella que sustenta o sino das horas. Cada um d'estes sinos tem o seu martello, de peso proporcionado; o que bate as horas pesa 20 arrobas. Estes martellos são puchados por tres grossos arames de ferro, que atravessando os andares das torres acabam no mais inferior, aonde prendem no admiravel jogo dos relogios. Por baixo dos dois sinos que soam os quartos, estão dispostos em 4 ventanas 6 sinos; a distancia que ha nas bordas inferiores d'estes sinos de umas a outras, é de dez palmos, e os arames que pucham os tres martellos das horas e dos quartos, passando encostados a um angulo das torres, distam 5 palmos dos dois sinos, que lhe ficam ao lado; os nove sinos d'este superior andar das torres, as duas traves de ferro, e a grande chapa, cruz e seus ornatos pesam juntamente 4:500 arrobas.

O segundo andar é um confuso tecido de sinos, badallos, martellos, e arames. Os sinos são 48, dispostos pelas ventanas, e no interior das torres suspensos em grossas vigas de pau chapeadas. O primeiro sino na grandeza pesa além da porca e ferragens 666 arrobas; os outros vão diminuindo no volume e peso, conforme é pre-

ciso, para fazerem admiravel consonancia, que se experimenta quando tocam os relogios e carrilhões. Cada um d'estes sinos tem, além do badallo, dois, tres e quatro martellos de peso proporcionado. Todos estes badallos e martellos estão ligados com arames de latão, mais ou menos grossos, que vão prender nos differentes jogos dos relogios e carrilhões. Os 48 sinos d'este andar com as suas porcas, ferragens e badallos, com 144 martellos, dos quaes muitos de muitas arrobas, com mais de 200 grossos e compridos arames, com um sem numero de molas e chapas, pesam, segundo a mais exacta averiguação, 7:000 arrobas.

De todos os martellos d'este segundo andar descem arames, que vão prender nos chamados papagaios ou teclas, no admiravel jogo de relogios, que assentam no andar inferior das torres, no plano dos terraços. O grande jogo d'estes relogios, representa um ordenado montão de bronze, aço e ferro, que quanto mais se examina, mais se admira, até pela magnifica superfluidade da sua riqueza e ornatos. Toda esta machina se move puxada por tres grandes pesos de chumbo, que equivalem a 650 arrobas. Estes tres pesos puxam outros tantos grossos calabres de linho

canhamo, descendo por duas calhas até o inferior das torres. N'este andar é mais difficil o calcular o peso dos metaes, por serem todas as peças d'este admiravel jogo differentes, e de figuras irregulares; comtudo na presença ninguem duvidará que este andar contenha até 3:000 arrobas de metal.»

«E no emtanto (diz o nosso Alexandre Herculano) [63] Mafra é um monumento rico, mas sem poesia, e por isso sem verdadeira grandeza. É o monumento d'uma nação que dormita apoz um banquete como os de Lucullo; é o toucador d'uma Laes ou Phrine assentado dentro do templo do deus dos chistãos, e sob outro aspecto, é a beataria d'uma velha tonta, affectando a linguagem da fé ardente e profunda d'Origenes ou de Tertulliano.

Sem contestação—Mafra é uma bagatella maravilhosa, o dixe de um rei liberal, abastado e magnifico e é pouco mais ou menos o que foi Portugal na primeira metade do seculo XVIII.

Collocae pela imaginação Mafra ao pé da Batalha, e podereis entender quanto é clara e pre-

[63] Panorama de 1843, pag. 189.

cisa a linguagem d'estas chronicas, lidas de poucos, em que as gerações escrevem mysteriosamente a historia do seu viver. A Batalha é grave como o vulto homerico de D. João I, poetica e altiva como os cavalleiros da ala de Mem Rodrigues, religiosa, tranquilla e santa como D. Philippa rodeada dos seus cinco filhos. As mãos que edificaram Santa Maria da Victoria, meneando as armas em Aljubarrota, deviam ser vencedoras. A Batalha representa uma geração energica, moral, crente. Mafra uma geração afeminada, que se finge forte e grande. A Batalha é um poema de pedra: Mafra é uma semsaboria de marmore. Ambas, echos perennes que repercutem, nos seculos que vão passando, a expressão complexa, e todavia clara e exacta, de duas epochas historicas do mesmo povo, sua juventude viçosa e robusta, e sua velhice cachetica.»

Taes são as reflexões do grande mestre ácerca de Mafra: mas as vontades dos reis faziam a moda n'aquelle tempo, e por isso se a Sé e Mafra tinham grandes sinos, tambem os templos mais pequenos os imitavam quanto podiam, e d'isso é um exemplo a egreja dos Congregados no Porto. Este templo, notavel pela sua elevadissima torre, teve começo em 1732, dirigido por Ni-

colau Nasoni, architecto italiano. A torre com seus 75 metros de altura, possue grandes sinos, que conjunctamente com os da cathedral da mesma cidade são o enlevo, o encanto, e a fascinação d'aquelles que, com pungentes saudades, ainda se lembram d'outros tempos... se melhores ou peiores outros o digam. O caso é que ainda hoje ha quem no dia de finados procure os pontos mais elevados da cidade para d'alli á vontade poder ouvir o dobre de todos os sinos ao mesmo tempo. A torre dos Clerigos é toda de cantaria lavrada, e tem dez sinos pesando todos 544 arrobas, que importaram em 5:808$420 réis. O sino maior pesa 177 arrobas e 11 arrateis.

Mais uma nota curiosa a proposito da mania de D. João V pelos sinos, e deixemos o assumpto. Um jornal manuscripto da epocha diz que um homem chamado José Jorge, que foi levar a El-Rei a noticia de estar collocado na torre o sino grande da Patriarchal, recebeu o titulo de *sineiro-mór,* com a tença de 100$000 réis.

XIII

O individuo, que sahir de Lisboa pelas portas d'Alcantara, passados uns cinco minutos, vê, junto do convento das Flamengas, vestigios de um edificio antigo. Era um palacio real, de mesquinha construcção, á qual ficava contigua uma quinta, tambem pertencente á casa real. Era a quinta do Calvario, em cuja area tem sido construidos modernamente diversos predios: e egual destino soffreu o palacio, que tivera alguma celebridade no tempo dos reis D. Affonso VI e D. Pedro II. Defronte d'esta quinta e d'este palacio, no qual não havia mysterios de architectura, para me servir da linguagem do grande Fr. Luiz de Sousa, estanciava um mosteiro de modesta ap-

parencia, edificio onde hoje se acha estabelecida a Escola Normal do sexo feminino.

Foi aquelle convento franciscano fundado em 1617 por duas damas nobres, mãe e filha: A mãe, por nome D. Violante de Noronha, que tinha perdido seu marido na batalha d'Alcacer Quibir; e a filha, D. Maria Telles de Menezes [64]. O convento, porém, apesar de relativamente moderno, pobre e não fabricado por mãos regias, possuia, na épocha de D. João V, nada menos do que as seguintes reliquias: uma cabeça da virgem e martyr Santa Helena (uma das onze mil virgens); outra d'um santo martyr de Agreda abonada por milagrosa; uma cruz guarnecida de reliquias; uma particula da toalha em que Christo comeu. As duas cabeças estavam depositadas em duas caixas de prata, de obra muito curiosa, por industria da madre soror Maria Magdalena.

Para as reliquias fez-se um deposito no côro de baixo, e n'elle estava tudo isto: uma vera effigie do P.e S. Francisco, outra de Santa Clara, tres caixões de ossos de diversos martyres e uma cruz de crystal com prendas identicas. No altar

[64] P.e Fernando da Soledade. Historia Seraphica, etc. Tomo V. Lisboa, 1721.

do Menino Jesus, obra da madre soror Maria do Calvario, junto á porta que do mesmo côro sahia para o claustro, tambem se achavam d'estes penhores, e alguns eram do insigne bispo S. Braz, aos quaes acompanhava o seu retrato, e dava muito esplendor o Santo Lenho, que no proprio logar se venerava.

Porém esta copia de reliquias era incomparavelmente excedida pela das que se guardavam no ante-côro, em uma capella de sufficiente grandeza, erigida pelos padroeiros com o titulo de capella da *Visitação*, e mais tarde da *Graça*. N'aquella capella tudo era ouro, tudo preciosidades, ricos ornamentos; tanta a multidão de reliquias sagradas pelo ambito d'ella, que seria necessario muito papel para a enumerar.

Pois todas estas indulgencias e reliquias possuia o convento do Calvario; e todavia este convento não pertencia ao numero dos mais notaveis, nem se podia comparar em taes preciosidades com muitissimos outros de Portugal: e tudo aquillo sómente se podia obter á força de muito dinheiro.

Não resistimos a transcrever parte da seguinte certidão passada pelo afamado medico Duarte

Madeira Arraes, physico de sua magestade, sete annos depois da morte de D. Violante, fundadora do alludido mosteiro:

«Sendo-me mostrado o corpo da sr.ª D. Violante de Noronha, e sendo por mim bem visto e examinado, o achei não estar corrupto pelo caminho ordinario natural, por onde os outros corpos humanos mortos se corrompem; por quanto havendo mais de sete annos que estava na sepultura, não tinha fedor nem podridão alguma, antes com não ser embalsamado com aquella myrrha, balsamo, azevre e outras cousas aromaticas que se costumam, senão puramente mettido na cal, lança de si suave cheiro: *Sicut cinnamomum et balsamum aromatisans odorem dedit et quasi myrrha electa dedit suavitatem odoris.* E posto que a fragrancia não era tão intensa, pelo menos imitava á de camoezas maduras.....

.....

O que tudo me parece se deve attribuir a milagre, e a favor que Nosso Senhor quiz fazer a tão notavel pessoa, por sua virtude e exemplar vida: visto que todas as mais Freiras se enterram d'aquellè modo, e se desfazem em pó em mui breve tempo; e se alguma cousa se acha por desfazer, tem um fedor abominavel, que n'es-

te corpo não havia, antes, pelo contrario, suave cheiro, como está dito[65].....

.....

Mas é mister que antes de caminhar mais diga bem alto — os costumes de Portugal n'aquelle tempo eram os dos outros paizes, e os dos outros paizes os de Portugal. Leiam a vida de Taillerand para verem qual a relaxação do clero francez nos tempos proximos a el-rei D. João V. Leiam a *Italia* de lady Morgan (vol. I, pag. 107) para verem como no Piemonte era moda o

[65] Poucos annos depois da morte d'este celebre medico, fallecido em 1652, publicou-se em Lisboa um livro intitulado «Correcção dos abusos introduzidos contra o verdadeiro methodo da medicina.» O auctor era o dr. fr. Manoel d'Azevedo, religioso da Ordem do Carmo. O seguinte trecho d'essa obra deixa-nos entrever o estado de atrazo da sciencia medica em Portugal, atrazo que se prolongou até á epocha de renascimento scientifico creada pelas reformas do Marquez de Pombal: Não menos erro é no cirurgião o receitar purgas sem conselho do medico; pois o cirurgião não conhece, nem pode conhecer bem os humores, que predominam, nem em que região do corpo estão, nem que medicamentos são os convenientes, nem a quantidade em que se devem dar, nem outros muitos requisitos que convém se considerem para receitar uma

marido não fazer caso da mulher com quem era casado, para fazer a côrte á do seu visinho. Não temos de que nos admirar quando o cavalleiro de Forbin nas suas *Memorias* nos assevera que os frades de Belem em Lisboa andavam armados de punhaes. N'este convento era então costume em dia de S. Jeronymo tomarem os monges grandes pançadas de melancia. E o proprio pae d'el-rei D. João V tinha passado muitas noites nas mais desbragadas orgias.

---

purga. E é tão certa esta verdade que, quando se receitam purgas para senhoras, ou pessoas de consideração, de ordinario se ajuntam tres medicos, para melhor acertarem nas qualidades e quantidades dos medicamentos. E eu já vi algumas receitas de cirurgião, onde achei onças, havendo de ser oitavas; e oitavas, havendo de ser onças. E se uma purga d'estas taes damnos faz (como é certo faça) á purga se deita a culpa, e não ao ignorante e atrevido que a receitou: sendo indubitavel que da purga receitada por medico, e preparada por bom e christão boticario não succede damno algum..... (Pag. 460).

XIV

Comtudo, apesar do embrutecimento em que se achava o povo, e apesar do vergonhoso atrazo em que estavam entre nós as sciencias, — as lettras eram cultivadas e — coisa notavel! — nunca o nosso Luiz de Camões foi tão citado, tão imitado, tão paraphraseado, como n'essa epocha. Mais ao deante prestaremos justiça ao que as lettras e as artes deveram a D. João V, para que se não diga que só procuramos mostrar os erros e defeitos d'esse reinado. Emquanto ahi não chegamos, saiba o leitor, que o nosso grande poeta não era por esses tempos tão desconhecido ou pouco lido como muitos julgam: era até bastantemente citado. Mas infelizmente, se é certo que o citaram

muito, não é menos certo que não conseguiram de modo algum imitar a harmonia e a linguagem de seus versos.

O leitor sem duvida ha de ter reparado que os trechos citados n'esta obra, e escriptos no reinado de D. João V, acham-se n'uma linguagem não muito castiça, mas muito hyperbolica e exaggerada. Com effeito a elocução d'aquelle reinado não deve ser de modelo para os que se prezam de bem fallar. Mas o que é indubitavel, é que talvez nunca os versos de Camões fossem tão amiudadas vezes citados como no referido reinado.

O cavalleiro d'Oliveira, no seu enthusiasmo pelo poeta, chega a levar a mal que citem Camões poucas vezes. Na carta a D. Florencio Maldonado, censurando um discurso sobre a immortalidade da alma, diz: «Estimava saber[66] se foi menos caso, ou se foi respeito, achar-se o dignissimo Camões uma só vez allegado. Direi a V. M. de passagem para que o diga ao seu amigo, que este portuguez não é Camones, e que é necessario escrever o seu nome com *e* antes do *n* como eu faço. Este defeito póde talvez ser des-

[66] Vol. II, carta LXVII.

cuido, não é erro em um estrangeiro que se não jacta de saber a lingua portugueza, como por exemplo Monsieur de Voltaire, que entendendo o que disse Camões com tanta clareza que chegou a critical-o, não acertou com o mesmo nome do Camões em algumas das suas obras. Eis aqui o que se chama pouca vergonha.»

Poucas paginas adiante (391) torna a fallar de Camões: Os mathematicos francezes deram á ordem d'estas estrellas o nome de *Carro*, os poetas são os que lhe chamam Ursa, dizendo que ha duas, uma maior e outra menor:

Vi as Ursas apesar de Juno
Banharem-se nas aguas de Neptuno

Na obra intitulada *Recreação Proveitosa*, composta por Custodio Jesam Barata (João Baptista de Castro) e impressa em Lisboa no anno de 1728, continuamente são citados versos do nosso grande poeta. No colloquio que trata dos acrosticos, apresenta estes versos d'uma elegia:

Juizo extremo, horrifico e tremendo,
E juiz sempiterno alto e celeste
Significar á terra humedecendo,
Ver-se-ha n'ella um suor, que manifeste
Como em carne vem Deus para que o veja, etc.

Porém onde brilha com mais utilidade e engenho esta composição, é quando as letras com que se começam os versos vão dizendo alguma cousa. Tal é o soneto 59 da Cent. 2. de Camões que principia:

Vencido está de amor meu pensamento

porque dividindo-se em duas partes, dirá com as proprias letras d'elle — *Vosso como cativo muy alta Senhora*. Tal é tambem um dos seus motes feito a uma dama chamada Anna, cujo nome se lê pelo principio de tres versos que o formam:

A morte, pois que sou vosso
NAM quero; mas se vem
A de ser todo o meu bem.

E logo a pag. 105, tratando dos versos correlativos, parallelos, correspondentes ou antitetos, que vem a ser quando as dicções de um verso correspondem ás dicções do outro, traz para exemplo o fim do soneto 23 das *Rimas* de Camões, fallando de D. João de Castro:

Mais orna, honra, coroa, inspira, exalta,
que Atlante, Homero, Orfeo, Alcides,
esforço, engenho, amor, fortuna, fama.

A pag. 121 falla de um soneto feito por André Nunes organisado com os de Camões, assim:

Faz contra Lusitania vir Castella (cant. 4 est. 6.)
O filho de Filippe n'esta parte (cant. 1. est. 75.)
Fervendo-lhe no peito o duro Marte (cant. 3. est. 30.)
Das soberbas e varias gentes d'ella. (cant. 4. est. 57.)

Fallando da ilha de Ceilão (pag. 259) onde alguns disseram ter sido o Paraizo Terreal, não se esquece de trazer á lembrança os celebres versos do nosso poeta:

Olha em Ceilão, que o monte se alevanta
tanto que as nuvens passa, ou a vista engana.
Os naturaes o tem por cousa santa
pela pedra onde está a pegada humana.

Mas ainda, na mesma *Recreação Proveitosa*, se encontram mais passagens do nosso poeta.

Algumas folhas adiante, pag. 305, fallando das palmeiras que estão no fundo do mar, cujo fructo maior que o côco, é remedio contra o veneno, mais poderoso que a pedra bazar, cita os versos seguintes:

Nas ilhas de Maldiva nasce a planta
no profundo das aguas soberana,
cujo pomo contra o veneno urgente
é tido por antidoto excellente.

Mais adiante, (pag. 310) tratando das fontes que convertiam em pedra tudo quanto dentro d'ellas deitavam, apresenta os seguintes versos

do nosso poeta, o qual repete o mesmo nas *Redondilhas*:

> Olha a Sunda tão larga, que uma banda
> esconde para o sul difficultoso:
> a gente do sertão, que as terras anda,
> um rio diz que tem miraculoso,
> que por onde elle só sem outro vae
> converte em pedra o pau que n'elle cáe.

Os antigos trabalharam na exploração das nascentes do Nilo; os portuguezes tambem n'este ponto teem seu quinhão de gloria, e ao fallar de um tal assumpto não poderiam esquecer os versos de Camões:

> Olha lá as lagôas d'onde o Nilo
> Nasce, que não souberam os antigos.

E com effeito estes versos se encontram a pag. 318 da já citada *Recreação Proveitosa*. Fallando do crescimento do rio Nilo (pag. 323) menciona um verso do nosso poeta (est. 127 do canto X) para mostrar que tambem á elevação das suas aguas se deve a boa colheita do anno.

No vol. 2.º declama contra o atavio e enfeite das mulheres, e offerece para exemplo o campo. «Basta para isso (diz o auctor a pag. 53) que vos offereça aos olhos a formosura d'este campo,

o esmalte de suas côres, e o agrado de seus productos, nos quaes sem cultura simplesmente reverbera melhor a graça e a belleza natural. Isto deveis vós imitar, para então serdes vistas com mais agrado, e para serdes verdadeiramente formosas. Ouví o nosso Camões na *Canção* XI para complemento de tudo. E transcreve a *Canção* XI que começa *Nem roxa flor d'abril,* etc.

Fallando das hyenas (pag. 193) assevera que imitam a voz humana, e para comprovação apresenta versos de Camões:

As hienas levantam
a voz tão natural á voz humana,
que a quem as ouve, facilmente engana.
(Eglog. VII. est. 20.)

Tambem para comprovar a sagacidade do cão apresenta o auctor alguns versos da estancia 74 do Canto IX dos *Lusiadas.*

Qual cão de caçador, etc. (est. 74 do canto IX).

Para exaltar e engrandecer um bom nome (pag. 299) cita uma passagem da Biblia e a seguinte dos *Lusiadas:*

O nome illustre a um certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado e caro. (Canto II. est. 58).

Ao fallar das nuvens (pag. 359) transcreve aquella formosissima descripção da tromba marinha, que se encontra nos *Lusiadas*, e ainda mais uma vez cita o nosso épico ao fallar do coral:

> O ramoso coral fino e presado
> que debaixo das aguas molle cresce
> e como é fóra d'ellas, endurece.

O dr. João de Sousa Caria publicou um soneto na fórma seguinte:

> Claro Simão gentil, que te partiste
> tão cedo da Academia descontente,
> repousa lá no Pindo eternamente,
> e viva eu cá na Estygia sempre triste.
>
> Se lá no olho do Sol, onde subiste,
> memoria d'este Entrudo se consente,
> não te esqueças d'aquella pulha ardente,
> que em meus versos tão viva esguichar viste.
>
> E se podér acaso merecer-te
> a bucha, que nos cascos me ficou,
> d'esta pulha sem contra de perder-te:
>
> Roga a Apollo, que os louros te encurtou,
> que tão cedo a escarradas chegue a ver-te,
> quão cedo a cabriolas te levou.

Quando no reinado de D. João V chegou a Evora, vindo de Roma, D. Fr. José Maria da Fonseca, com o fim de ir para o Porto occupar a cadeira episcopal, para a qual havia sido nomeado,

fizeram-lhe em Lisboa apparatoso recebimento, e foi grande a profusão de poesias que escreveram em honra d'este prelado. Porém o soneto que se encontra a pag. 116 da collecção de poesias feitas em honra do bispo, e impressa em Lisboa no anno de 1742 é uma verdadeira imitação d'aquelle celeberrimo soneto *Alma minha gentil.*

N'um parecer de Filippe José da Gama, que precede esta mesma collecção, se fazem allusões á estancia 155 do canto X, e á estancia 14 do canto V.

É conhecida a edição dos *Lusiadas*, feita parte em Napoles, parte em Roma. Luiz Antonio Verney mostrou gosto e linguagem detestavel nas suas apreciações a este poema.

Outro verso de Camões que tem sido muito repetido, é este *Se a tanto me ajudar engenho e arte.* Apparece tambem citado da seguinte fórma no opusculo: «Á magnifica festividade que SS. MM. FF. foram offerecer á Virgem Nossa Senhora denominada do Cabo. Lisboa, 1784.»

Eu cantarei grandezas,
E acções particulares d'este empenho,
Que sem poupar despezas
Foram do Regio peito desempenho,
E gostoso darei segunda parte
Se a tanto me ajudar engenho e arte.

Fr. Francisco da Natividade na sua obra: *Lenitivos da dôr*, Lisboa, 1700, dá mostras (pag. 23) de que tambem conhecia o celebre soneto do nosso poeta, pois diz: «Piedosamente crêmos que livre aquella em tudo *gentil e ditosa* alma das prisões em que a detinha o corpo, servindo-lhe as virtudes de azas, voou remontada ao céo, quando partiu da terra.»

N'esta mesma obra apparecem ainda as seguintes citações das obras do nosso poeta:

Pag. 30. Cant. X., est. 38.
» 59. Carta 2.ª
» 73. Soneto 2.º «Atada ao remo tenho a paciencia.»
» 81 Sextina: Que o mais certo que temos. etc.
» 117. Que se não veja nada, etc.
» 149. Sextina: Foge-me pouco a pouco a curta vida, etc.
» 229. Carta. Veja-se os bens que tiveram, etc. [67]

Na obra intitulada «Orações Academicas do

[67] Vide tambem pag. 285, 315 e 374.—Na obra de Macedo, *Flores de España*, *Excellencias de Portugal*, Coimbra, 1737, citam-se versos de Camões ou falla-se d'este poeta em todas as seguintes paginas: 5, 6, 7, 10, 30, 31, 32, 39, 65, 75. 77, 79, 92, 104, 105, 152, 158, 160, 164 (bis), 179 (bis), 184, 185, 189, 191, 194 (bis), 196, 197, 200, 201, 205, 207, 209, 212, 235 (tres vezes), 237 (bis), 240, 248, 249, 256, 264, 265, 266, 272, 277, 284 (bis), 286 (bis). E na *Armonia Politica*, obra do mesmo auctor, vem o nosso poeta citado a pag. 49.

muito Reverendo Padre Mestre Fr. Simão Antonio de Santa Catharina», impressa em Lisboa, no anno de 1723, além do soneto composto pelo dr. João de Sousa Caria, ainda mais vezes se falla do nosso Camões, como a pag. 368 no *Romance de Paranomasias.*

Na Oração de que foram assumpto os varões famosos de Portugal, ainda se lêem as seguintes linhas relativas ao nosso grande epico: «Ultimamente pela differença de espirito apparecia em lugar eminente o divino Luiz de Camões, varão igual á sua fama, dotado de um engenho sobre todos excellente, nascido na verdade para a poesia, facil, copioso, sublime, e tão vivo, que todos os pensamentos da alma, que n'elle foram muitos e insignes, explicou com vozes discretissimas. Assim o confessam com admiração os professores d'esta arte, e assim o dizem as traducções latinas de D. Thomé de Faria, bispo de Targa; a do P. Macedo; a ingleza de Ricardo Fanstravu *(sic)*; as italianas de um anonymo, e a de Carlos Antonio Paggi, Genovez; as castelhanas de Bento Caldeira, de Luiz Gomes de

Tapia, de Henrique Garcez, e a de um anonymo, como a franceza. Foram seus panegyristas os maiores homens do mundo, e bastará por todos o grande Torquato Tasso que nos elogios que lhe fez, e nos louvores que lhe deu, nos deixou um famoso argumento de ser o principe da poesia italiana, pois conhecia o merecimento de Camões, laureado principe da poesia de toda a Hespanha.»

Na obra intitulada *Musa Pueril*, impressa em Lisboa no anno de 1736, e composta por João Cardoso da Costa, encontra-se tambem a pag. 13 um soneto pelas consoantes de um soneto de Camões.

Outra parodia ao Camões se encontra a pag. 333 da mesma obra nas oitavas em applauso de D. Manoel, barão de Astorga, quando compoz e imprimiu um livro de doze cantatas com lettra em duas linguas, italiana e castelhana.

D. Thomaz Caetano do Bem, membro da Real Academia de Historia, n'uma epistola latina em louvor de Antonio Cerqueira Pinto, auctor da *Historia do Senhor de Mathosinhos*, impressa em Lisboa no anno de 1737 e dedicada a el-rei D. João V, acha que só Camões seria digno de cantar uma tal obra:

Unus Alexandrum merito depinxit Apelles,
Non alius tanto munere dignus erat.
Aeolidemque Ducem cantu celebravit Homerus,
Non alia poterat voce per astra vehi.
Virgilius Phrygii cecinit facta inclita, tanto
Heroi inferior forsitan alter erat.
Lusiadas toto celebris Camonius orbe
Personat, apta quidem non foret ulla tuba.
Magnos magna decent si sic, mea, Maxime vir, nunc
Musa tuis meritis me negat esse parem.

Os versos de Camões para tudo serviam, e a tudo se applicavam. Francisco de Pina e Mello, arrebatado pelo enthusiasmo exclama fallando de Camões: [68]

«Este grande espirito levantou a poesia ao auge, que entre a incultura portugueza se podia esperar de um impulso humano. Deu-nos a mesma felicidade que teve a Grecia com Homero, e o Lacio com Virgilio, e a Italia com Tasso.» E é tal o enthusiasmo de Pina e Mello para com o nosso poeta que ao lembrar-se da maneira como em vida elle foi tratado, exclama: «Mas para que exporei estes exemplos á vista do nosso Portugal, senão para lhe expor que elle despreza aquelle mesmo ornamento, de que homens tão

[68] Triumpho da Religião, poema epico-polemico. Coimbra, 1756.

grandes e reinos tão civilisados têm feito a sua maior lisonja?

«Que mais triste testemunho de tão inculta influencia, que o pouco caso que fizemos do nosso Camões! Sempre pobre, perseguido, desterrado, até vir a morrer no mesmo hospicio do desamparo e da miseria. Este foi o conceito, que formaram os portuguezes d'aquelle tempo d'este sublime espirito: elle nos louva muito nos *Lusiadas*, mas igualmente nos condemna n'esta estancia: (cita a estancia—*Emfim não houve forte capitão*, etc.)

«Mas não foram só os portuguezes os que se infamaram com o tratamento que deram ao maior poeta da sua nação. Tambem os italianos praticaram a mesma insolencia com outro homem igual ao nosso Camões...» [69]

No parecer de João Antunes, relativo ao poema de Trallo de Vasconcellos da Cunha, *Espelho do Invisivel*, (Lisboa, 1714) lá apparece citado o nosso epico.

Innumeras citações ainda poderiam ser apresentadas para comprovarmos que foi o mencio-

[69] Escreve-se nos Prologomenos com grande desenvolvimento ácerca dos Lusiadas.

nado reinado de D. João V aquelle em que o poeta contou n'este paiz maior numero de cultores e admiradores.

Já o leitor vê com toda a evidencia que era bastante vulgar n'essa epocha a leitura das obras de Luiz de Camões. E talvez dominado por esta verdade, o sr. Pinheiro Chagas tambem fallasse na *matutina luz serena e fria*, quando no seu bello romance *A côrte de D. João V*, descreve «o aclarecer do céo, sem comtudo se poder o sol desembaraçar do manto de nuvens que o cercava.»

XV

Se as artes portuguezas florescêram sob a protecção magnificente do celebre rei, deve dizer-se em abono da verdade que a arte culinaria parece ter sido cultivada com grande exito.

Domingos Rodrigues, cozinheiro de S. Magestade, na sua *Arte de cozinha,* impressa em 1732, já em 3.ª edição, diz que a exercitou pelo espaço de 29 annos, e que se habilitou para compôr esta arte com a assistencia dos maiores banquetes da côrte de Lisboa, e de todos os da casa real. E diz mui ufano que todas as cousas que n'ella ensinava, as tinha experimentado pela sua mão, e que as mais d'ellas as tinha inventado pela sua habilidade. O leitor, porém, póde por

experiencia propria provar os petiscos do mestre cozinheiro, e depois decidir ácerca do credito que elle merece.

Para fazer sopa de peros camoezes receita: Que se póde fazer em uma tigella nova, na qual se deite o molho de qualquer genero de assado, com tres ou quatro peros em quartos apartados, e ponha-se a ferver: depois de cosidos os peros, batem-se com o molho em um prato sobre fatias tostadas, e ponha-se o assado por cima com sumo de limão: e vá á mesa guarnecido com miollos do mesmo molho.

Manda que no domingo se deem as seguintes comidas aos hospedes:

1.ª iguaria.—Tijellas de caldo de gallinha com sua gemma de ovo, e canella por cima, e logo sopas de vacca.
2.ª » Perdigões assados, guarnecidos com linguiça.
3.ª » Coelhos de João Pires.
4.ª » Um ou dois peitos de vitella de conserva guarnecidos com torrijas de vitella.
5.ª » Pastellões de varias carnes, redondos, lavrados.
6.ª » Pasteis fritos pequenos, de carneiro, com assucar e canella
7.ª » Olha castelhana, a saber, vacca, carneiro, mãos de porco, presunto, grãos, nabos, pimentão, de todos os adubos amarellos com bem assafrão. Manjar branco em pélas assado.

Para o fim doces fritos, e fructas do tempo.

COMER PARA A SEGUNDA FRIRA

1.ª iguaria.—Tijella de caldo de gallinha e sopas de vacca.
2.ª » Frangas caseiras assadas, lardeadas sobre sopa de natas, guarnecidas com biscoitos de la Reyna.
3.ª » Uma potagem de mariquas, todos á franceza, guarnecidos com verdeaes em borraçados.
4.ª » Cabeça de vitella, guarnecida com mãos de Judeu.
5.ª » Uma torta de frangãos; e pombos de folhado francez.
6.ª » Pasteis de bocca de dama, de gallinha, do tamanho de dois tostões.
7.ª » Olha podrida portugueza.
8.ª » Manjar real em tigelas coradas.

Fim, com doces fritos e fructas.

COMER PARA A TERÇA FEIRA

1.ª iguaria.—Caldo de gallinha e sopa, como acima fica dito.
2.ª » Coelhos novos, assados com cebola botada na agua em roda, e salsa muito miuda, por cima alcaparras, guarnecidas com achar de porco.
3.ª » Frangas de Fernão de Sousa com tutanos sobre sopa de tutanos.
4.ª » Perús em gigote de toucinho, e vinho branco com substancia de vitella.
5.ª » Empadas inglezas nevadas.
6.ª » Pasteis de barquinhos folhados portuguezes.
7.ª » Olha franceza.
8.ª » Ovos brancos.

Fim da mesa, doces frios e frutas.

COMER PARA A QUARTA FEIRA

1.ª iguaria.—Caldo de gallinha com sopas, como acima.
2.ª » Perúas novas lardeadas á franceza, sobre

sopa dourada, gallinhas com lombos de conserva.
3.ª iguaria.—Adens reaes estofadas com marmellos, maçãs azedas, especiaria preta, guarnecidas com tordos.
4.ª » Trouxas de carneiro.
5.ª » Empadas de lombos de vacca e vitella.
6.ª » Pastelinhos de tutanos saboyanos.
7.ª » Olha Moura, que chamam de fina.
8.ª » Fruta de siringa com graxe.
Fim, doces frios e frutas.

COMER PARA A QUINTA FEIRA

1.ª iguaria.—Caldo de gallinha com sopas, como acima.
2.ª » Leitões assados, guarnecidos com gallinholas.
3.ª » Pombos com cardo em fricassé.
4.ª » Pernas de carneiro de casio.
5.ª » Empadas de perú sem osso.
6.ª » Pasteis folhados de coelho.
7.ª » Olha podrida em massa, que é a melhor de todas.
8.ª » Leite em siricaia.

Advirto que para as gallinhas que ficam de caldo, se hão de mandar á mesa um dia sobre cuscus, outro sobre fideos, outro sobre letria, outro sobre arroz

COMER PARA A SEXTA FEIRA

1.ª iguaria.—Gemmas de ovos em manteiga, depois sopas de natas com letria.
2.ª » Linguados recheados assados, guarnecidos com azevias assadas de molho castelhano.
3.ª » Corvina de conserva, guarnecida com vesugos pequenos.
4.ª » Tigellada de chocos.
5.ª » Empadas de salmonetes.
6.ª » Pasteis de marisco.

7.ª iguaria.—Peixe frito.
8.ª » Ovos moles.
Doces frios, e frutas no fim.

COMER PARA O SABBADO

1.ª iguaria.—Ovos com pão em manteiga, depois sopa dourada.
2.ª » Salmonetes assados com potagem franceza, guarnecidos com ostras.
3.ª » Postas de cherne em casis, guarnecidas com ameijoas.
4.ª » Linguado de caril.
5.ª » Empadas de vesugos.
6.ª » Almojavenas de peixe picado fritas.
7.ª » Peixe frito, guarnecido com mexilhões de Aveiro.
8.ª » Sonhos passados por assucar e graxe.

Deve-se notar que não se faz n'estas listas a minima menção quer de chá, quer de café.

Tambem parece que se não abusava muito do vinho, porque nas *Mémoires instructifs pour un voyageur,* (já citadas por mais d'uma vez n'este livro), se encontra a seguinte passagem:

«O estrangeiro não deve entregar-se aos excessos do vinho. Os portuguezes desprezam os bebados, e o rei (D. João V) que não bebe vinho, tem uma aversão invencivel contra todos aquelles que se entregam a este vicio.»

. . . . . .

Apesar d'isto, porém, conta-se que o parocho

da igreja parochial dos Olivaes, tendo bebido mais do que o costume, quiz baptizar uma creança, e posto junto á pia baptismal, entrou a procurar no Ritual as rezas proprias d'aquella cerimonia, e não atinando quando as procurava, por mais que folheasse, voltou-se para os circumstantes, e exclamou: — É bem difficultoso de baptizar este rapaz!

Tambem se diz que, por essa mesma epocha, estando para sahir uma procissão em Caparica, succedeu que o guia d'uma dança que precedia a procissão, se embebedou de sorte que ficou a dormir até ao dia seguinte, em que acordou, e sahiu pela rua fóra, perguntando: — Onde está a dança? Que é feito da dança? E quando lhe disseram que já estava tudo acabado, exclamou: — É engano: sem mim nada se podia fazer!

Tambem foi n'este reinado que succedeu o seguinte divertido caso:

Certo prégador n'uma occasião em que sahia de casa para prégar, disse a um galleguito, seu creado, e recentemente chegado da terra, que para a ceia lhe trouxesse uns bofes de casa de certo carniceiro chamado David; e parecendo-lhe que este lh'os fiaria, não mandou dinheiro. Depois succedeu entrar o gallego na egreja a tempo

que o prégador repetindo algumas authoridades dos prophetas olhou descuidadamente para onde estava o moço, e ponderando n'uma, exclamou: —Pois que diz David?

O lorpa do gallego, pensando que se tratava do carniceiro, gritou:—«Diz que não dá bofes sem ver a côr ao dinheiro.»

No carnaval era uso a que ninguem fugia os grandes banquetes, as formidaveis pançadas. O seguinte soneto, escripto n'essa epocha, dá ideia do que era o entrudo do reinado de D. João V:

Filhós, fatias, sonhos, mal assadas,
Gallinhas, porco, vacca e mais carneiro,
Os perús em poder do pastelleiro,
Esguichar, deitar pulhas, laranjadas,

Enfarinhar, por rabos, dar risadas,
Gastar para comer muito dinheiro,
Não ter mãos a medir o taberneiro,
Com resteas de cebolas dar pancadas,

Das janellas com tanhos dar na gente,
A bozina tanger, quebrar panellas,
Querer em um só dia comer tudo,

Não perdoar a arroz, nem cuscus quentes
Despejar pratos, e limpar tigellas,
Estas as festas são do gordo entrudo.

Os frades, apesar de frades, e de todo o fanatismo que então dominava o povo baixo, não deixavam tambem de ser chasqueados, e mettidos a ridiculo, tanto em prosa como em verso. Inventava-se mil historietas para se zombar d'elles, e não só em Lisboa, mas tambem nas outras povoações do paiz.

Ácerca dos frades da Cardiga narravam a seguinte historia, verdadeira ou forjada.

Um frade da Cardiga fazia a côrte ou arrastava a aza a uma mulher casada. Passava o frade frequentemente por debaixo da janella d'esta mulher, suspirava e dizia:

— Menina eu quero-lhe bem.

A mulher porém era honrada, e informava o marido de quanto se passava: por fim combinaram-se ambos para se rirem á custa do frade.

Aconselhou-a o marido a que acceitasse a carta, que o frade lhe queria entregar, e lhe dissesse que seu marido sahia a uma feira para longe, e tinha que se demorar por fóra alguns dias. E que se o frade quizesse, comparecesse tal dia e a taes horas, pois o ensejo era propicio. O frade comparece á hora marcada, e eis immediatamente o marido a bater á porta.

Finge-se a mulher muito apoquentada, e sem

saber o que ha de fazer, mas vae-o encaminhando para uma casa em que se maçava o linho, onde esconde o frade amoroso. Entra o marido, e a mulher exclama:

— Disseste que te demoravas por alguns dias na feira, e appareces já?

— Sim, acóde o marido, porque encontrei um amigo que me quer comprar todo o linho, e por isso vou contar as duzias que lá tenho.

Ainda taes palavras não eram proferidas, e topa o frade.

— Olá seu religioso! Você por aqui? Não sabia que tinha a religião cá em casa!

O frade estava muito pequenino, muito pequenino, e procurando a porta para se agachar atraz d'ella, quando o cacete principiasse a trabalhar.

— Ora vamos lá, seu frade, não se assuste: não o mato, nem lhe toco a pavana se fizer o que eu mandar.

— Faço sim, diga o que pretende.

— Sob pena de morte, ha de maçar todo o linho que está n'esta casa.

— Mas se eu não maçar...?

— Não tem duvida; eu o vou ensinar.

Ensinou-o com effeito.

O frade maçou, maçou, maçou, e por fim aca-

bou, depois de ter trabalhado toda a noite,—e o marido sentado com um cacete nas mãos.

Deixaram-n'o sahir, mas dando ao diabo a cardada, e protestando não se metter mais em taes aventuras.

Passados dias succedeu passar o frade por debaixo da janella da mesma casa, e a referida mulher que lá se achava, exclamou:

— Oh seu frade, eu quero-lhe bem!

Acóde o frade, olhando para cima:

— Oh sua atrevida, e eu quero-lhe mal!

E não só contavam centenares de historias ácerca dos frades, e das freiras, mas até mesmo os satyrisavam em verso, como se vê dos seguintes, embora bem toscos, que pelas ruas de Thomar cantarolavam:

Os frades da Graça têm uma cabaça [70]
De canada e meia
Que bebem á ceia
Mas os de Christo têm mais poder
E têm mais filhos do que eu hei de ter.

[70] Alludiam aos frades da Graça em Lisboa.

E os da Annunciada. [71]
Vão para a adega tomar a socega
Sahem de lá com suas cabelleiras,
E vão para a fonte laurear com as freiras.

E os de S. Francisco [72] só comem vitella.
Quando veem moças bonitas
Pegam-lhes pela mão
E levam-n'as para a cella. [73]

E os d'Alcobaça mandam apregoar
Que quem quizer pepinos
Vá ao seu pepinal.

Fallêmos tambem do celebre Camões do Rocio, o corregedor Caetano José da Silva Sotto Maior, a quem o rei era muito affeiçoado por causa das suas pilherias, versos, e epigrammas muito jocosos. Tinha elle ido á casa professa de S. Roque pedir um confessor para assistir aos ultimos momentos d'um amigo do corregedor, prestes a finar-se. Os Jesuitas não estiveram para incom-

[71] Convento de Santo Antonio dos Capuchos em Thomar.
[72] Convento em Thomar.
[73] Para a cella as içavam os frades de Xabregas dentro de cestos, em tempo de D. João V, e ainda muito depois.

modos, e deram em resposta que d'ali não sahia ninguem, fosse para que fosse, depois das 9 horas da noite. O Camões do Rocio ficou indignado, e jurou dar uma lição aos padres Jesuitas.

Andava elle, passados dias, na companhia dos seus quadrilheiros a fazer a ronda, seriam umas dez horas da noite, e eis senão quando topa no Rocio com dois Jesuitas que se recolhiam para S. Roque.

O Camões sae-lhes ao encontro, e dá-lhes voz de presos, accrescentando que não havia licença para andarem mascaras pelas ruas áquellas horas, e em tal tempo!

—Mas nós somos padres Jesuitas, que nos recolhemos para nossa casa!

—Isso é falso! Vocês são mascarados que andam na rua a essas horas, talvez para maus fins!

—Nós somos Jesuitas, que vamos para S. Roque!

—É mentira. Os Jesuitas não andam pelas ruas depois das nove horas da noite! E salta já para o Tronco!

E os dois Jesuitas, debaixo de prisão, não tiveram remedio senão ficarem aquella noite no *Tronco*, que era a cadeia onde se recolhiam os meliantes e vagabundos.

Deu isto um grande brado em todo o paiz; choviam os versos de troça aos Jesuitas, já muito mal conceituados por aquelles tempos, a ponto de se ter escripto uma chistosissima comedia contra elles, tendo por assumpto este mesmo caso.

Os Jesuitas foram ás nuvens, as queixas dos padres ferviam por toda a parte, o proprio D. João V chegou a reprehender o Camões; mas este, sustentando sempre o seu papel, respondia:

—Não, Real Senhor, não acreditei que elles fossem Jesuitas: aquelles padres são de tal modo circumspectos e sisudos que nem sequer para assistirem a um moribundo prestes a ir dar contas a Deus, sáem das suas casas depois das nove horas da noite! Só acreditei que eram homens que para maus fins se tinham disfarçado em Jesuitas!

Não se póde negar que o Camões do Rocio, foi um homem notabilissimo do reinado de D. João V: e n'um livro que se occupa d'esse rei não se poderia deixar de dizer alguma cousa do seu celebre corregedor.

Era homem instruido, socio da Academia de Historia, e auctor do celeberrimo poema a *Martinhada,* no qual verbera a sensualidade mais

que brutal de Fr. Martinho de Barros, confessor d'El-Rei D. João V. Este poema é, no seu genero, uma das obras mais perfeitas que se conhecem.

Certa occasião foi mandado por El-Rei prender um homem. Succedeu, porém, que o corregedor era amicissimo d'esse homem, e resolveu desobedecer a El-Rei, e não prender o amigo. Foi cercar-lhe a casa, e viu que o homem tinha fugido para o telhado. Retirou-se pois com a sua gente, e foi ao Paço.

— Real Senhor, venho perguntar a V. Magestade: quem governa de telhas acima?

— De telhas acima só governa Deus, respondeu o rei, não atinando com a causa porque o Camões lhe fazia tal pergunta.

— Pois o homem, Real Senhor, estava em casa quando o fui prender, mas fugiu-me para o telhado. E eu sabia tão bem como V. Magestade, que de telhas acima só governa Deus!

D. João V n'um relance percebeu tudo, que o homem era amigo do Camões, e que este o quizera salvar... Não ficou mal com o corregedor.

O beaterio estava então em Portugal no seu auge, no seu maximo requinte. Este requinte do beaterio desceu um pouco no reinado seguinte,

mas ainda assim foi o Padre Theodoro de Almeida uma das primeiras pessoas a quem no anno de 1783 informaram dos milagres attribuidos ao servo de Deus Bento José Labre,[74] cuja beatificação foi desagradavel a muitas pessoas. A par do beaterio caminhava a relaxação de costumes, sendo o proprio rei quem dava o detestavel exemplo de frequentar os conventos para fazer a côrte a freiras, e tendo amantes nos mosteiros. E a dissolução de costumes era tal que na obra *L'Etat présent du Royaume de Portugal en l'année 1767*, se leem estas palavras, que traduzimos do original francez: «Todos os conventos de Portugal teem por modelo o de Odivellas, onde tresentas freiras bellas e namoradeiras formavam o serralho de D. João V, d'onde sahiram todos os bastardos d'este rei, e as quaes tinham cada uma um ou varios amantes para com elles se distrahirem. Estas religiosas, sempre ataviadas, nunca usando dos seus fatos de religião, cobertas d'alvaiade, de enfeites, e de diamantes, animavam o mais refinado galanteio, e passavam por serem as amantes mais attrahentes da no-

[74] Colleção de varias noticias a respeito do servo de Deus Bento José Labre, Lisboa, 1785, pag. 63.

breza portugueza. E foi este escandalo o que mais se viu exposto aos rigores do marquez de Pombal. Tanto os padres portuguezes como as freiras portuguezas podem ser havidos como os mais libertinos de toda a Christandade». [75]

Esta asserção (attribuida ao general Dumourier) não é exaggerada. Em tempo d'el-rei D. João V revoltaram-se não só as freiras do convento de Sant'Anna em Lisboa, mas tambem as de varios outros conventos. Sahiam para fóra dos mosteiros processionalmente, de cruz alçada, e davam bastante que fazer ao Camões do Rocio. O proprio chronista dos Arrabidos emprega alguns capitulos em descrever as brigas e desordens entre os seus. Mas que poderia fazer o corregedor d'el-rei D. João V, n'um tempo em que o rei era omnipotente, e podia entrar e sahir dos conventos, quando bem lhe aprouvesse!

---

[75] Pag. 189 da obra citada *(L'État présent du royaume de Portugal en 1767)*.

XVI

D. João V era bondoso: d'isso deu muitas e muitas provas: foi elle que ordenou que, embora as sentenças da Inquisição fossem olhadas como soberanas, deveriam comtudo subir á presença do rei para serem revistas pelo seu tribunal, e permittiu que os criminosos tomassem advogados para sua defesa. [76]

Para as mulheres porém, é que elle tinha um encanto, um condão irresistivel. Parece que era entendidissimo na arte da seducção. Eis um caso:

---

[76] Certa occasião foi condemnado a morrer queimado um padre brazileiro por ter cahido no Judaismo. D. João V fez tudo quanto era possivel para o salvar, pedindo-

Achava-se muito mal uma rapariga com quem el-rei tivera amores por algum tempo. Foram participar-lhe o estado em que ella se encontrava, e que a sua vida estava em perigo.

—Pois hei de salval-a; digam-lhe que venha cá.

Trouxeram a doente effectivamente para a sala em que se achava o rei com muitos fidalgos. O monarcha apenas proferiu estas palavras: — *Como está?*

Mas a maneira como foram proferidas calou de tal modo no animo da menina, que percebeu que o rei ainda lhe tinha amor, e ia outra vez renovar as relações com ella. Recuperou com effeito

---

lhe que se retractasse; mas o padre estava emperrado. Apesar de ter sessenta annos de edade, não quiz renunciar ao Judaismo. Não deu provas de fraqueza alguma, e nem sequer se dignou responder uma só palavra aos jesuitas e aos frades que lhe diziam ao ouvido que se convertesse. E a morte d'este homem foi havida como uma grande gloria para os judeus, e para os christãos novos. Os padres porém estavam furiosos; de proposito lhe prolongavam e refinavam os padecimentos. O padre brazileiro, porém, já no supplicio, bradava-lhes: E' uma grande infamia, e uma vergonha o tratardes assim um homem que morre por affirmar que não ha mais do que um Deus, que vos ha de punir, desgraçados, de o offenderdes d'esta sorte! (*Mémoires instructifs por un voyageur, Amsterdam*, 1738).

a saude, poupando ao seu real amante o incommodo de mandar dizer missas por sua alma.

São muito fallados os dois meninos de Palhavã,[77] filhos naturaes d'el-rei D. João V, mas se nós repararmos bem no que os livros nos dizem, D. João V deveria ter sido pae de muitas dezenas de filhos bastardos. Porém succede o que

---

[77] Ainda em 1787 viviam na sua quinta de Palhavã. Lord Beckford faz a respeito d'elles as seguintes considerações nas suas *Cartas* ácerca de Portugal: Quanto póde a força da educação! Que esforços não demandaria da parte das aias, escudeiros e camaristas, abafar todas as vividas e generosas sensações no animo dos principes que educavam, violentar a natureza humana, sugeitando-a aos habitos d'uma realeza sem poder! A magestade sem dominio é de todas a carga mais pesada. Um soberano achará em que se occupe; tem a escolha do bem ou do mal; porém principes como os de Palhavã, sem mando, nem influencia, que nada mais têm a manter do que uma imaginaria grandeza, bocejarão com o espirito hebetado, e no andar do tempo se mostrarão tão cerimoniosos e inanimados como as pyramides de buxo enfezado em seus jardins. Quanto mais felizes foram os rapazes que o rei João entendeu que não devia reconhecer, e que não são poucos, «porque o piedoso monarcha, largo como os seus dominios, espalhava a imagem e similhança do seu creador pela terra.»

Estas *Cartas* são interessantissimas e escriptas d'um modo encantador. Na nossa obra *Portugal e os Estrangeiros* (Lisboa, 1879, 2 vol.) encontral-as-ha completas o leitor, traduzidas em portuguez pelo grande escriptor Rebello da Silva.

acontece em todos os tempos: uns, sem para isso trabalharem, tiveram seus nomes na Historia, os nomes dos outros ficaram na obscuridade.

Foram os excessos amorosos do rei que lhe estragaram a saude; a ponto de ter ido muitas vezes procurar allivio para seus males nos banhos das Caldas. Tinham já n'aquelle tempo estas aguas uma grande fama e um escriptor as exalta nas seguintes phrases que pela sua originalidade não queremos deixar de transcrever: «Quem poderá duvidar[78] que sendo as aguas das Caldas da Rainha melhores que as de Vichy, farão as mesmas, e mais prodigiosas curas, e que se fossem administradas por um medico sciente se poderia tambem dizer em Portugal: «adeus leites de vacca, e de cabra: adeus soros e leite de burras: consolae-vos vitelinhas e burrinhos, está chegado o tempo que vos deixarão o alimento que a natureza vos tem destinado: adeus caldos de frangos, que sendo simples, sois excellentes tambem, e uns verdadeiros netos do caldo de gallinha: mas recheiados com as drogas do paganismo de Galeno, sois uma verdadeira peste, e

[78] Observações sobre as aguas das Caldas da Rainha, por um curioso. Paris. Offic. de Jacob Vincent, 1752.

podeis casar sem dispensa com os leites, aguas de malvas e outros (chamados remedios frescos, para enganar os enfermos, augmentando-lhes as obstrucções): adeus tizana de aveia da celebre madame Fouquet, que sendo simples, fazeis bem, porém misturada com maná salcatartico, e trociscos de fio ravente, fazeis uma purga endiabrada, que só se pode dar a um robusto mariola.»

A enfermidade do rei foi uma mina para os frades e para as confrarias. Desde que elle foi accomettido do primeiro ataque (paralysia) começaram logo as preces e as procissões, de dia e de noite. As communidades andavam de umas egrejas para as outras com as imagens de mais devoção: o Senhor dos Passos foi para a Patriarchal: a imagem da Senhora do Carmo do convento d'essa invocação, esteve no proprio aposento do rei. Emfim, era uma ostentação de piedade e de affecto pela pessoa do rei, que seria sublime, se não fosse claramente uma torpe especulação com o espirito fraco do soberano. A todos esses actos de devoção e de sympathia o rei correspondia com a sua habitual liberalidade, e por isso os frades semeavam para colher.

As academias litterarias tambem se empenhavam nos testemunhos de vassalagem ao rei. A

Academia dos Escolhidos, fundada em 1742, de que era presidente José Freire Monterroyo Mascarenhas, (que instituiu a *Gazeta de Lisboa)* propoz varios problemas para o assumpto de um *certamen,* que duraria tres dias, em applauso das melhoras de el-rei. Era o primeiro problema: «Se foi tão grande a molestia de S. M. como a affectuosa piedade dos seus vassallos.» O segundo: «Se na doença de S. M. mostraram mais fineza nas suas rogativas os habitantes d'esta côrte, ou os moradores dos logares distantes.» O terceiro: «Se foi n'este reino tão grande o sentimento na queixa de S. M. como o gosto na sua melhora.»

E estes tres problemas haviam de desenvolver-se em odes latinas, em romances heroicos, romances vulgares, lyras, sonetos, epigrammas, oitavas e decimas!!

Quando el-rei melhorou, mandou repartir magnificas esmolas pelas communidades e confrarias que tinham saído em procissão de preces, e então é que foi um espalhar de milhares de cruzados verdadeiramente louco.

Os medicos aconselharam a el-rei os banhos das Caldas: logo se mandou concertar as estradas e construir alli palacios de madeira para

alojar a côrte, e foi o cardeal da Cunha benzer as estradas, dias antes da partida do rei.

O rei foi acompanhado dos infantes, medicos, padres, imagens e reliquias.

A Villa Nova vieram esperal-o varias communidades, ás quaes logo elle mandou dar cerca de 600$000 réis.

Antes de partir para as Caldas, mandára dar 200 moedas a cada um dos medicos da camara, e 100 aos de fóra que lhe tinham assistido, com a mercê do habito de Christo e uma tença de réis 100$000, pagos na casa da moeda; e aos criados que o serviram na doença, quiz que se dessem 60 moedas a cada um! Dois padres que o acompanharam ás Caldas, levaram 24:000 cruzados em pequenas moedas para se distribuirem pelos pobres.

Os frades de Alcobaça, apenas a côrte chegou ás Caldas, enviaram lhe um presente que constava de 69 vitellas, 194 presuntos, 182 queijos, 210 perús, 692 gallinhas, 12 cargas de fructa, 36 paios e 333 caixas com doces.

El-rei repartiu este *mimo* dos Bernardos, que viera expressamente para elle e sua familia, pelos cardeaes da Motta e da Cunha, e pelos frades arrabidos das Gaiciras, mandando a estes mais

200$000 réis de esmola. O guardião veio agradecer a el-rei a sua caridade, e S. M. ainda lhe mandou dar mais 200$000 réis. Era um nunca acabar, uma fonte inexhaurivel para os conventos, o seu bolsinho, que era afinal de contas o thesouro publico.

Além d'estes donativos ainda el-rei mandou aos frades arrabidos de Santarem e de Valle de Figueira, 400$000 réis, e ao Senhor da Pedra 10:000 cruzados para as obras da sua egreja!

Os donativos e gratificações que el-rei deu, quando tomava os banhos, foram egualmente extraordinarios: só aos dois enfermeiros, que o mettiam e tiravam do banho, foram 200 peças de ouro de 6$400 réis, e 60$000 réis de tença! E depois aos medicos, e ao dono das casas que lhe serviram de paço, e ao dono da casa onde estava a rainha, e ao prior, e a tudo e a todos finalmente, e sempre com a mesma liberalidade. No dia 17 de agosto regressou á capital fazendo a jornada em 12 horas, ou em 10, segundo diz a *Gazeta de Lisboa*.

E ao lado d'esta grandeza verdadeiramente realenga, figurava a miseria.

A administração publica não podia ser mais desamparada da vigilancia governativa. Não havia

nenhuma segurança pessoal: os ladrões e assassinos eram desaforadissimos: roubava-se e assassinava-se em pleno dia, apesar de trabalharem constantemente duas *polés,* uma das quaes no Rocio, sem embargo da forca estar em exercicio todos os mezes, e apesar do espirito religioso que parecia exercer tamanha influencia.

A administração militar era um foco de ladroeiras. Os assentistas impunemente roubavam os fornecimentos. E a tal ponto chegava o desgoverno, que, no mez de março de 1742, se pagaram 3 mezes de soldos e prets á tropa, e se lhe ficaram devendo ainda 6. E n'este tempo fugiram de Lisboa para Inglaterra 3 assentistas com 108:000 cruzados!

E já que fallâmos dos loucos desperdicios do magnificente monarcha, descreveremos a largos traços a maneira como elle se apresentou na entrevista do Caia, para a troca das infantas de Portugal e de Hespanha.

Nas Vendas Novas mandou por essa occasião [79] levantar o palacio que lá está, adornan-

[79] O sr. Pinheiro Chagas descreve estas scenas no seu bello romance, *A Côrte de D. João V*, (Lisboa, 1867).

do-o de muitas pinturas, ricas tapeceria e custosas armações.

O patriarcha, 12 conegos e mais ecclesiasticos necessarios para o culto, acompanharam el-rei, além de numerosissima comitiva composta de todos os fidalgos que tinham cargos no Paço e de muitos outros que foram para tornar mais luzida a funcção. O estado da Casa Real, n'essa occasião, constou de 10 coches, 8 berlindas, 29 estufas, 2 caleças, e 141 seges. Os animaes de tiro para o serviço d'esses vehiculos foram 353 urcos ou frisões, como lhe chamavam, para os coches; 468 cavallos e muares das seges e dos criados de cavallariça; 673 cavallos de sella e 316 muares das galeras, carros de matto, liteiras e outros transportes.

Os criados passavam de 900, só para o serviço dos coches e para cuidarem do gado. E além d'este estado havia todo o acompanhamento que pertencia aos fidalgos que iam na comitiva.

Os infantes iam cada um em seu coche: a rainha tinha o seu coche além do do estado, bem como o rei. Assim se tornava mais apparatoso o prestito.

Para o regresso a Lisboa foram necessarios mais de 300 barcos, que de Aldeia Gallega se-

guiram até Belem, onde se fez o desembarque n'uma vistosa ponte que alli se armou, e d'ahi vindo em direcção á Esperança, o prestito subiu a calçada do Combro, rua do Chiado, rua do Ferro, Pelourinho, até ao Terreiro do Paço, onde era o palacio e Capella Real.

Os filhos de D. João V parece terem tido alguma educação litteraria, mas acanhada. Da infanta real, que depois cazou com o principe das Asturias, nos diz o livro *Mémoires instructifs*, já por varias vezes citado: «A infanta dava grandes esperanças e tinha uma indole excellente. As bexigas tinham extraordinariamente desfigurado o seu rosto. Fallava varias linguas, como a rainha sua mãe, irmã do imperador Carlos VI. O principe do Brazil n'aquelle tempo era bello; como não fallava francez tomei a liberdade de lhe perguntar a razão. Sua Alteza Real deu-me em resposta:—*Minha mãe não quer*. Tendo-lhe replicado que a Infanta Real fallava bem o francez, o principe respondeu-me:—*Porque minha mãe assim o quer!*

E não podia deixar de ser acanhada a educação freiratica d'aquelle tempo.

Já se viu como a familia real andava continuamente pelas egrejas, porque assim era moda, e porque n'ellas tambem havia divertimentos. Os Jesuitas representavam vidas de Santos em latim nos seus collegios. E em hespanhol e portuguez, eram afamadas as que se representavam nos conventos de frades e freiras. Nenhumas porém tão falladas como as do convento de freiras dominicanas do Salvador em Lisboa, ao Menino Jesus que crescia, -- celebre imagem ácerca da qual se detem muito o nosso mavioso fr. Luiz de Souza, na sua admiravel Historia de S. Domingos.

Se os limites impostos a este trabalho permittissem mais delongas, apresentariamos dezenas de exemplos e citações para demonstrarmos que nos mosteiros tambem havia divertimentos e prazeres, e que os frades e freiras estavam muito longe de serem as creaturas asceticas e desditosas que muita gente hoje imagina [80]. Nos con-

[80] Por estes tempos, segundo diz fr. João de Nossa Senhora na sua *Oração Capitular* publicada em Lisboa em 1741, contava a provincia do Algarve 50 conventos com mil e tantas religiosas, e mais de novecentos frades.

A um ministro inglez que lhe fallava em tão extraor-

ventos havia luxo, ostentação, modas e vicios, pois não era só el-rei D. João V que roubava as esposas ao Senhor. E até mesmo eram n'este reinado tão vulgares as infamias praticadas nos mosteiros, que o celebre corregedor Bacalhau teve de tomar providencias mui rigorosas contra taes abusos. E andou mui acertadamente, pois nem todos á hora da morte tinham á sua disposição indulgencias plenarias em abundancia.

Mas se ha, e com rasão, muito que censurar durante o reinado de D. João V, ninguem lhe poderá jámais tirar a gloria que de direito lhe pertence, pois foi na realidade de todos os monarchas portuguezes o que mais protegeu as artes e as lettras. No capitulo com que vamos finalisar o demonstraremos.

---

dinario numero de religiosos existentes em Portugal, respondeu D. João V: — Esta gente em geral é mandriona: e eu antes a quero ter dentro de conventos, onde está recolhida, do que vel-a andar vadiando.

XVII

Depois do pouco lisongeiro quadro que têmos esboçado e documentado, manda a justiça que prestêmos homenagem ao que houve de bom n'este reinado. Elle marca — já o dissemos, e repetimol-o agora, — um periodo notavel na historia das bellas-artes portuguezas. As lettras e as sciencias recebêram impulso. E o nome portuguez durante essa epocha, teve incontestaveis glorias.

«Quando não fôra tão fertil o reinado de D. João V (diz um escriptor portuguez[81]) em acontecimentos gloriosos, quando não houvesse tantos

---

[81] *Panorama.* Anno de 1844 pag. 395.

monumentos de sua grandeza e sabedoria, as instrucções mandadas dar pelo rei a André de Mello e Castro, seu enviado em Roma no anno de 1707, bastariam para provar que a prudencia, a previsão, a dignidade, e o saber presidiam aos actos da sua illustrada administração.

E' sabido que durante o reinado d'este soberano foram sobre modo protegidas as lettras e as artes: estabelecendo-se então fabricas de vidros, de sedas, de armas, de papel, de atanados, de couros e de marroquins, bem como as fundições para artilheria.

A D. João V se deve a construcção do sumptuoso edificio e convento de Mafra, o de Santa Clara do Louriçal, o paço das Vendas Novas, o paço e hospicio de N. Senhora das Necessidades, reforma do hospital das Caldas da Rainha, e muitos outros edificios de menos nomeada. E todas estas numerosas obras publicas poude elle mandar fazer, apesar de sustentar pelo espaço de sete annos mui dispendiosa guerra com Castella. Feita a paz no anno de 1715, não tardou que no anno seguinte enviasse ao Levante uma armada portugueza em soccorro dos venezianos contra os turcos, continuando Portugal nos annos subsequentes do seu governo a occupar, nos conse-

lhos europeus, um logar distincto como potencia de primeira cathegoria.

Fiel observador dos tratados de alliança que celebrou, distinguiu-se o seu reinado pela fé, que manteve sempre com os seus alliados, sem que nem promessas, nem ameaças podessem nunca desvial-o do leal cumprimento das estipulações de taes tratados. Esta verdade vê-se demonstrada em todos os documentos d'aquella epocha, e apparece com um novo brilho nas instrucções dadas a André de Mello e Castro no começo quasi do reinado de D. João V, e antes do seu casamento negociado por Fernão Telles da Silva, terceiro conde de Villar Maior, que, concluida a negociação, acompanhou a archiduqueza D. Maria Anna, filha do imperador d'Austria Leopoldo I, e entrou com uma esquadra ingleza de 18 naus de guerra no porto de Lisboa, no dia 26 de outubro de 1708 [82].

Já dissémos algumas palavras ácerca de Ma-

[82] Estas instrucções correm no referido volume do *Panorama* de paginas 360 a 364. Foram bastantemente elogiadas. E na Bibliotheca Publica de Lisboa existe uma grande collecção de opusculos tanto em prosa como em verso, em differentes idiomas, e impressos em varios paizes, em louvor d'um tal consorcio.

fra, a obra mais monumental do seu reinado. Fallêmos de outra sua maravilha, a capella de S. João Baptista: quantas capellas haverá no mundo que possam ser comparaveis com a de S. João Baptista em S. Roque de Lisboa? Que deslumbrante riqueza! Ha quem diga ter apenas uma rival na capella *Sixtina* em Roma!

«D'aquella collecção de pedras e metaes preciosos, diz um escriptor portuguez [83], em que o trabalho do artista mal deixa aos olhos do observador reparar na riqueza da materia: de toda aquella fabrica magnifica, resalta o nome de D. João V, tão claro e brilhante, como se estivesse ali esculpido repetidas vezes em lettras d'ouro. N'esta capella está retratada uma das qualidades mais preeminentes do caracter d'el-rei D. João V, e tambem n'ella está escripto moralmente o maior acontecimento da sua epocha, o successo que deu ao seu reinado o vulto e feições que o distinguem de todos os outros. Essa qualidade é o amor da ostentação que levou aquelle monarcha a esforçar-se por imitar Luiz XIV, o fastoso rei de França.

---

[83] *Archivo Pittoresco* de 1864, pag. 273.

Aquelle successo foi o descobrimento das minas de ouro e de diamantes do Brazil.

A capella de S. João Baptista é o epitome de todas as glorias architectonicas e artisticas do reinado, em que mais se construiu n'esta nossa terra, e foi, como o ultimo canto do cysne, a derradeira e mais bella de todas as obras de arte do rei *magnanimo*. A egreja do Menino Deus em Lisboa, rica em pedraria, quasi que deve sua existencia a D. João V.

Nenhum dos monarchas portuguezes teria animo e posses para dispender tão avultadas quantias na edificação de uma pequena capella, senão o fundador do palacio e basilica de Mafra.

Todas as capellas na egreja de S. Roque tinham confrarias e irmandades que as adornavam, e n'ellas faziam sumptuosas festividades; uma só cousa que se achava votada ao despreso, era a de S. João Baptista. Não tinha confraria que olhasse por ella, e el-rei quando tal soube, exclama: — Pois bem: eu serei o seu protector, visto o santo ter o meu nome!

E dito e feito. Acabado o risco da capella, feito pelo architecto Vanvitelli, e trazido a Lisboa, el-rei gosta d'elle, e o manda executar, remettendo logo grossas quantias de dinheiro. Concluida

toda a obra da capella, o papa Benedicto XIV manda armal-a até á cimalha real dentro da basilica de S. Pedro, depois de se ter procedido ás cerimonias da sagração, e n'ella resa a primeira missa.

E el-rei D. João V envia-lhe como esmola de uma tal missa, um calix d'ouro de primoroso lavor, cravejado de diamantes no valor de quarenta contos de réis.

Desmanchada a capella, e encaixotadas todas as suas peças, foi conduzida a Portugal por Alexandre Giusty, e por outros artistas encarregados de a *collocarem* na egreja de S. Roque.»

A capella de S. João Baptista em S. Roque é um monumento de tal ordem que a viuva de Napoleão II foi o que de mais notavel viu em Lisboa, o que não admira, pois conta-se que na epocha da invasão franceza, o general Junot já estava encaixotando tudo aquillo para remetter para França, mas tendo os operarios estragado um vidro, exclamou subitamente: — Parai, não se diga que Junot foi tão barbaro que mutilou uma obra tão preciosa. [84]

---

[84] *Magasin Pittoresque*, vol. V., 1837.

Da riqueza e grandeza da capella da Sé d'Evora falla assim o dr. Filippe Simões no tomo XI do *Archivo Pittoresco*: «Na Sé d'esta cidade ha entre a capella-mór, obra do architecto d'el-rei D. João V, e o corpo do templo, construido no reinado de D. Sancho I, um contraste não menos notavel, que o que nos resulta de compararmos o devoto instituidor da patriarchal com o reforçado repressor dos excessos do clero. Na variedade, riqueza, polimento e brilho dos marmores da capella mór da Sé d'Evora, na belleza das côres, na elegante e bem proporcionada articulação de todas as peças, na exuberancia da luz e ornatos, admirâmos o luxo e magnificencia de um rei, que parecia convencido de que nas ostentações dispendiosas tinha os unicos e verdadeiros alicerces do altar e do throno. A capella-mór da Sé d'Evora é a obra prima de Ludovici[85], e o principal monumento da sua gloria. Se não tem comparação nas dimensões com o palacio e convento de Mafra, leva lhe grande vantagem na fineza da pedraria e na elegancia da architectura. E é tal a belleza

[85] Este architecto é de origem allemã. Veja-se a tal respeito um opusculo composto pelo sr. visconde de Sanches de Baena.

e a combinação das côres dos marmores, lustrosos como espelhos, tão bem proporcionadas as partes, tão harmonico o todo, que os olhos se deleitam a contemplar aquella graciosa perspectiva, sem encontrarem uma só peça que melhor parecesse de outro modo imaginada. O espirito vê ali evidente e manifesta a perfeição da arte.»

Mas ainda não termina aqui a enumeração dos monumentos, edificações e obras publicas que devemos ao prodigo monarcha. Reedifica a praça de Campo Maior. Manda fazer bellas imagens para um grande numero de egrejas, e entre ellas a da Senhora Mãe dos Homens, para a egreja conventual de Xabregas, com o fim de obsequiar o celebre poéta d'este convento. Institue duas academias militares: uma em Elvas, outra em Almeida. Funda os sumptuosos arsenaes de Lisboa e de Extremoz, e a fabrica da polvora em Barcarena, que começou a funccionar em 8 de dezembro de 1729. Manda erigir uma fabrica de sedas no sitio da Cotovia, em Lisboa, na qual trabalhavam com tanta perfeição, que se teciam n'ella as mais delicadas sedas e todo o genero de tissus, telas e estofos d'ouro e prata.

É igualmente a este rei que devemos duas riquissimas bibliothecas: a de Mafra e a de

Coimbra. A edificação d'esta ultima começou em 10 de abril de 1712, e findou em 1728, tendo-se gasto na sua construcção e em todos os arranjos necessarios, perto de 70 contos de réis, afóra 15 contos empregados na compra de livros.[86]

De todas as grandes obras, porém, que elle nos deixou, a mais monumental, a mais util, porventura aquella em que os dinheiros publicos (tão loucamente prodigalisados), tiveram melhor applicação, foi a construcção do grandioso Aqueducto das Aguas Livres.

Para esse fim lançou um tributo especial, o que não é para admirar, porque as finanças andavam deploravelmente administradas (e a tal ponto que por occasião do fallecimento do rei não havia dinheiro para os funeraes). Esse imposto foi de 60 réis em cada alqueire de sal vendido em Lisboa, 10 réis em cada canada d'azeite, 50 réis em cada panno de palha. Mais tarde o mesmo imposto tornou-se extensivo ao vinho e á carne.

Mas é na realidade ainda hoje o Aqueducto o espanto e o assombro dos estrangeiros, obra

[86] Florencio Mago Barreto Feio: Memoria historica e descriptiva ácerca da Universidade de Coimbra, pag. 9.

utilissima, pois Lisboa luctava cruelmente com a falta d'agua. Lord Beckford em 1787 assevera que muitas vezes tinha ouvido fallar d'elle como o edificio mais colossal do seu genero na Europa.

Este magnifico aqueducto cujo risco e desenho são obra do brigadeiro Manuel da Maia, começou em 1729 e foi concluido em 1748. «Foi, diz o padre Fr. Claudio da Conceição, no seu *Gabinete historico,* o maior beneficio que D. João V fez á cidade de Lisboa, fazendo-lhe um Aqueducto que de longe introduzisse agua em tanta abundancia, como se vê nos muitos chafarizes, que aformoseam a mesma cidade. Se Lisboa é grande, se é populosa, só a esta obra se deveu. Sem esta providencia Lisboa jamais passaria dos limites do bairro de Alfama, onde sómente havia quatro chafarizes, e alguns poços e cisternas: todo o resto da cidade que hoje se vê povoado eram campos, e n'elles sómente se viam poucas casas, e as mais d'ellas eram conventos...»

O padre é exagerado: o Bairro Alto era já muito povoado, mas effectivamente o Aqueducto das Aguas Livres era um monumento sem rival.

Mas continuêmos o que diziamos ácerca de D. João V: apezar de viver n'uma epocha em que as

sciencias estavam em todo o mundo n'um estado incrivel d'atrazo [87] ainda assim mandou vir da Italia dois mathematicos d'alguma habilidade—os padres Domingos Cappace e João Baptista Carbone.

E não deixa de merecer elogios por mandar vir mathematicos para Portugal, um rei que viveu n'uma epocha, em que Montfaucon visitando as bibliothecas de Italia, encontrou em Pavia uma,—a do cavalheiro Belcredio,—que nenhuns livros continha que não fossem obras em defeza da Immaculada Conceição. É Lady Morgan quem nol-o refere, no tomo III da sua obra *L'Italie*.

O proprio Alexandre Herculano, que tanto se

---

[87] D'este estado de cousas pode-se fazer uma idéa lendo a seguinte passagem, que se encontra no *Journal des Savants*, de 1707, pag. 47: «Mr. Le Clerc estabelece em primeiro logar como primeira hypothese: Que o Firmamento não é mais do que uma vasta extensão d'agua, que por todos os lados rodeia o nosso TURBILHÃO com uma infinidade d'outros, em cada um dos quaes está encerrada uma ESTRELLA ou um corpo luminoso, assim como o SOL está contido em o nosso.» Os primeiros trinta ou quarenta volumes d'esta collecção quasi de nada mais tractam, do que de dar noticia de: Sermonarios, livros de Theologia, de Jurisprudencia, de direito Canonico, vidas de Santos e Santas milagrosas, de Beatos, de Beatas, versalhada latina, etc.; exactamente os mesmos assumptos, ácerca dos quaes se escrevia em Portugal, no reinado de D. João V..

aproveitou d'essa immensa *Collecção de documentos relativos a negocios de Portugal,* mandada copiar em Roma, no que D. João V gastou uns 200 contos de réis, confessa que esse monarcha deu impulso aos estudos historicos em Portugal. Elle o confessa no *Eu e o Clero,* e passagens da Symicta lá se encontram na *Historia de Portugal,* d'este nosso grande escriptor.

E deu na realidade. Houve jamais em Portugal um rei tão zeloso da conservação dos antigos monumentos como D. João V? Que o diga a lei de 20 d'agosto de 1721.

Os riquissimos presentes mandados dar por D. João V na Allemanha, ás pessoas que acompanharam a rainha sua esposa, aos officiaes da esquadra ingleza, que a conduziram a Lisboa, e á propria rainha Anna da Grã-Bretanha, foram de uma magnificencia e prodigalidade espantosas. Para maior solemnidade d'este matrimonio, chegou do Brazil a Lisboa no referido mez de dezembro a frota mais rica e numerosa de quantas de lá tinham vindo. Compunha-se de mais de cem navios, cuja carga em ouro, diamantes, as-

suçar e outras mercadorias e generos preciosos se avaliava em 54 milhões de cruzados.

A instancias do papa Clemente XI duas vezes[88] largou do Tejo, durante este reinado, uma esquadra portugueza commandada pelo conde do Rio Grande. A primeira vez compunha-se esta frota, sahida do Tejo em 1716, de 9 vasos de guerra, com 390 bocas de fogo, e 2581 praças. Os inimigos turcos não foram encontrados, e a nossa esquadra voltou ao Tejo.

A gloria, porém, estava-lhe reservada para o anno immediato.

A esquadra portugueza encontrou os inimigos no Cabo de Matapan, pelejou e ganhou a victoria.[89] Tinhamos então navios de guerra por toda a parte, e ainda assim esta esquadra compunha-se de:—Nau *Conceição*, com 80 bocas de fogo, e 700 homens:—Nau *Sr.ª do Pilar*, 700 h. 80 peças:—Nau *Assumpção*, 500 h. 66 p.:—Nau *Sr.ª das Necessidades*, 500 h. 66 p.:—Nau *S.ta Roza*, 500 h. 66 p.:—Nau *Rainha dos Anjos*, 350 h. 56 p.:—Brulote *S.to Antonio de Padua*,

[88] Vida do Serenissimo Eugenio Francisco de Saboya, Lisboa, 1739. Parte II, pag. 45.

[89] J. P. C. Soares: Quadros Navaes, vol. III, pag. 85.

8 p. 40 h.: — Brulote *S.to Antonio de Lisboa*, egual lotação: — Transporte *S. Thomaz*, 20 p. e 100 h.: — Uma tartana com 8 p. e 60 h. Ao todo 11 navios, 518 boccas de fogo e 3840 homens.

Nossa frota tinha de combater ao lado de navios venezianos, pontificios, napolitanos, maltezes e hespanhoes, que chegavam ao numero de 177 embarcações, entre as quaes se contavam 62 de linha, mas a força e renhido da acção coube aos portuguezes, no dia 19 de julho de 1717. O balio e tenente general Bellefontaine, desamparou o seu posto, vendo-se por isso o nosso conde do Rio Grande na necessidade de combater em a nau *Conceição* com a *Sultana* do Grão-Bachá, que era de 110 peças e 1500 homens: o conde de S. Vicente em a nau *Pilar;* o capitão de mar e guerra Pedro de Souza, na *Assumpção;* Rolhano, na *St.a Roza*, com as sultanas inimigas. Mas todos se portaram com tal ardor e valentia que fizeram perder aos turcos uns 5000 homens, perdendo os portuguezes uns 200 homens, entre os quaes o capitão de mar e guerra Manuel André, da nau *Pilar*.

Deu brado esta victoria, e o Papa mandou agradecer a D. João V aquelle serviço feito á

Christandade, e ao conde de Rio Maior remetteu-lhe um breve que principiava por estas palavras: *Dilecte Fili, Nobilis Vir, salutem, etc.*

A cidade de Pór, do reino de Cambaya, a umas 40 leguas da praça de Diu, era desde muitos annos vassala e tributaria da corôa de Portugal, mas, instigada pelos arabios, pretendeu sacudir esta antiga sujeição, e começou por negar o pagamento de tributos a Portugal. Mandou então o conde da Ericeira, vice-rei do Estado da India, que o general da armada D. Lopo de Almeida fosse com uma esquadra reduzir aquella cidade á obediencia. Recusando dar ouvidos aos nossos, a povoação foi entrada á força, com morte de 400 arabios e cambayanos.

O schah da Persia tem noticia de que os arabios lhe tinham tomado a ilha de Baharem, e lhe estavam sitiando Ormuz, manda por isso uma pomposa embaixada ao conde da Ericeira, pedindo-lhe que fosse afugentar aquelles povos e salvar aquellas povoações. Os arabios são atacados por Antonio de Figueiredo Ultra, que fôra mandado para tal fim, e foram derrotados, sendo

mettida a pique a nau capitania dos inimigos, de 80 peças, e ficando os restantes navios incapazes de poderem navegar.

Não só na Asia mostraram os portuguezes que descendiam dos antigos heroes de Aljubarrota, Montes Claros, e Linhas d'Elvas. Malta ainda hoje apresenta grandes monumentos devidos a portuguezes, pois os dinheiros portuguezes íam então para toda a parte.

E, comquanto este reinado não possa servir de modêlo no tocante ás coisas da guerra, alguma coisa todavia se fez no caminho dos melhoramentos. Provam-n'o as reformas realisadas na organisação da infanteria, cavalleria e dragões, plas novas ordenanças de 15 de novembro de 1707. Na obra, hoje rarissima, intitulada *Memoria em que se dá noticia da força militar terrestre, etc.*, por Antonio Joaquim de Gouvêa, se encontra noticia minuciosa d'essas reformas.

E como fallâmos em assumptos bellicos, não deixaremos de citar o infante D. Manuel, irmão de D. João, a quem se refere um extraordinario numero d'obras estrangeiras, e que contava uns 17 annos d'edade quando sahiu occultamente de Lisboa, passando á Hollanda, e d'aqui á Hungria, onde militou ao lado do celebre principe Eugenio

de Saboya, e assistiu ás batalhas de Peterwaradin, Temeswar e Belgrado.

N'uma batalha correu grande perigo a sua vida, ficando devedor da conservação d'ella a D. Diniz d'Almeida, cavalleiro de Malta, que andava a serviço do imperador da Allemanha. A peleja foi renhidissima, mas por fim os christãos ficaram vencedores dos turcos, sobre os quaes foi grande a mortandade causada [90]

Do valor do nosso infante fallaram com particular applauso todas as memorias d'aquelle tempo. O *Journal Historique,* notavel gazeta que publicava então tudo quanto de notavel se passava pelo mundo, e na qual a cada passo se falla dos feitos dos portuguezes, em março de 1718 declara que o principe de Portugal tinha adquirido «muita gloria e reputação de bravura.» Lady Mary Wortley Montague, escriptora celebre, é uma das maiores admiradoras de D. Manuel: e a pag. 59 das suas cartas diz: «O joven principe de Portugal é, em Vienna d'Austria, a admiração de toda a Côrte: é bello, polido, e tem grande vivacidade. Todos os officiaes dizem ma-

[90] Vida do principe Eugenio de Saboya, parte II, pag. 57.

ravilhas da sua valentia na ultima campanha».

Este principe parece que tambem apreciava as bellas-artes, pois esta escriptora dá-nos noticia de que elle «comprara uma *famosa* collecção de quadros, que tinham pertencido a Fouquet».

Voltêmos, porém, a D João V: a mais gloriosa de todas as suas creações é sem duvida a Academia Real de Historia Portugueza, fundada por elle em 1720.

Em 4 de novembro de 1720 communicou o rei seu pensamento ácerca de tal fundação ao theatino D. Manuel Caetano de Souza, encarregando-o de lhe apresentar o plano da Academia que intentava fundar.[91] A esta commissão satisfez elle em poucos dias n'um extenso relatorio em que, depois de estabelecer as bases do novo edificio, propunha a *Italia Sacra* de Fernando Ughelli como modelo para a historia ecclesiastica de Portugal. E a 8 de dezembro do dito anno, celebrou-se no Paço da Casa de Bragança a primeira sessão publica, a que assistiram 34 academicos.

Além das memorias colligidas em 14 volumes,

---

[91] M. J. M. T. no jornal «O Panorama» de 1840. (vol. VI).

que alcançam desde 1721 até 1734, escreveram differentes academicos mais quarenta e tantos volumes, em que trataram extensa e profundamente de muitos pontos de historia nacional. Que bibliographo haverá que não conheça a *Bibliotheca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado, e as *Memorias d'el-rei D. Sebastião?* Quem não admirará o genio investigador que presidiu á composição dos 21 vol. da *Historia Genealogica* por D. Antonio Caetano de Souza? Porém, nem só estes dois distinctos nomes honraram aquella Academia:—os do conde da Ericeira, D. Francisco, cantando as façanhas do grande Henrique; D. Luiz Caetano de Lima, auctor da *Geographia Historica de Portugal;* José Soares da Silva, que escreveu as *Memorias para a Historia de D. João I;* o dr. Alexandre Ferreira, que publicou as interessantes *Memorias e Noticias da Ordem dos Templarios;* Fr. Lucas de Santa Catharina, Fr. Pedro Monteiro, o marquez d'Alegrete, D. Jeronymo Contador d'Argote, e tantos outros.

Aos monges da Cartuxa deu D. João V, (em 1729) 5:000 cruzados, só para dourarem o reta-

bulo da sua egreja. Muitos mil cruzados lhe custou tambem a edificação da egreja do Senhor da Pedra, começada em 1740. Porém os milhares de mil cruzados que dispendeu na construcção da basilica de Mafra sobem a um numero quasi incrivel. Fazer-se-ha idéa do dispendio nas obras sabendo-se que trabalharam n'ellas 3997 canteiros, 1162 carpinteiros, e 54 entalhadores!

«Ultimamente para que houvesse no reino homens peritos na architectura, sem ser preciso ir mendigal-os ás nações estrangeiras, ordenou el-rei se abrisse em Mafra uma aula de risco, onde fossem aprender os rapazes que se achassem de melhor engenho, e mais capazes de a exercitar, taxando ordenado a cada um, e augmentando-lh'o todos os annos, segundo o seu adiantamento. [92] O nosso grande esculptor, Joaquim Machado de Castro exclama enthusiasmado: «Quem se terá esquecido das immensas sommas que o senhor rei D. João V de saudosa memoria dispendeu magnificamente com professores das artes de desenho? Diga-o ainda Mafra; recorde-o a Basilica Patriarchal; e mostre-o a preciosa ca-

[92] Fr. Claudio da Conceição: Gabinete Historico, vol. VIII, pag. 123.

pella de S. João Baptista na egreja de S. Roque»...[93]

Perdoemos-lhe pois a sua doida prodigalidade, as suas fragilidades, e os seus defeitos, que foi elle o maximo protector entre nós das lettras e das bellas-artes, e até mesmo entre estrangeiros, pois que á porfia lhe dedicavam suas obras, e d'elle recebiam grandiosas pensões e brindes.

[93] JOAQUIM MACHADO DE CASTRO: Carta que um affeiçoado ás artes de desenho escreveu a um alumno da esculptura, para o animar á perseverança do estudo. Lisboa, 1817.

CONCLUSÃO

O que D. João V fez em prol das lettras já tem sido reconhecido por muitos escriptores, e o proprio Garrett no *Romanceiro* lhe prestou essa justiça dizendo: «ao menos protegeu as lettras e as artes: a culpa não foi sua, mas do seculo, se de tão mau gosto eram as lettras que protegia. O crepusculo da nossa rehabilitação luziu effectivamente em seu reinado.»

Isto é verdade, e o nome d'este rei era apregoado com admiração por todo o mundo!

Ide a Malta e lá encontrareis peças d'artilheria mandadas por el-rei D. João V. Contemplae, e vereis que as obras mais excellentes que ali existem datam do tempo do referido rei, e foram devidas a portuguezes!

Lêde a obra de Frascarelli, «Iscrizioni Portoghesi che esistono in diversi luoghi di Roma», [94] e vereis o que do tempo d'este rei existe na cidade eterna. Mas chegam a centenares, os livros que tratam d'este assumpto: e innumeras são tambem as obras (algumas d'ellas verdadeiramente monumentaes) publicadas no Estrangeiro e dedicadas a D. João V ou feitas sob os seus auspicios. E de quantos nomes gloriosos se não ufanou Portugal n'essa epocha! O illustre D. Antonio Manuel de Vilhena, a quem os proprios inglezes erigiram uma estatua! O grão mestre Pinto! E tantos outros.

Pensa muita gente que nas conferencias da Academia de Historia, fundada por el-rei D. João V, de nada mais se tratava do que de assumptos ecclesiasticos!

Puro engano. Por exemplo: na conferencia do dia 22 de outubro de 1722, á qual assistiu el-rei e a familia real, dia em que se distribuiram pelos socios medalhas commemorativas da fundação d'esta Academia, fallou José da Cunha Brochado ácerca d'uma collecção de tractados com diver-

[94] Roma, 1868.

sas potencias, que fôra encarregado de colligir. Seguiu-se Joseph Soares da Silva, que discorreu ácerca da «Historia d'el-rei D. João I», na qual estava trabalhando. Fallou depois d'este Fr. Lucas de Santa Catharina, a respeito dos grão-mestres portuguezes na ordem de Malta. Em seguida Manuel de Azevedo Fortes fallou a respeito das cartas chorographicas e prelazias de Portugal, e terminou a conferencia o dr. Manuel de Azevedo Soares ácerca das «Memorias para as côrtes de Portugal.»

Vejamos agora quaes os assumptos da conferencia immediata, em 5 de novembro do mesmo anno.

D. Manuel Caetano de Souza informou a Academia de que estava trabalhando no «Catalogo dos bispos portuguezes que tiveram dioceses fóra de Portugal.» Tomou depois a palavra Manuel Dias de Lima, e participou que estava escrevendo uma «Historia d'el-rei D. Manuel.» Seguiu-se Manuel Pereira da Silva Leal dando conta dos seus trabalhos litterarios durante os ultimos 6 mezes. Percorrera o paiz, disse elle, examinara o monumento commemorativo do voto d'el-rei D. Affonso Henriques antes da tomada de Santarem: visitara o mosteiro da Batalha, fôra examinar

uma inscripção romana em Pombal: fizera estudos no archivo da camara de Coimbra, de cujos documentos mais importantes já tinha remettido informação á Academia: fizera o inventario das bullas e documentos mais apreciaveis d'aquelle cartorio, e o mesmo praticara ácerca do cartorio do mosteiro de S.ta Cruz de Coimbra. Organisara tambem o indice dos papeis importantes da Sé d'aquella cidade: e encontrara noticia d'alguns concilios que escaparam á diligencia do cardeal Aguirre. Fôra tambem examinar os documentos de Lorvão e do collegio de S. Bernardo. Examinara posteriormente os archivos da Guarda, Celorico, Assores, Belmonte, Covilhã, Caria, Alpedrinha, Castello Branco, Villa do Rei e Abrantes, tendo encontrado muitas inscripções romanas, gothicas e outros muitos objectos dignos de apreço.

E D. João V quasi sempre assistia a estas conferencias acompanhado muitas vezes da familia real.

D. João V falleceu no dia 31 de julho de 1750. Dizem que houvera difficuldade em se encontrar o dinheiro necessario para o enterro. Não admira. O rei de Portugal fôra um gastador de quantias fabulosas. Lembrêmo-nos, porém, da grande protecção concedida ás artes e ás lettras, e que o

nome d'este rei é immorredouro, porque o immortalisa a fundação de tantos monumentos perduraveis, verdadeiras maravilhas em todos os tempos, e como tal consideradas até pelos estrangeiros. [95]

Rematemos agora este trabalho com as seguintes palavras do grande Alexandre Herculano:[96] «Houve entre nós um rei nascido com indole generosa e magnifica: foi D. João V. Favoreceu a fortuna a generosidade do seu animo. Durante o reinado d'este principe, as entranhas da America pareciam converter-se em ouro, e a terra brotar diamantes para enriquecerem o thesouro portuguez, e o nosso primeiro rei do seculo XVIII poude emular Luiz XIV, em fasto e magnificencia. Ha, porém, differença entre os dois monarchas. Luiz XIV, mais guerreador que guerreiro, malbaratou o sangue de seus subditos em conquistas estereis. D. João V, mais pacifico que timido, comprou sempre, sem olhar ao preço, a paz externa dos

[95] V. Histoire de l'Academie Royale des Sciences de Paris: an 1772. Deuxiéme partie.
[96] A. Herculano: Panorama de 1843, pag. 189.

seus naturaes. Luiz XIV levou a altissimo gráu de explendor as lettras e as sciencias: D. João V tentou-o, mas ficou muito áquem do principe francez. Devemos, todavia, lembrar-nos de que Luiz XIV era senhor d'uma vasta monarchia, e D. João V rei d'uma nação pequena. Uma litteratura extensa, e ao mesmo tempo vigorosa, só apparece onde ha muitos homens. É como a grande cultura, que só póde fazer-se em opulentas propriedades e dilatados terrenos.»

A tão sensatas reflexões do grande mestre, só tenho, na qualidade de portuguez amante de tudo quanto é de gloria para o meu paiz, o fazer votos para que uma aureola de gloria cinja sempre o nome de D. João V, em Portugal o maximo protector das artes e das lettras.

FIM

PORTUGAL E OS ESTRANGEIROS

POR

Manuel Bernardes Branco

Esta obra divide-se em 3 partes: a 1.ª é um diccionario de todas as obras que até hoje se tem escripto no estrangeiro ácerca de Portugal e dos portuguezes.

Este diccionario porém não se limita á simples enunciação dos titulos das obras e nomes dos auctores. Se assim fosse não passaria d'um mero livro de consulta: mas o seu fim é mais vasto, e por isso, depois das indicações biographicas e bibliographicas sobre os auctores e as obras, vem a traducção dos seus trechos mais notaveis, mais importantes, mais curiosos. E sempre que a leviandade, a mentira, ou á parcialidade d'esses escriptores quer falsear a historia, ou accusar-nos faltas, defeitos e vicios apenas imaginarios, o auctor portuguez refuta energicamente essas calumnias, destruindo com argumentos as injustiças que se nos quer fazer. Assim, *Portugal e os estrangeiros* offerece uma leitura agradabilissima, porque é como um cosmorama em que se vêem perpassar as opiniões diversissimas,—umas absurdas, outras verdadeiras,—de perto de 2000 estrangeiros de differentes épocas,—que a tal numero sóbem as obras publicadas nos outros paizes expressamente consagradas a Portugal e a assumptos portuguezes.

Portugal e os estrangeiros é um d'aquelles livros que em qualquer pagina em que o leitor o abra, lhe offerece uma leitura que lhe prende a attenção, e o obriga insensivelmente a folheal-o por muito tempo. Rara é a pagina em que não se encontra transcripta uma curiosidade, uma opinião disparatada d'um escriptor, uma descripção do antigo viver da sociedade portugueza, uma gloria d'algum compatriota nosso. Agora é um estrangeiro que animado do mais singular affecto pelos portuguezes, escreve de nós as coisas mais lisongeiras, pondo-nos na corôa das nuvens; depois é um que nos chama, com a mais penhorante amabilidade, o povo mais porco de todo o mundo; em seguida, outro que se extasia ante as riquezas artisticas de Portugal, e que as estuda, as descreve e as conhece, muito melhor do que nós. Mais adiante, outro que sacrifica toda a sua fortuna á publicação d'uma obra monumental relativa ao nosso paiz. Finalmente, perto de 1000 paginas todas n'esse genero, todas com essa variedade interessantissima de opiniões, de pontos de vista differentes, de apreciações oppostas.

A 2.ª parte é um *Diccionario das obras portuguezas que teem sido traduzidas em linguas estrangeiras.*

A 3.ª parte consta de *Noticia das recordações e monumentos existentes nas cinco partes do mundo, e levantados pelos portuguezes ou erigidos em honra d'elles.*

E a 4.ª parte é uma *Noticia dos portuguezes que no estrangeiro se distinguiram nas lettras e nas sciencias, seguida d'uma resenha das obras portuguezas reimpressas repetidas vezes nos paizes estrangeiros.*

Por aqui se vê que o *Portugal e os estrangeiros*, ao passo que é uma obra interessantissima para se ler, utilissima para se consultar, é tambem um verdadeiro monumento levantado ás glorias nacionaes, e que demonstra brilhantemente quanto o nome portuguez tem sido em todos os tempos exalçado pelos estrangeiros, e quanto elle ainda se impõe em todo o globo, ao contrario do que muita gente hoje acredita.

A obra fórma 2 grossos volumes com 1200 paginas, em formato de 8.º grande, adornados de 9 excellentes retratos de estrangeiros a quem podêmos chamar benemeritos de Portugal.

O seu preço que era de 6$000 réis, acaba de ser reduzido a 4$000 réis, com o fim de se facilitar a vulgarisação d'uma obra tão patriotica.

A venda na livraria do editor Antonio Maria Pereira, rua Augusta, 50 e 52, Lisboa.

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00033 8356